

NOVA SÉRIE



REVISTA DA MAIA 2025

Revista Cultural da Câmara Municipal da Maia

ANO X #1
DIRETOR: MÁRIO NUNO NEVES

maia  CULTURA

Índice

5

Textos Introdutórios

10

Moreira da Maia em 1785

José Augusto Maia Marques

24

Dispersos do Jornal da Maia - 1985/86

Álvaro do Céu Oliveira

38

Serafim Cruz

O Poeta Lavrador

José Teixeira

Um Maiato Singular

Manuel Tonel Marques

52

**Estórias da Cooperativa Popular
de Moreira da Maia: arquivo de família**

Rafaela Moreira

68

**No 50º aniversário da ESAS - Histórias,
vivências e experiências, 1989-1995**

Rui Teles de Menezes

92

**Caminho de Santiago, por uma maiata
de alma e coração**

Marta Esteves

102

Notas de Leitura

127

Ficha Técnica





Esta edição da Revista da Maia, publicada no presente ano, honra as anteriores edições ao ser um testemunho diversificado do nosso património identitário comum, proporcionando-nos abordagens a factos, experiências, personalidades e instituições, que de uma forma ou de outra, por uma ou outra razão, revelam particular importância para a nossa memória coletiva e que ao aqui serem tratados se libertam do esquecimento a que o passar do Tempo, tantas vezes, condena.

Felicito os Editores e agradeço a todos os autores participantes pelo interessante documento que produziram.

*O Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Maia,
Diretor da Revista da Maia,
Mário Nuno Neves*



A Câmara Municipal da Maia, tem vindo a afirmar o compromisso com a preservação, valorização e divulgação do património histórico-cultural do Concelho. Esta nova edição da Revista da Maia inscreve-se nesse desígnio, reunindo contributos que testemunham a riqueza da memória local e o papel central da cultura na construção da identidade maiata.

Ao longo destas páginas, o leitor encontrará estudos, testemunhos e narrativas que atravessam diferentes épocas, instituições e vivências. São olhares plurais sobre a Maia, que, partindo do passado, reforçam a ligação entre gerações e promovem o conhecimento e o reconhecimento do território.

Esta publicação pretende ser mais do que um repositório de memórias: assume-se como instrumento de cidadania cultural, que valoriza o saber local e estimula a participação ativa da comunidade na salvaguarda da sua história.

A todos os autores envolvidos e a todos os que continuam a contribuir para este projeto editorial com empenho e sentido de missão, deixamos o nosso reconhecimento.

*A Chefe da Divisão de Cultura da Câmara Municipal da Maia,
Sofia Barreiros*



TEXTO DOS EDITORES

Nas páginas que se seguem, convidamos o leitor a embarcar para mais uma viagem singular: a exploração da nossa História local. Num mundo em constante mutação, onde as narrativas globais tendem a ofuscar as raízes que nos unem, acreditamos firmemente na importância vital de preservar e celebrar o património que moldou a identidade maiata.

Cada rua, edifício antigo ou tradição transmitida de geração em geração, encerra um capítulo fascinante da nossa história coletiva. Conhecer o passado da terra não é apenas um exercício de nostalgia. É um ato de profunda compreensão do presente e de projeção para o futuro. Ao desvendarmos as histórias dos que nos precederam, compreendemos melhor os desafios que enfrentaram, as conquistas que alcançaram e a herança que nos legaram.

A Revista da Maia assume, com orgulho e responsabilidade, o papel de guardião desta memória viva. Ao longo dos anos, temos procurado ser um elo de ligação entre as diferentes épocas, dando voz a investigadores, historiadores, entusiastas e, acima de tudo, aos próprios maiatos que carregam consigo fragmentos preciosos do nosso passado.

Esta continuidade, a persistência de um meio de divulgação dedicado ao património (e não só) da Maia, reveste-se de uma importância inestimável. Num cenário mediático muitas vezes dominado pela efemeridade, a Revista da Maia oferece um espaço de reflexão aprofundada, onde as histórias são contadas com rigor e paixão, onde os detalhes não se perdem na voragem do tempo.

Ao folhearem estas páginas, encontrarão certamente ecos de um passado que vos é familiar, mas também descobrirão nuances surpreendentes, factos curiosos e perspetivas enriquecedoras. Esperamos que esta imersão de História Local vos inspire um renovado apreço pela riqueza do nosso património, incentivando a sua preservação e divulgação junto das novas gerações.

Acreditamos que uma comunidade que conhece e valoriza o seu passado está mais preparada para construir um futuro sólido e coeso. Continuaremos, com dedicação, a ser o vosso parceiro nesta jornada de descoberta e celebração da História da Maia.

*Os Editores
José Maia Marques
Rui Teles de Menezes*



Moreira da Maia em 1785

José Maia Marques

Historiador, antropólogo, ensaísta e investigador. Professor Universitário (ap).

“A história faz-se com documentos. Documentos são os vestígios deixados pelos pensamentos e ações dos homens do passado.”

(Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, 1898)

Há uns anos fiz uma intervenção no âmbito da educação histórica que se intitulava “Tudo serve para fazer História”. Aí dei vários exemplos de como podemos aproveitar fontes menos convencionais – moedas, banda desenhada, música – para podermos escrever páginas de História.

Afinal, como referiu Lucien Febvre¹ “A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta de flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que pertence ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.”

O documento de que nos vamos socorrer para este trabalho é um exemplo, por um lado, da diversidade de fontes à nossa disposição, e por outro de como muitas vezes documentos que parecem “sem interesse” acabam por nos permitir preencher lacunas no tecido histórico.

AS COMPANHIAS DE ORDENANÇAS

As Ordenanças eram tropas de terceira linha, significando isto que só entravam em combate depois de o fazerem as tropas de primeira e de segunda linhas.

Criadas por Alvará Régio de D. Manuel, datado de 8 de janeiro de 1508, eram então essencialmente constituídas por mercenários estrangeiros.

Foram reestruturadas por D. João III através do Regimento de 7 de agosto de 1549, sendo que D. Sebastião, pela Lei de Armas de 9 de dezembro de 1590, as reorganizou de uma forma mais completa, introduzindo-lhe o princípio da convocação universal.

Todos os homens entre os 20 e os 65 anos, que não fossem portadores de doenças, ou de deficiências físicas ou mentais, estavam sob a alçada da Lei. Excetuavam-se, como então acontecia nos outros estados, sacerdotes, magistrados, funcionários graduados do governo e algumas profissões significativas.

Como afirma Jorge Cunha Pereira Filho², a Lei de Armas estipulava que cada fidalgo, cavaleiro, escudeiro ou equiparado, devia participar da Ordenança com certos recursos e equipamentos, cuja quantidade dependia da sua renda. E para aqueles que não o fossem, o equipamento que teriam de possuir era, de igual modo, proporcional ao rendimento.

Aquele era normalmente, como neste caso, constituído por peças de armamento – para os escalões de rendimento mais altos, arcabuz ou espada mais lança ou pique mais espada e capacete; para o mais baixo apenas besta ou espada.

Em 10 de dezembro de 1570, o rei introduz uma alteração à faixa etária dos convocáveis, situando-a entre os 18 e os 60 anos.

¹ Lucien Febvre. *Combates pela História*. Lisboa: Editorial Presença, 1985, p. 249.

² Jorge da Cunha Pereira Filho, “Tropas Militares Luso-Brasileiras nos Séculos XVIII e XIX”, em *Boletim do Projeto “Pesquisa Genealógica sobre as Origens da Família Cunha Pereira”*, Ano 03, N.º 12, de 01/mar/1998, págs. 46-80

O esquema geral das Ordenanças era o seguinte: cada Companhia de Ordenanças tinha um Capitão de Companhia, que a comandava, e como vice-comandante um Alferes³ [Figura 1]. Compunham-na, em teoria, dez esquadras com 25 homens, cada uma comandada por um Cabo.

Num patamar intermédio situavam-se os Sargentos bem como aqueles que desempenhavam funções de Escrivão e Meirinho. Nas terras onde houvesse um donatário ou alcaide-mor, esse seria, por inerência, o Capitão-mor. De contrário, competia às câmaras municipais a sua eleição, devendo a mesma ser confirmada pelos corregedores ou procuradores. O Capitão-mor nomeava depois os outros graduados da sua companhia.

Em posteriores remodelações, que iam acontecendo aqui e acolá, o número de soldados foi reduzido para 60 por Companhia, o que fez com que muitas delas se vissem reduzidas a quatro Esquadras de 15 Soldados.

As Companhias reuniam-se em unidades maiores os Terços de Ordenanças sendo que cada um deles agrupava 4 Companhias. A designação "Terço" deriva do facto de esta unidade se compor de 1.000 homens, o que correspondia a um terço do Regimento de Ordenanças, formado por 3.000.

As ordenanças decaíram entre 1580 e 1640, durante a União Ibérica. Contudo, depois da restauração da independência, D. João IV reativa-as como forma de reestabelecer a organização militar.

Em 1764, os Capitães-mores passam a ser escolhidos pelos Governadores das armas, deixando a sua designação de ser da responsabilidade das Câmaras Municipais.

Toda esta estrutura se foi mantendo com leves retoques, tendo sido já no séc. XVIII que, através das Leis de 18 de outubro de 1709, de 21 de abril de 1739 e de 30 de abril de 1758, sofreram uma significativa remodelação⁴. Note-se que este esquema, dado que a partir de setecentos se baseava bastante nas divisões e subdivisões administrativas, muitas vezes teve de adaptar-se a esta realidade, quer na constituição de companhias, quer na de esquadras. Em 1831, por Decreto de 24 de março, as ordenanças foram definitivamente substituídas pela Guarda Nacional.

Já agora, e para terminar esta introdução, duas notas de curiosidade.

No Portugal, Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, de 1913, dizem os autores a propósito das Ordenanças: "Não combatiam senão em guerra de guerrilhas; e se algumas vezes prestaram bons serviços à Pátria, sobretudo durante a Guerra Peninsular, a maior parte delas traziam mais perda que proveito.

Eram mal armados, com todas as armas que podiam ter à mão, insubordinadíssimos, etc., e nas batalhas pouco mais faziam do que despojar os mortos e dar maus exemplos às tropas de la linha. [...] Como a sua arma principal era o chuço, chamavam-lhe muitas vezes os chuços, e por zombaria a chuchadeira."

Finalmente, nota para o facto de a existência das Ordenanças estar muitas vezes plasmada nas designações populares. É vulgar encontrarmos referências à «Casa do Capitão» ou à «Família do Alferes», por exemplo.

Já no que toca à categoria daqueles que exerciam certas funções de comando, evoquemos aqui uma expressão popular que se ouve com frequência perante um disparate dos graúdos: "Essa é de cabo de esquadra". Referência nada abonatória em relação aos cabos de ordenanças...

3 Proveniência das figuras: 1 – Arquivo Histórico Militar, 2 – Wikipedia, 3 a 15 – Arquivo Histórico Municipal do Porto, 4 e gráficos – elaboração própria.

4 Há vários bons trabalhos sobre este tema. Cito dois - o fundamental *As ordenanças e as milícias em Portugal* de Nuno Gonçalo Pereira Borrego. Lisboa: Guarda-Mor, 2006, e, como estudo de caso, *As Ordenanças de um Concelho – Alvarenga*, de António Dias Madureira. Arouca: Associação de Defesa do Património Arouquense, 2014

O PANO DE FUNDO – MOREIRA NAS “MEMÓRIAS PAROQUIAIS”

Na sequência do sismo de Lisboa de 1755, e para saber se houve ou não estragos que ele tenha provocado no país, o Marquês de Pombal, em 1758, ordenou a realização de um inquérito a todas as paróquias de Portugal.

Como “intermediários”, os bispos diocesanos receberam os inquéritos e enviaram-nos aos párocos que, deveriam remeter à Secretaria de Estado dos Negócios do Reino.

Competiu ao Padre Luís Cardoso [Figura 2] organizar todos estes documentos, dando origem a um fundo que vulgarmente se conhece por “Memórias Paroquiais”.

Da resposta do Padre António José de Pinho, cura da freguesia de Moreira, dada a 10 de março de 1758, podemos verificar que Moreira então:

- tinha 222 fogos;
- tinha 869 habitantes, sendo 648 maiores, 101 menores e 120 ausentes;
- tinha 10 lugares, a saber: Pedras Rubras, Gontão, Real, Guarda, Carvalhido, Sendal, Cabo, Couço, Refonteira e Matos;
- os frutos da terra mais abundantes são milho, trigo, feijão e vinho (pouco);
- o terramoto de 1755 foi sentido mas não causou estragos, o que os moradores atribuem aos poderes da relíquia do Santo Lenho;
- no rio Leça pescam-se trutas, barbos, bogas e peixe mais miúdo.

Vamos ver como se nos apresenta Moreira 30 anos depois.

A FONTE

No Arquivo Histórico Municipal do Porto, na Casa do Infante, existe um fundo documental intitulado “Listas das Companhias de Ordenanças do Concelho da Maia”, que contém o registo dos moradores das freguesias que compunham a Companhia, com indicação das profissões, idades, número e nomes dos filhos, para efeito de alistamento na Companhia de Ordenanças.

Estas listas eram o resultado de um recenseamento levado a cabo pelo escrivão e pelos cabos das várias esquadras em que se subdividiavam as companhias. Deste rol, realizados com intuitos militares, para que se conhecessem os homens com capacidade de mobilização com vista a uma rápida formação de corpos de tropas, constavam não só os nomes dos chefes de família e respetiva idade, profissão e rendimento, como o nome da esposa e dos filhos varões e ainda, no caso destes últimos, idade e profissão se fosse caso disso [Figura 3].

Note-se no entanto que estes dados não são constantes, havendo anos em que alguns deles não são apresentados, muitas vezes por ineficiência das pessoas que levavam a cabo o recenseamento.

Para este trabalho socorremo-nos das Listas da freguesia de Moreira. Com o Identificador 354976 e o código 2440, estes dados englobam, além de Moreira, as freguesias de Gemunde, Guilhabreu, Mosteiró e Vilar do Pinheiro [Figura 4].

Embora com valor desigual, existem dados para os anos de 1765, 1785, 1790. 1792, 1793, 1794, 1795 e 1797.

É uma série rica, que merece, num trabalho com outra extensão, uma visão de conjunto. Mas para o presente artigo, escolhemos trabalhar o ano de 1785. Porquê? Porque sendo um dos anos em que os dados estão mais completos, acresce o facto de termos já trabalhado, para esse ano, a vizinha freguesia de Vilar do Pinheiro, o que nos permite estabelecer comparações sempre enriquecedoras.



Figura 1 - Oficial de Ordenanças Divisão Norte 18ª Brigada AHM

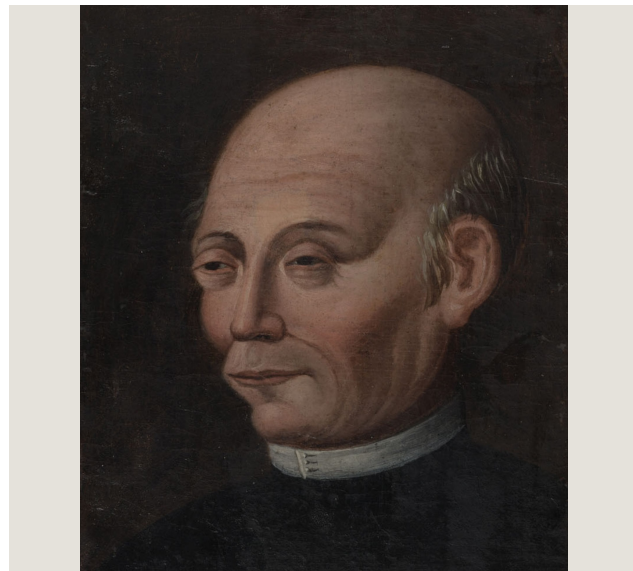


Figura 2- Pe. Luís Cardoso



Figura 3 - Capa e 1ª página do documento AHMP



Figura 4 - Freguesias da Companhia de Moreira

São muitos e variados os dados que podemos retirar deste tipo de documentação. Desde logo a organização da freguesia, já que as esquadras se organizam por lugares. Depois, os agregados familiares e a sua tipologia. Também os habitantes masculinos, o seu escalão etário, o seu rendimento coletável e a sua profissão. Ainda alguns casos curiosos que referiremos no final.

ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

Em 1785 a Companhia de Moreira tinha os seguintes quadros:

- Capitão Mor – O Ilustríssimo Senado da Câmara⁵
- Capitão – Domingos Leonardo Farinha
- Alferes – Manuel de Oliveira Maia
- Sargento de Número – Francisco José da Silva
- Sargento Supra – José de Azevedo

Falta nomear, neste documento, outros cargos que aparecem em outros anos, como é o caso do Escrivão, do Facheiro, do Meirinho, do Depositário, etc. que constituíam a guarnição habitual de uma companhia. Mas haveria anos em que, no momento do recenseamento, esses lugares não estariam preenchidos.

Depois, e no caso de Moreira, cinco esquadras, cada uma comandada por seu Cabo. Vejamos:

- 1ª esquadra, Cabo António Ferreira, solteiro, seareiro, 40 anos, abarcava os lugares de Gontão, Refonteira e Matos;
- 2ª esquadra, Cabo Manuel Gonçalves da Silva, casado, lavrador, 25 anos, abarcava o lugar de Couço [Figura 5];
- 3ª esquadra, Cabo Joaquim José Ferreira, casado, lavrador, 46 anos, abarcava o lugar de Real;
- 4ª esquadra, Cabo Jacinto Pereira da Silva, casado, sapateiro, 41 anos, abarcava o lugar da Guarda.
- 5ª esquadra, Cabo Custódio José Ribeiro, casado, sapateiro, 31 anos, abarcava o lugar de Carvalhido.

Sabemos que Moreira tinha outros lugares, mas dado o seu reduzido número de habitantes estariam certamente englobados nestes que referimos.

CASAS E HABITANTES

Lembrando sempre que estes números são fragmentários, porque só são objeto de recenseamento os habitantes do sexo masculino, temos que, em 1785 foram recenseados 317 indivíduos divididos pelos vários escalões etários [Gráfico 1]. Há um claro predomínio do escalão 10 a 19 (72 indivíduos), seguido do 20 a 29 (68) e do de 40 a 49 (55). No extremo oposto, 4 indivíduos entre os 70 e os 79, e dois respeitáveis anciãos com 80 anos [Figura 6].

O que é que podemos inferir daqui, em termos de uma estimativa populacional? Não está representado o escalão de 0 a 9 anos. Em trabalhos idênticos⁶ verificamos que este anda, normalmente, à roda dos 10% do restante da população. Assim sendo, teríamos 32 indivíduos, subindo o total para 349.

5 Note-se que se trata aqui da Câmara do Porto, e não da Câmara da Maia, dado que esta só conquistou autonomia após as reformas de Mouzinho da Silveira.

6 José Augusto Maia Marques. “Nota sobre as Listas das Companhias de Ordenanças do Concelho da Maia – Freguesia de Vilar do Pinheiro (1764/1797)” in *Boletim Cultural do Ginásio Clube Vilacondense*, nº 4/5, 1979, pp. 43-51 e “Entre o Campo, o Rio e o Mar, profissões e sociedade em Avintes em fins do séc. XVIII”, in *Actas do Fórum Avintense* 2004-2005. Avintes: Junta de Freguesia de Avintes, 2006, pp.89-101.

Esquadra da m^a f^a, de 7^a cabos
 No el. g^o da es.^a com M^a B^a de 2^a - Lavrador 25 500

Figura 5 - 2ª esquadra

Miguel Fr^a com Ant^a M^a - Carpinteiro 80 300

Figura 6 - Cidadão com 80 anos



Gráfico 1 - Escalões etários

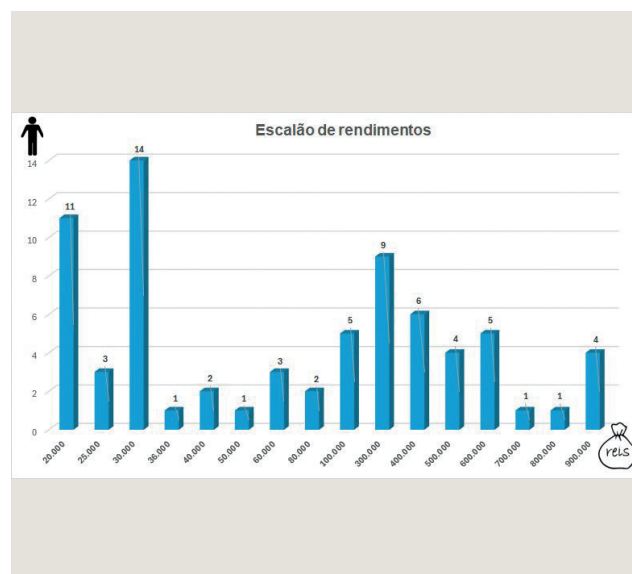


Gráfico 2 - Escalão de rendimentos

Utilizando métodos de correção estatísticos⁷, poderemos deduzir que a esta população masculina corresponderiam cerca de 400 indivíduos do sexo feminino, totalizando assim uma população de 750 pessoas.

Este é o dado que nos parece mais discrepante. Vejamos:

- Memórias paroquiais	1758	869 almas
- Ordenanças	1785	750 almas
- Descrição Topográfica ⁸	1789	1058 almas.

Não nos parece que se possa explicar facilmente esta diferença. Do que vimos, talvez haja algum desacerto, no caso das Memórias Paroquiais, no número de habitantes. cremos que poderá haver algum erro na quantia de “ausentes”, que o pároco contabiliza num número que nos parece exagerado - 120 em 869. Mas não percebemos como é que entre 85 e 89 a população possa ter crescido mais de 300 almas. Ou faltarão dados no recenseamento militar, ou haverá exagero, para mais, na Descrição Topográfica.

Em relação à constituição dos agregados familiares, e tendo sempre em atenção que não há contabilização dos elementos do sexo feminino, exceto a mulher do dono da casa, o maior que encontramos, por duas ocasiões, foi o de pai, mãe e três filhos. Não sabendo se haveria filhas (não mencionadas), este agregado teria pelo menos cinco pessoas [Figura 7].

A maior quantidade é no entanto de casais sem filhos, seguida de casais com um filho.

Em alguns casos, o escrivão inclui no aglomerado criados. Eram certamente trabalhadores que residiam com os seus patrões, e não assalariados externos.

RENDIMENTOS

Dado interessante, para uma caracterização da sociedade de então, é o nível de rendimentos.

O total dos rendimentos coletáveis de Moreira era de 16.521.000 reis. Podemos, com este dado afirmar que estamos perante uma freguesia rica. Vilar do Pinheiro, logo aqui ao lado, e no mesmo ano, somava apenas 3.900.000 reis.

Mas como é que isto se espelhava na realidade?

Aqui [Gráfico 2] verificamos que o panorama é dominado pelo escalão dos 30.000 reis, seguido do de 20.000 e, muito perto pelo de 300.000.

Nos escalões maiores, destaque para a existência de cinco indivíduos com rendimento de 600.000 reis, 1 de 700.000, outro de 800.000 e surpreendentes quatro com 900.000 reis anuais [Figura 8].

Para melhor contextualizar o que estes números representam, sempre diremos que, por esta altura, segundo as listas de preços conhecidas, um galo ou uma pescada custavam 100 reis, um capão 160, uma galinha 200 e um carneiro 600. Uma geira de corpo⁹ custava 120 reis e uma geira de bois 240.

A um rendimento de 200.000 reis por ano, corresponde sensivelmente uma quantia mensal de 16.666 reis. Significa isto que se poderiam comprar, com essa quantia, 166 pescadas ou frangos, ou 104 capões, ou 83 galinhas, ou 27 carneiros.

7 Cândido dos Santos. “A População do Porto de 1700 a 1820” in *Revista de História*, Vol. I, Porto: CHUP/INIC, 1978, p.288.

8 Agostinho Rebelo da Costa, *Descrição topográfica, e histórica da Cidade do Porto*. Porto: na Oficina de António Alvarez Ribeiro, 1789.

9 “Geira de corpo” era o trabalho agrícola feito por um indivíduo, enquanto “geira de bois” (ou de animais) era o trabalho feito com arados puxados por animais.

Aux ^{as}	J. G. ^o com M. ^o M. ^o	Lavrador	52	700	700
	Ant. ^o f. ^o		23		
	J. f. ^o		13		
	Bento f. ^o		11		

Figura 7 - Agregado

J. G. ^o da S. ^a com M. ^o M. ^o	Lavrador	30	900	900
---	----------	----	-----	-----

Figura 8- Rendimento

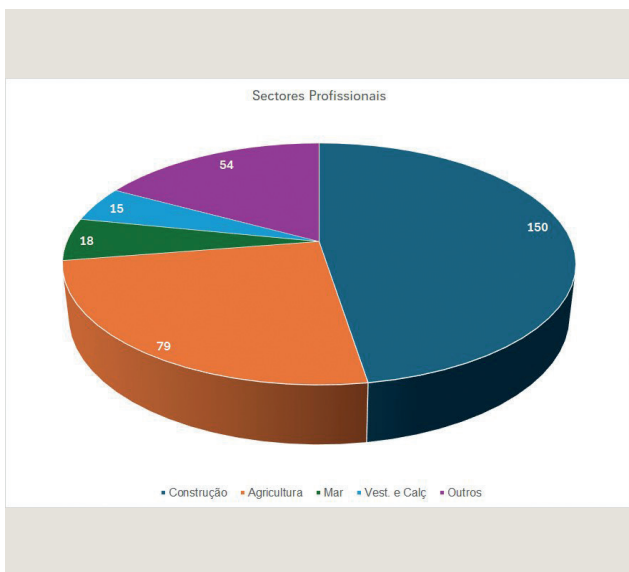


Gráfico 3 - Sectores Profissionais

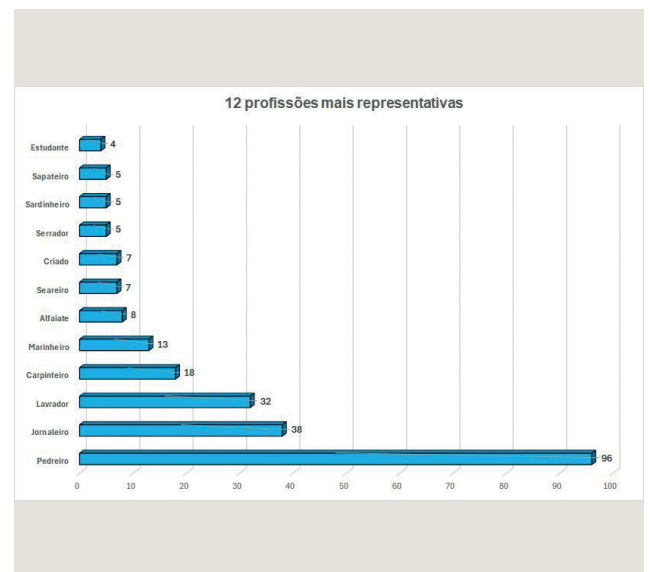


Gráfico 4 - 12 Profissões

Tomando como referência que hoje uma pescada média andarà à volta de 25 euros, isso perfaria uma quantia mensal de 4150 euros.

Atendendo a que quase tudo a terra dava para consumo próprio, tratava-se de um montante muito apreciável.

Agora imagine-se se aplicarmos esta fórmula de comparação esta a quem tinha de rendimento 700, 800 ou mesmo 900 mil reis.

PROFISSÕES

Mais um dado extremamente curioso para caraterizar a sociedade moreirense dos finais de setecentos.

No que respeita aos setores de atividade [Gráfico 3], temos uma clara predominância da construção civil, com 150 profissionais, seguida da agricultura, com 79, do mar, com 18 e do vestuário e calçado com 15.

Analisando profissão por profissão, verificamos que, muito destacadamente, surgem os 96 pedreiros, seguidos dos 38 jornaleiros e 30 lavradores [Gráfico 4].

Surgem depois um pouco atrás os 18 carpinteiros, os 13 marinheiros os 8 alfaiates e os 7 seareiros e outros tantos criados.

Já quase no final há 5 sardinheiros e o mesmo número de sapateiros e serradores 4 estudantes, 3 vendeiros, 3 cirurgiões, e, com 2 cada, barbeiros, tanoeiros, mineiros e caseiros.

Por fim, com um profissional de cada, salteiro, artilheiro, tamanqueiro, praticante, cesteiro, moleiro, escrevente, boticário, escrivão do concelho e escultor.

Dignas de nota algumas destas profissões.

Logo à partida em Moreira moravam cinco profissionais de saúde: um praticante, um boticário e três cirurgiões. Mesmo que os cirurgiões exercessem no hospital de D. Lopo de Almeida no Porto¹⁰, era habitual que também o fizessem em casa. O praticante e o boticário exerceriam também em Moreira.

De referir, por curiosidade, que o praticante era filho do cirurgião José Bento da Silva, morador em Carvalhido. Os outros dois eram António José, de Matos, e Francisco José Rebelo, da Guarda. O Boticário era António José Coelho, de Matos

O escrevente José Ferreira, também de Matos, e o escrivão do concelho António Gonçalves, da mesma localidade, denotam existência de atividade comercial, já que normalmente faziam o que hoje diríamos “expediente” e “contabilidade”.

Os barbeiros (2), alfaiates (8) e sapateiros (5), possibilitavam que os moreirenses andassem apumados e barbeados. Os sardinheiros (5) permitiam abastecer eficazmente a freguesia de peixe fresco.

Quatro estudantes mostram também uma certa dinâmica. Não nos é possível saber qual o grau de estudos, mas era muito vulgar que estudassem em seminários ou em casas religiosas, normalmente os únicos sítios para prosseguir estudos ao tempo.

Muito interessante é a presença de um escultor, Francisco Ferreira, de Matos. Não é profissão que se veja vulgarmente. Nos vários estudos que fizemos sobre o tema não encontramos nenhum.

¹⁰ O Hospital de Santo António só foi inaugurado em 1799.

Presado f.º abt.º

Figura 9 - Ausente

Cart. f.º - abt.º no Brasil - Carpinteiro 24

Figura 10 - Ausente Brasil

Rel. das.º com Rel. das.º - apenas 60

Figura 11 - A pensão

Rel. ironão - Mouco

Figura 12 - Mouco

Seria escultor sacro, “académico”? Seria escultor santeiro mais “popular”? Não sabemos. Mas é curioso que em Moreira, que não era propriamente um local de produção artística, vivesse um escultor.

CURIOSIDADES

Outros dados há que, ou pelo seu tipo de informação, ou porque apresentam discrepâncias, merecem ser referidos.

Este documento mostra-nos que em 1785, 11 moreirenses estavam ausentes, dos quais 6 no Brasil [Figura 9 e 10]. Era vulgar e, atendendo ao que sabemos da Terra da Maia, não é número exagerado, antes pelo contrário.

Vemos também que 7 cidadãos recebiam pensão. Neste documento aparecem com a menção “a pensão” [Figura 11]. É também ocorrência comum.

Em Portugal, no século XVIII, a pensão era uma forma de apoio financeiro, geralmente vitalício, concedida a pessoas que, por algum motivo, não podiam manter-se por si. As pensões podiam ser concedidas por diferentes motivos, como:

Doença ou acidente: por vezes, em função de acidentes ou doenças, poderiam as vítimas ser compensadas através do estabelecimento de uma pensão.

Serviço militar: militares que se tinham aposentado ou que tinham sofrido ferimentos durante a guerra, recebiam pensões para sustentar-se e a sua família.

Serviço público: funcionários públicos que se aposentaram após muitos anos de trabalho, podiam receber pensões para garantir a sua segurança financeira.

Viúvas e órfãos: em alguns casos, viúvas de funcionários públicos ou órfãos de militares também podiam receber pensões para garantir a sua sobrevivência.

Outra curiosidade: de vez em quando encontramos menções a deficiências, como por exemplo mouco [Figura 12], cego de um olho [Figura 13] e falta de vista [Figura 14]. Não se trata de qualquer má vontade, estigma ou preconceito. É que sendo este um documento militar, com vista a uma mobilização geral ou à incorporação nas Companhias de Ordenanças, este tipo de informações é relevante já que se tornavam impeditivas da chamada às fileiras.

Finalmente, a incongruência.

José, de 11 anos, filho de Custódia Maria, viúva, é dado como lavrador com um rendimento de 300.000 reis [Figura 15]. Das duas uma, ou foi lapso do escrivão no que toca à idade, ou ele é herdeiro do pai, já que a mãe é viúva. Mesmo assim é incongruente uma profissão naquela idade. Poderia tratar-se de um erro por simpatia, já que na linha anterior aparece um filho do lavrador José Francisco, chamado Bento, com 11 anos de idade.

CONSTATAÇÕES FINAIS

Do estudo deste documento podemos concluir que Moreira da Maia era, no final do século XVIII, e como já havíamos visto para o século XIX¹¹, uma freguesia progressiva.

Possuindo uma rica e diversificada panóplia profissional, a sua principal riqueza advinha-lhe do trabalho da terra, mas também dos muitos e competentes profissionais da construção.

11 José Augusto Maia Marques, *Moreira da Maia no Século XIX – Segundo o Manuscrito do Padre Joaquim Antunes de Azevedo*. Maia: Câmara Municipal da Maia, 1999.

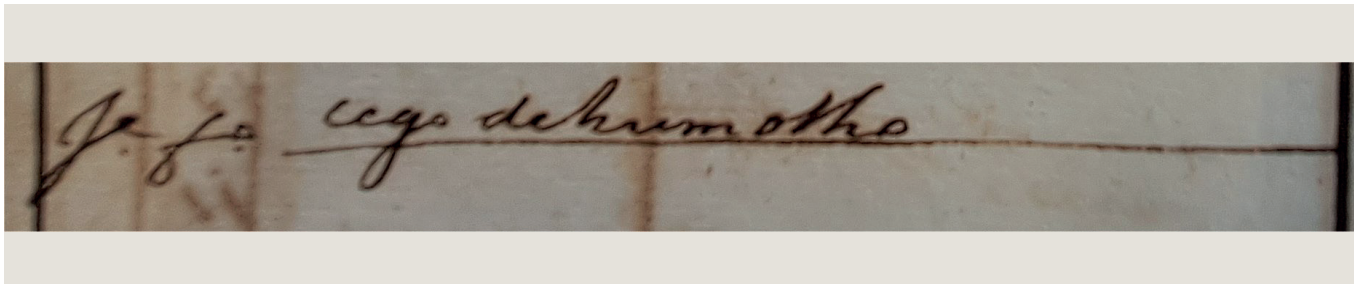


Figura 13 - Cego

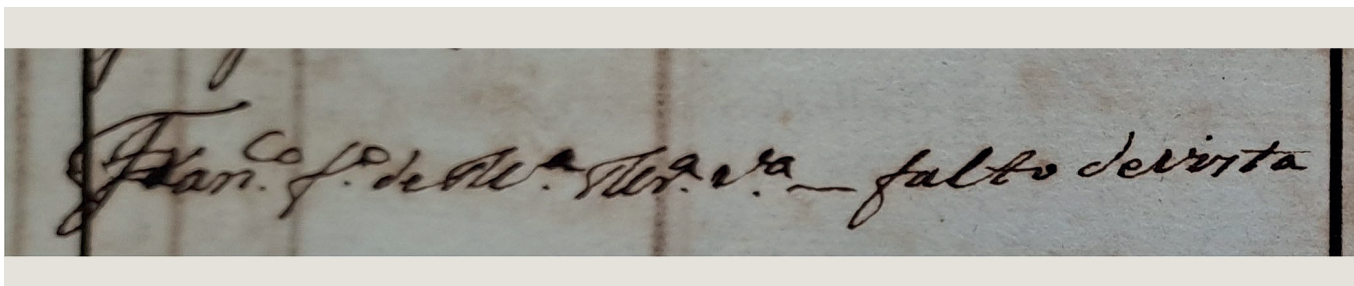


Figura 14 - Falto de vista

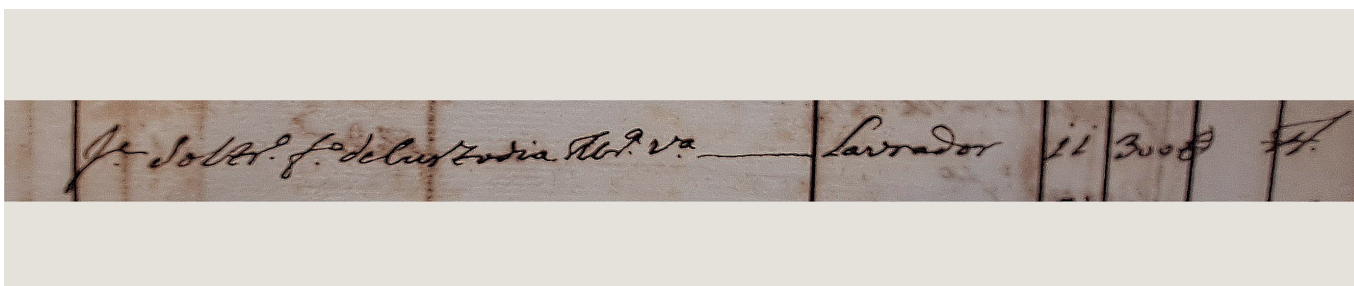


Figura 15 - Incongruência

Ficaram célebres, desde esta altura e por todo o século XIX, até aos anos 50 do século XX, os carpinteiros e pedreiros maiatos, nomeadamente estes últimos, o que aliás se reflete no número destes profissionais – 96 (33% dos profissionais referidos são pedreiros).

Também do mar lhe vinha alguma importância, não só pelos 13 marinheiros que andavam embarcados, mas também pelos 5 sardineiros que abasteciam a freguesia e as suas vizinhas.

Embora em 1785 só nos apareça um moleiro, sabemos que no início do século XIX havia vários. Aliás na porção do curso do Rio Leça que passa em Moreira há vários moinhos.

Lembrando sempre, como no início afirmamos, que deste documento só podemos inferir dados do sexo masculino, dado tratar-se de um recenseamento militar.

Sabemos, por outras fontes, que muitas mulheres trabalhavam na agricultura e muitas outras, a coberto do que mais tarde se chamaria “dona de casa”, cuidariam efetivamente da casa da família, administrando-a, educando os filhos, trabalhando sem descanso para que tudo funcionasse.

Por esta zona haveriam de surgir, nesta altura ou pouco depois, lavadeiras, leiteiras, pinheireiras, cujo trabalho se destinava à cidade do Porto

Enfim, a vida em Moreira corria à sombra do seu milenar mosteiro, e sob a proteção da sagrada relíquia do Santo Lenho.

Porque, como escrevia o Padre António José de Pinho na memória paroquial de Moreira, em 1758¹²:

“Também se experimentou nesta freguesia, o espantoso Terramoto do primeiro de Novembro, de mil setecentos e cinquenta e cinco, com a mesma violência de impulsos que nas mais partes, porém não causou ruína alguma, o que os seus moradores atribuíram à prodigiosa relíquia do Santo Lenho que se venera há muitos séculos na igreja do mosteiro. E por virtude da mesma relíquia, é tradição antiquíssima entre os moradores da freguesia, que nunca nela caiu raio, sendo muito contínuos nas freguesias contíguas, tanto assim que caindo há muitos anos hum raio, no fim dos limites da freguesia, numa arvore queimou dela só a parte que ficava fora dos marcos da freguesia, ficando a outra parte fresca e vigorosa. E por este respeito ainda muitas pessoas das freguesias vizinhas logo que vem ameaços de grandes trovoadas fogem para dentro dos limites desta freguesia de Moreira.”

12 Atualizando a grafia original.

*Dispersos do Jornal
da Maia - 1985/86*

Álvaro do Céu Oliveira

Álvaro do Céu Oliveira, o "Oliveirinha", como era conhecido entre amigos, deixou uma marca indelével na Maia através da sua escrita dedicada à história local. A paixão pela Maia e pelo património traduziu-se numa série de publicações que resgatam e divulgam aspetos cruciais da vida e da evolução do concelho ao longo dos séculos XIX e XX. Para quem estuda e quer saber sobre a Maia, Álvaro é obrigatório.

A sua obra constitui um valioso contributo para a historiografia da Maia. Possuidor do dom da escrita, somos transportados para o quotidiano, os costumes e as transformações sociais, económicas e urbanísticas que moldaram o concelho. Os "Temas Maiatos" são particularmente relevantes, abordando diversos aspetos da história local de forma acessível e envolvente, tornando-se uma referência essencial para quem se interessa pela história da Maia.

Quem consulta o sempre "útil" Jornal da Maia, depara-se com inúmeras crónicas de Álvaro do Céu Oliveira, onde descreve como ninguém, numa visão alargada e ao mesmo tempo minuciosa, o concelho da Maia. Aqui ficam algumas crónicas, na totalidade ou parte das mesmas, no que à Maia diz respeito, publicadas no extinto Jornal da Maia, entre março de 1985 e junho de 1986.

28-3-85, nº 378

TERREIRO DE ANTIGUIDADES

A propósito de um aniversário

Gostaria de deixar bem expresso, antes de começar a desenvolver mais uns apontamentos avulsos que trago por casa acerca do Futebol Clube da Maia, que não é por uma questão de paixão clubista ou menor simpatia que tenho deixado de falar de outras agremiações desportivas concelhias, pois apenas me dei ao cuidado de registar o que aconteceu na área do meu domicílio. E, por certo, ninguém será capaz de me levar a mal.

Com efeito – e como devem saber – vim «desaguar» a esta vila, que de Barreiros se chamou muitos anos, ainda imberbe.

Aqui cresci à vontade do Senhor, aqui criei uma infinidade de amigos, aqui contraí matrimónio, aqui me nasceram as filhas e baptizei os netos, aqui me deixei envolver nos teatros, nas associações católicas e recreativas, aqui me arrastaram para os futebóis, aqui iniciei uma carreira profissional que me desgastou, aqui vivi os momentos mais felizes da minha vida e curti as maiores decepções. Contente ou descontente, o certo é que nunca deixei de anotar tudo quanto à Maia dissesse respeito, e neste tudo, como é evidente, não podia o desporto ser excepção.

Dito isto, julgo desnecessário gastar mais tinta para justificar este aparente desinteresse pelas demais colectividades que pela sua antiguidade e pelo prestígio alcançado entre nós, bem mereciam que lhes desse o tratamento que tenho dispensado ao Maia. Todavia, a porta deste jornal – assim o creio – fica aberta a quem por ela queira entrar.

Voltando ao F. C. Maia, que no próximo dia dois completa trinta e um anos de vida, referirei que após ter sido dirigido, quase dois anos, pelas pessoas por mim mencionadas em anteriores artigos, os primeiros corpos gerentes eleitos, com todos os matadores, saíram da assembleia geral que se realizou na noite de 14 de janeiro de 1956, acto concorridíssimo a que presidiu o prestante Eurico Teles de Macedo, que, imediatamente ao apuramento dos votos, proclamou vencedora a lista confeccionada pela Direcção cessante, da qual figuravam os seguintes nomes:

Assembleia Geral – Álvaro do Céu Oliveira (presidente), Rodrigo Ferreira da Silva (vice-presidente), Afonso Seabra Cardoso e Fernando Alberto Rocha da Costa Maia (secretários).

Conselho Fiscal – Albino Daudet da Costa Mendes (presidente), Ernesto dos Santos Ribeiro (secretário), Artur Raul Marques (relator), Arlindo Maia Seabra Cardoso e Augusto Alves Pinelas (vogais).

Direcção – António Rebelo Monteiro (presidente) [*Figura 1*], Joaquim Dias de Almeida (vice-presidente), Eduardo Teixeira Dias e Manuel Ferreira da Costa Gens (secretários), Armindo Lourenço (tesoureiro), Armando Rodrigues Plácido e José Faro Sarmiento (vogais). Albino do Espírito Santo, Jaime de Almeida e Sousa, Manuel Gonçalves Oliveira, Joaquim da Silva Vicente, Manuel Adriano Rodrigues e Joaquim Alberto Gomes da Costa foram escolhidos para substitutos.

Antes de encerrada a sessão, Álvaro do Céu Oliveira (felizmente – para ele – ainda vivo e com energias para ter sarrabiscado estas linhas) usou da palavra para incitar os associados a cerrarem fileiras com desdobrado entusiasmo, auxiliando os corpos gerentes acabados de eleger, a fim de poderem levar por diante os propósitos de tornarem cada vez maior o jovem e prometedor F. C. Maia, mais honra e orgulho do concelho.

O mesmo Álvaro do Céu Oliveira, por si, e interpretando a vontade da Direcção e de todos os sócios presentes, proporia à Assembleia que, pelos relevantes serviços prestados à colectividade, fossem distinguidos com um voto de louvor os associados Armando Rodrigues Plácido e José Faro Sarmiento, proposta que a Assembleia aprovou por aclamação.

Poucos dias depois deste acto eleitoral, foi entregue à Direcção uma luxuosa bandeira, primorosamente bordada, oferta do amigo do clube, Albino Daudet da Costa Mendes, e um novo equipamento, obtido por iniciativa de uma outra grande dedicação – Ernesto dos Santos Ribeiro.

Antes de fechar estas notas, que já vão longas, recordarei que, por não ter sido apurado para a «poule» final, terminou para o Maia, no dia 27 de fevereiro de 1955, a época oficial. O último jogo efectuou-se em «casa», com o Infesta, e acabou com os grupos empatados a duas bolas. Alinharam pelo Maia: Fernando, Moreira, João e Pinho; Sarmiento e Azevedo; Martins, Luís, Rodrigues, Crespin e Ovarense, cabendo a este jogador marcar os dois golos do Maia.

No louvável intuito de não deixar «enferrujar» a máquina, a Direcção organizou alguns desafios particulares e fez deslocar a sua equipa de honra a outras localidades, designadamente ao Castelo da Maia, onde se realizou um festival de homenagem ao Pedrouços, campeão regional da II Divisão, em que também militava o Castelo. Nos desafios realizados, o Maia e o Pedras Rubras (ambos da 3ª Divisão) estavam empatados a uma bola no fim dos noventa minutos regulamentares, mas no prolongamento os homens da sede do concelho não se aguentaram nas «canetas» e perderam por 3-1.

Para remate do festival, presenciado por muitas centenas de pessoas, o Dr. Carlos Pires Felgueiras, inesquecível presidente do município, entregou ao capitão do Pedrouços uma plaqueta de prata, cinzelada com as armas da Maia, em homenagem ao campeão da II Divisão.

11-7-1985, n.º 393

EVOCAÇÃO DE UMA ROMARIA

Hoje, sábado, 13 de julho, tem início a romaria de Nossa Senhora do Bom Despacho, que se prolongará no dia de amanhã.

Era assim, sem tirar nem pôr, que um matutino portuense anunciava, no já distante ano de 1912, a realização de uma das características festividades nortenhas, efectivamente digna de ser apreciada pela quantidade de ranchos que, ainda mal a manhã clareava no horizonte, caminhavam em direcção da igreja de Barreiros, onde se venerava (e continua a venerar-se com fervor) a imagem da Rainha dos Navegantes.

De tal forma esses grupos se identificavam com a romaria que ao transporem os limites da vila as ruas animavam-se e alegria invadia a população, sem necessidade de estoirar os morteiros nem pôr na rua os zabumbas para tirar da cama os foliões que se deitavam pela madrugada.

Depois – depois de saudada a Senhora – espalhavam-se os romeiros pela quinta do Gramaxo, local aprazível e ensombrado por seculares sobreiros e carvalhos, ao redor dos quais se abrigava a maior parte das barracas do comes e bebes e se vertiam águas durante o dia, porque as vedações da seara nem sempre ficavam a jeito...

Lá mais para o fundo (lembram-se?), no pátio e na eira, o povo, apinhado e a transpirar por todos os poros, assistia às danças tradicionais da região, compreendida entre o Douro e o Ave (quem disse que a terra da Maia se extinguiu?), animadas pelas tocatas que lhes marcavam o compasso.

Para tornar ainda mais alegre o rodopio, lá estavam os cantadores a fazer uso das trovas como esta, tanta vez entoada por seus avós:

*Senhora do Bom Despacho
Despachai-me a petição:
Dai-me noivo ou noiva breve
Que me quadre ao coração.*

Deixemo-nos, porém, de deambulações próprias de quem ostenta cabelos mesclados de preto e branco e entremos no programa que os festeiros organizaram precisamente há 73 anos.

No sábado, ao meio dia, começavam a ouvir-se os harmoniosos acordes da banda de música de Gueifães. De tarde, às 17 horas, quando o sol ainda apertava e a limonada, fresquinha e boa, era reclamada pelo pessoal que aguardava o despique musical, deu entrada a banda dos Bombeiros Voluntários do Porto, garbosa na apresentação e aprumadinha nos elementos que a compunham.

À noite, os forasteiros admiraram a iluminação de copinhos à veneziana, que se estendia desde a igreja ao Picoto e da quinta dos Cónegos ao Pinhal.

No preciso momento em que no campanário caía a última badalada da meia-noite, três «puns», muito fortes, alertou o arraial de que iria dar-se começo à sessão de fogo de artifício, a que não faltariam «lágrimas» multicolores, «tiroteio» de fazer ensurdecer no espaço «bolinhas» vermelhas e verdes, condizentes com os ventos republicanos que sopravam de todos os quadrantes.

Com se tudo isto não sobejasse, quatro pirotécnicos puseram a assistência especada e de boca aberta a ver o fogo de bonecos, coisa que alguns diziam ter artes do dianho.

Domingo, rezou-se uma missa às 6 horas, e às 10:30 seguiu-se-lhe outra cantada grande instrumental pela capela Santos Leite, tendo ao Evangelho subido ao púlpito o aluno laureado da Universidade de Coimbra, Rev. Dr. Carvalho Maia, que deixou fama e foi muito gabado.

Quanto ao templo, visitado por milhares de pessoas, por simples curiosidade ou para fortalecimento da sua fé, achava-se luxuosamente decorado pelo armador Alberto Pereira. Contudo, o que mais regalou os olhos de todos foi o altar da Virgem, «profuso de luzes e flores, que subiam num improvisado trono».

Aliás, em toda a igreja as flores encontravam-se artisticamente dispostas, oferecendo um aspecto maravilhoso.

Justo é, portanto, que nos descubramos em memória de nossos antepassados, que tão zelosa e acrisoladamente cuidavam da Casa do Senhor, e aproveitemos a deixa para louvar as incansáveis senhoras da Maia, que operando autênticos prodígios de imaginação artística não permitiram que se apagasse tão encantadora tradição, antes a conservaram mais acesa, o que quer dizer que muito

têm ajudado a aumentar a devoção a Nossa Senhora do Bom Despacho e a tornar mais conhecidas as festas do concelho [*Figura 2*].

Tanto bastará – assim o penso – que esta raça de mulheres beneméritas se sinta recompensada do esforço bairrista e piedoso que vem despendendo no enfeite da sua igreja matriz.

Como apontamento final, referirei, de raspão (não por receio de incorrer no desagrado de um ou outro leitor mas por me parecer inoportuno fazê-lo neste período de paz e de festa) que o andor da Virgem esteve exposto à veneração dos fiéis na igreja, daqui não podendo sair. É que, por motivo da nova política, ou dos políticos que tão mal a serviam, não foi permitido organizar a procissão.

5-9-1985, n.º 401

ONTEM E HOJE

3. Sábado transacto, no pino do dia, passei uma vez mais pelo Parque de Nossa Senhora do Bom Despacho, aprazível de mais, ao que parece, para uma parte da população da vila, pois raramente o visita.

Como sempre tem acontecido, fiquei francamente impressionado com a sua beleza, o seu arranjo e o seu aproveitamento. Na verdade, tudo ali (restaurante incluído) cheira a «Primavera», que é como quem diz, a verdura, a asseio, a higiene e a bom gosto.

Porque toda aquela belíssima obra foi feita sem intuítos de promoção pessoal, ou seja, sem demagogia e sem pretensões desmedidas, bem merece a Junta de Freguesia, capitaneada por esse moço afável, dinâmico e de puros sentimentos que é o Carlos Teixeira, uma palavra de muito apreço pela acção que vem desenvolvendo e, mais que isso, que os Maiatos (sem distinção de «clubes») exijam a reeleição de tão coesa equipa, das melhores que até hoje têm defendido as «cores» da sua terra e propugnado pelo seu progresso.

5. Quem diria há trinta anos que o Grémio da Lavoura, agora transformado em cooperativa, iria conhecer a expansão que hoje lhe vemos?

E quem se lembrará que foi precisamente em 1955 que a Direcção do dito Grémio, composta pelos «carolas» Manuel dos Santos Lessa, Domingos da Costa e Silva e Guilherme de Sousa e Silva, percorreu o concelho, a fim de angariar fundos para a nova sede daquele organismo, instalada na Travessa Dr. Carlos Pires Felgueiras?

12-9-1985, n.º 402

ONTEM E HOJE

1. Talvez o leitor não saiba que a maior festa que se fazia em Nogueira da Maia, no século passado, era em louvor a S. Bartolomeu.

Acerca desta festividade, a que concorriam em grande número os povos circunvizinhos, deparei com o registo de um ofício do administrador do concelho, datado de 2 de setembro de 1844, participando ao governador civil um incidente ali ocorrido e que teve por causa uma ramada da propriedade do respectivo pároco, cujo uso de terreno os Nogueirenses pretendiam assegurar para se abrigarem do sol escaldante do Estio. Esta reivindicação, que parecia de pouca monta, acarretaria uma certa tensão na freguesia.

Com efeito, ante a resistência do padre (que não queria ceder) e a dos paroquianos (que não aceitavam a argumentação invariável do abade), este não esteve com mais aquelas e vá de encher o dito terreno de lenha, na intenção evidente de privar as pessoas «acaloradas» de se porem debaixo da ramada.

Todavia, no dia 23 de agosto, véspera de S. Bartolomeu, o juiz eleito, baldados os esforços de conseguir um entendimento amigável, pediu ao regedor que o auxiliasse, com os cabos de ordem, a retirar do terreno a lenha que o obstruía.

Desferida a pretensão, aqueles agentes desfizeram os castelos das achas e mais lenha que ali se encontrava. O povo louvou a decisão do senhor juiz, o pároco não gostou da «sentença», e o resto não valerá a pena contar...

Dezoito anos depois surgiria novo problema. Desta vez pretendeu-se erguer no mesmo adro uma espécie de teatro para se representar uma comédia no dia de S. Bartolomeu.

Como por ali teria de passar a procissão, e no intuito de evitar desaguisados ou profanações lamentáveis, achou por bem o administrador advertir o regedor de que o espectáculo só seria consentido desde que os mordomos ou pessoas influentes da freguesia lhe apresentassem a devida e legal autorização.

Como a «papeleta» não foi exibida e a fama da «companhia» teatral deixasse um tanto a desejar, os comediantes ficaram impedidos de dizer as loas que tinham decorado e inibidos de mandar para a assistência as asneiras com que a tencionavam distinguir.

19-9-1985, n.º 403

ONTEM E HOJE

5. Faz hoje 128 anos que o Presidente da Câmara Municipal, José Maria da Fonseca Almeida Campo Verde, assinou um edital determinando que, em conformidade com a Portaria de 24 de julho de 1856 e enquanto não se estabelecesse um Matadouro na Maia, era considerado matadouro público, interinamente, o talho do marchante Joaquim da Rocha, do lugar de Pedras Rubras, da freguesia de Moreira.

Também no pretérito sábado passaram-se 111 anos sobre o pedido formulado pela Câmara Municipal, da presidência de José Vitorino da Ferreira, ao director da Companhia do Caminho de Ferro do Minho para interceder junto do ministro das Obras Públicas no sentido de se construir uma passagem superior ao caminho-de-ferro, no lugar de Leandro, freguesia de S. Pedro Fins, onde o caminho-de-ferro, no perfil 162, cortava o caminho vicinal utilizado por todos os povos das freguesias mais próximas, que ficavam ao lado do poente e norte, quando iam à feira do Có (três vezes por mês) e à de Alfena, e outras.

Esclarecia o presidente que, fundado nas conveniências públicas e gerais, a passagem de nível em apreço deveria ser superior e nunca inferior, por ficar mais barata. Se assim acontecesse a Câmara oferecia, desde logo, toda a pedra necessária que, segundo os cálculos feitos, importaria numa verba nunca inferior a duzentos e cinquenta mil réis.

26-9-1985, n.º 404

ONTEM E HOJE

4. Para assinalar a esplêndida aquisição de uma viatura motobomba, promoveu a Associação dos Bombeiros Voluntários de Moreira da Maia, na noite de 21 de setembro de 1935, uma récita no salão nobre da corporação, a que se seguiu no dia imediato, um programa festivo que despertou a atenção e o interesse de centenas dos seus simpatizantes.

Assim, de entre outras solenidades, procedeu-se da parte da manhã, no Largo do Exército Libertador, ao baptismo da viatura, sendo padrinho o menino António Lopes Ramalhão (sobrinho do senhor Joaquim Ramalhão) e madrinha a senhora D. Izeda Paiva Cerdeira; às dez horas, na parada do interior do quartel, ao toque de continência, formou em sentido o corpo de bombeiros



Figura 1 - António Rebelo Monteiro, a discursar na Festa da Subida à II Divisão Distrital 1967-68



Figura 2 - Trabalho realizado pelas zeladoras na Igreja Matriz da Maia, por altura da Festas do Concelho, 1984



Figura 3 - António Jose Moreira, Mestre-Clara 1892-1957

para ouvir, pela primeira vez, o Hino dos Bombeiros Voluntários, executado pela Banda de Música de Moreira, cerimónia, a que compareceu, também, com o seu uniforme típico, o Rancho Regional de Moreira, de fundação recente, dirigido pela senhora D. Maria José de Magalhães, filha do senhor Conselheiro Luís de Magalhães.

Depois, prestou-se significativa homenagem ao senhor António Moreira (Clara), proprietário da Banda dos Bombeiros Voluntários de Moreira [Figura 3]. Da parte da tarde realizou-se o anunciado festival na Quinta do Mosteiro, animado por um grande leilão de prendas, tómbola, descantes populares e concerto pela filarmónica local.

Escusado seria dizer que o (então) tenente Carlos Moreira, um dos maiores entusiastas da corporação, de que foi distinto comandante, teve uma parte muito activa e preponderante na realização deste festival.

5. Há precisamente 138 anos o administrador do nosso concelho, António Ventura de Azevedo Sousa, devolveu ao governador civil do Porto os autos de recurso em que era recorrente Manuel Gonçalves do Rego, da freguesia de Moreira, e recorrida a Câmara da Maia, esclarecendo-o, ao mesmo tempo, que o recorrente era estalajadeiro e construíra junto da sua casa, sobre a estrada, uma ramada «e debaixo dela umas manjedouras para as bestas dos passageiros».

Entendia, todavia, que nem uma nem outra coisa deveria ali consentir-se, «tanto porque obstrui a passagem como afeia o sítio, que tem sua beleza e onde se faz um bom mercado público duas vezes por semana, e mesmo porque prejudicava os vizinhos, aos quais incomoda a entrada das suas casas». Daí que, em seu parecer, jamais devessem ter permitido que o Gonçalves Rego estabelecesse aquela ramada. Se a tanto se atreveu foi por se ter aproveitado do tempo da Junta rebelde, em que um seu filho, ajudante do batalhão da Maia, «prendia a quem queria e ameaçava de, o fazer a todos», embaraçando, assim, pelo medo, «que os vizinhos obstassem aquela obra que, na verdade, é escandalosa».

Ramadas e mamarrachos construídos sem aprovação camarária e sem a respectiva licença nas «barbas» da fiscalização, favoritismos e prepotências, como veem, não são de agora, mas de todas as épocas e de todos os regimes, quando se lhes dá liberdade para tal.

Razão tinha o falecido Juvenal Costa no seu constante desabafo, tornado em legenda para nós: Pobre Portugal!

3-10-1985, n.º 405

ONTEM E HOJE

2. O caminho-de-ferro de via reduzida do Porto à Póvoa de Varzim, primeiro do género que se construiu no nosso país, exclusivamente devido à iniciativa particular, foi inaugurado no dia 2 de outubro de 1875.

Fez, portanto, ontem cento e dez anos qua às onze horas da manhã partiu da estação da Boavista o comboio nº1, composto de treze carruagens, sendo onze de primeira classe e duas de segunda, tiradas pela máquina «Rio Douro».

Poucos minutos depois pôs-se e marcha o comboio nº2, com nove carruagens de segunda classe e três mistas, puxadas pela máquina «Rio Ave».

Conquanto todas as estações ou apeadeiros se mostrassem embandeirados e adornados de mastros enflorados e arcos, foram precisamente as estações de Pedras Rubras, Vila do Conde e Póvoa de Varzim as que mais se estremaram na comemoração da efeméride.

Em Pedras Rubras, para além das ornamentações, houve foguetório rijo e estiveram presentes

muito povo, a Banda de Moreira e um grupo de raparigas, com os seus bonitos trajes característicos, que ofereceu ao presidente do Conselho (Fontes Pereira de Melo) [Figura 4] e ao ministro das obras públicas (Cardoso Avelino) pequenos palmitos enfeitados de flores.

A fim de evitar qualquer perturbação da ordem pública, o regedor de Moreira destacou para a estação de Pedras Rubras doze cabos armados, que ali se mantiveram desde manhã até ao meio dia, a que se juntaram outros tantos, das doze até à noite, precaução que poderia ser evitada, dados os sentimentos cordatos do povo maiato.

Pese embora o facto de alguns utentes terem achado cara as tarifas estabelecidas pela companhia, o certo é que elas nada tinham de exageradas.

Com efeito, cobravam pela viagem inteira 480 réis (em primeira classe) e 300 réis (em segunda).

Porém, quem quisesse viajar até Vila do Conde, os preços desciam para 420 e 240 réis, respectivamente.

Quase de «borla»!

10-10-1985, n.º 405

ONTEM E HOJE

3. Na sexta-feira, dia 14 de outubro de 1872, pelas nove horas, reuniu-se na Administração do Concelho da Maia a Comissão de Expropriação dos Caminhos de Ferro com os proprietários dos terrenos de Águas Santas e S. Pedro Fins, incluídos no segundo lanço do Caminho-de-Ferro do Minho, a fim de se estabelecer o contrato e lavrar os respectivos termos de expropriação.

Da lista daqueles proprietários constavam os nomes do P. António Moutinho, Manuel Moutinho, D. Antónia Toscano e José Martins Branco, da freguesia de Águas Santas e António Marques de Assunção, Francisco Luís de Almeida, José Luís da Silva, António Moreira Maia, Manuel André da Silva e António José Assunção, de S. Pedro Fins, a que se juntaria, depois, o P. Manuel José Assunção.

Embora, em princípio, fossem postas algumas objecções pelos donos dos terrenos, as expropriações fizeram-se sem dificuldade, o que era normal acontecer nas terras da Maia, quando urbanismo e a ganância ainda eram mal conhecidos das suas gentes.

4. Curiosamente, também no dia 14 de outubro, mas do ano de 1904, a Câmara Municipal da Maia remeteu ao Governo uma representação a solicitar-lhe a construção da linha férrea da Cintura, desde Contumil ao porto de Leixões, que, como se sabe, viria a atravessar Águas Santas.

Este pedido, indiscutivelmente do maior interesse para o concelho, seria reforçado em 7 de maio de 1906, através de um ofício em que se transmitia o parecer da Câmara de que nenhum outro traçado da referida via poderia «aproveitar tão vantajosamente ao desenvolvimento do comércio e indústria e comodidade da população do Norte do País e forasteiros».

E a verdade é que os silvos estridentes das reduzidas locomotivas, da reduzida via de Cintura, não tardaram a fazer-se ouvir entre os verdejantes montes e os campos cobertos de papoilas da milenária Águas Santas.

17-10-1985, n.º 406

ONTEM E HOJE

4. No próximo domingo completam-se cinquenta anos sobre a data da inauguração do campo de futebol do Sporting Clube Baliense, a cujos destinos presidia o senhor Abel Lourenço [Figura 5], dirigente que desenvolveu intensa actividade para que o novo parque desportivo pudesse ser

considerado o melhor de quantos existiam na periferia portuense.

Como não podia deixar de ser, fazia parte do programa festivo um desafio de futebol, e um outro de andebol, ambos animados pela banda de música do Asilo do Terço, pois sempre que o marcador funcionasse executava um ligeiro fragmento de qualquer marcha popular.

Este campo, que se situava em Catassol (um pouco adiante das Alminhas), possuía 104 m de comprimento por 64 de largura, o que quer dizer que apresentava as medidas exigidas para jogos internacionais.

Bem vistas as coisas – até porque os pedidos de participações para empreendimentos desportivos, naquele tempo, não alcançavam qualquer sucesso – chegamos à conclusão de que os antigos eram arrojados e... atrevidos.

9-1-1986, n.º 419

ONTEM E HOJE

1. Em 1855 andaram os povos da Maia e Bouças alarmados com a actividade de uma quadrilha de ladrões sediada na Campa do Preto.

Porém, para um dos membros daquele bando, a entrada do ano de 1856 não podia ter sido mais aziaga.

Com efeito, no dia 1 de janeiro, mal o dia despontara, alguém o encontrou, quase morto e de bruços, num sítio ermo de que a Maia era fértil por esse tempo.

Conduzido de padiola à cadeia do Castelo, ali viria a falecer, não sem que, antes de se despedir desta terra por onde espalhou a insónia e o terror, houvesse denunciado os nomes dos seus camaradas de ofício, talvez porque os remorsos lhe oprimissem o coração.

Embora não tivesse partido de consciência limpa e tranquila, o aludido salteador consegue, mesmo assim, prestar um serviço, de certo modo relevante, à sociedade de que tanto se alheara.

2. Ainda no começo de 1856 puderam os maiatos apreciar um espectáculo que a natureza raramente lhes oferece: a queda de neve.

Não foram abundantes os flocos que se soltaram das nuvens, pelo que o manto branco, por todos saudado com alegria e que provocou o delírio entre os mais jovens, não ultrapassou a altura de uma polegada. Isto nos terrenos planos, já que nas árvores a neve não se deteve por ser pesada como o sal.

6-3-1986, n.º 426

ONTEM E HOJE

3. Durante muitos anos, nomeadamente, nos alvares do regime republicano, as escolas de instrução primária promoviam a Festa da Árvore que, nalgumas localidades, chegou a atingir fama e brilhantismo [*Figura 6*].

Para não ir mais longe, assim acontecia em Vermoim, onde as professoras das escolas de ambos os sexos, coadjuvadas por uma comissão representativa de todos os cidadãos da freguesia, tudo faziam para, orgulhosamente, serem apontadas como as organizadoras do melhor programa concelhio.

A talho de foice, lembrarei que no dia 9 de março de 1913 andaram os vermoinenses envolvidos na «febre» da festa. Daí que anunciassem a alvorada com uma girândola de foguetes de estrondo assustador e contratassem uma filarmónica completa para, às 13 horas prefixas, executar junto do



Figura 4 - Fontes Pereira de Melo

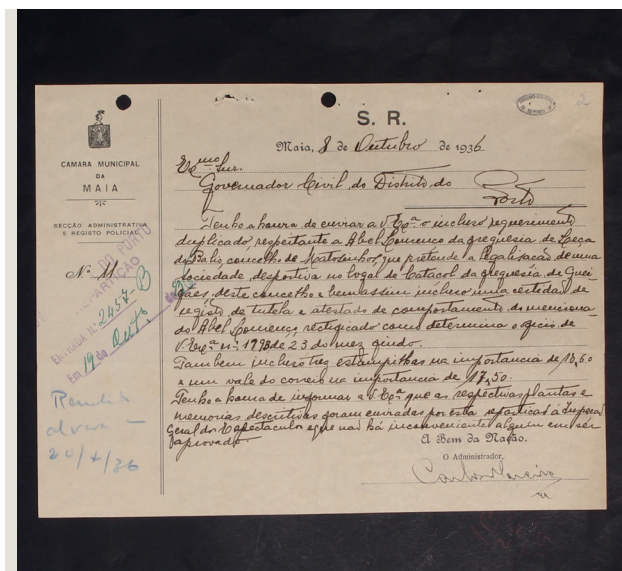


Figura 5 - Documento do Administrador Carlos Moreira, pelo requerimento de Abel Lourenço sobre o Sporting Balleense, 1936



Figura 6 - A Festa da Árvore na Ilustração Portuguesa

edifício da escola feminina alguns trechos musicais. Estabelecido o silêncio entre a assistência – o que não foi nada fácil –, um aluno aludiu ao significado do acto que se estava a desenvolver, após o que todos os meninos e meninas procederam à plantação de árvores.

Depois para satisfação do público, os alunos de ambos os sexos recitaram bonitas e adequadas poesias, enquanto os adultos faziam realçar, nem sempre com êxito, os seus dotes oratórios.

Número de muito agrado foi a parte coral, com especial destaque para o Hino da Árvore, o Hino da Escola, A Sementeira e a Portuguesa.

No final, o cortejo regressou à mesma escola, onde serviram um beberete a todas as crianças e autoridades, encerrando a festa com o Hino Nacional, executado pela Banda de Música.

17-4-1986, n.º 431

ONTEM E HOJE

1. No dia 30 de março de 1868, achando-se reunida, extraordinariamente, a Câmara Municipal da Maia, foi-lhe presente o Alvará do Conselho do Distrito do Porto, datado de 20 do mesmo mês, a fim de se proceder no dia 2 de abril, pelas onze horas, nos Paços do Concelho de Bouças, à eleição do procurador à Junta Geral do Distrito para o biénio 68/69, tendo por intervenientes os municípios da Maia e Bouças.

Como «intérprete» fiel dos povos que lhe depositaram sua confiança», entendeu a nossa Edilidade fazer sentir ao aludido Conselho o direito que lhe assistia, de acordo com o artigo 189º do Código Administrativo, de pedir que aquela resolução fosse reconsiderada, marcando para a Maia, e não Bouças, o acto eleitoral, como, aliás, em caso idêntico, já fora resolvido por sentença de 1860, devido à pronta intervenção dos responsáveis da administração local.

Estribada em tais premissas, confiava, pois, a Câmara, que a douda deliberação do Conselho do Distrito fosse devidamente rectificada, dando cabal cumprimento ao citado artigo 189º, como era de justiça, dado que o concelho da Maia «era muitíssimo mais populoso – e tanto que é mais contribuinte para o Estado – e mesmo porque até dá mais uma recruta para o exército».

Em vista das razões expostas, e de harmonia com a Lei, António da Silva Maia, José Francisco Moreira Azenha, Serafim Vieira Neves da Cruz, Manuel Domingues Torres e Manuel da Silva Correia, aguardaram que a sua representação fosse atendida.

No próprio dia 2 de abril foi lavrado Acórdão do Conselho do Distrito, no qual se desatendia o recurso dos maiatos, não só, por expressa disposição do invocado artigo 189º do Código Administrativo, mas ainda por o concelho de Bouças, segundo elementos estatísticos oficiais do primeiro de Janeiro de 1864, ser mais populoso.

A eleição, portanto, efectuou-se na data aprazada, verificando-se um empate: Manuel de Oliveira Maia e Dr. António dos Santos Lessa obtiveram catorze votos, cada, o que determinaria a repetição da eleição no dia 25 do mesmo mês, recaindo a escolha no Dr. António dos Santos Lessa, pároco da freguesia de Leça do Balio e Vigário da Vara [Figura 7].

5-6-1986, n.º 438

ONTEM E HOJE

2. Quem disse para aí que as Festas de Santo António, em Silva Escura, não têm tradição na Maia?

Pois fiquem sabendo, quantos boateiros e mal-intencionados possam haver, que elas são mais seculares.



Figura 7 - A 14 de setembro de 1854, o Dr. António dos Santos Lessa tomou posse do cargo de abade da paróquia de Leça do Balio.

A comprovar asserção direi, apenas, que já em 1859 a festividade se realizava com certo esplendor, como poderão certificar-se (os desconfiados) pela leitura do ofício nº80, de 3 de junho do citado ano, da Administração do Concelho para o Governo Civil do Porto.

Nesse burocrático papel, que acompanhava um requerimento do mordomo Joaquim da Silva Rocha a solicitar licença para soltar fogo do ar preso no dia 13, «no que tem de solenizar-se na respectiva capela o mesmo santo», informava-se que o pedido estava em condições de ser deferido, comprometendo-se o suplicante a satisfazer qualquer prejuízo que o mesmo fogo pudesse originar.

E a autorização chegou conforme vontade do requerente; e os foguetes, espantando os pássaros que ocupavam as ramarias, ribombaram no ar até ao anoitecer; e o povo entreteve-se, satisfeito e feliz, a cantar e a dançar, depois de ter cumprido a promessa que fizera em hora de aperto; e o santo, todo florido no seu trono, sorria e abençoava os forasteiros que o foram visitar.

3. Atenção, amigos!

Arrenda-se a Quinta de Brandinhães, distante desta Cidade legoa e meia, na estrada de Braga, e sita na Freguesia de Barreiros, couto de Lessa do Bailio, a qual consta d'huma boa Capella, casas sobradadas em bom estado e bastante commodos, Lojas, estrebarias, Agoa de bica e Quintaes com Pomares d'espinho, e caroço, e querendo algum Campo junto à casa também se arrendará: quem a pretender pôde dirigir-se ao largo da Feira, na quina da Calçada do Corpo da Guarda, casas nº 77, aonde achará com quem possa tractar o seu arrendamento.

Ah! Desmemoriado como ando, quase me esquecia de informar os meus amigos que este aviso foi publicado no dia 5 de junho de 1822.

Por isso, não vão de propósito ao Porto e deixem-se ficar em casa, descansadamente, a ver os jogos de futebol, transmitidos directamente do México pela nossa televisão.

12-6-1986, nº 439

ONTEM E HOJE

1. Na pretérita semana falei, muito por alto, do Santo António de Silva Escura para vincar, fundamentalmente, que os festejos em sua honra remontam a mais de cem anos.

Pois bem. Como continuamos no período em que, por vários lados, se organizam festas populares em louvor do tão querido taumaturgo, vem a talho de foice recordar que também em Moreira da Maia semelhantes comemorações se realizam, pelo menos desde o princípio do séc. XIX, conquanto as solenidades religiosas lhes sejam anteriores.

Esta minha suposição alicerça-se no facto de ter deparado com o registo de um ofício de 9 de junho de 1837, em que o administrador do concelho fazia esta recomendação ao regedor da aludida freguesia:

«Constando a esta Administração que no domingo, dia 13, nessa freguesia, se tenciona fazer uma festividade dedicada a Santo António, e que na véspera, sábado, pretendem lançar fogo do ar e preso, fogueiras e outros divertimentos nocturnos, com ajuntamentos, de onde podem surgir desordens das mais funestas consequências, divertimentos estes que se acham proibidos por Decreto e Edital de S. Ex^a o Senhor Administrador-Geral, do corrente ano, sou obrigado a ordenar a V. S^a que faça constar aos mordomos da mesma festividade que ficam proibidos os tais ajuntamentos, da igreja ou capela para fora, sem primeiro obterem licença minha, por escrito, para eu, quando me requeiram, dar as providências que julgar convenientes, ficando V. S^a responsável perante o Ex.^{mo} Senhor Administrador-Geral, e mais autoridades a quem competir, se não executar quanto lhe não deixo ordenado».

Serafim Cruz
O Poeta Lavrador

José Teixeira
Um Maiato Singular

Manuel Tonel Marques

SERAFIM CRUZ

O Poeta Lavrador

A 24 de setembro de 1895, no lugar do Arco da freguesia de Gueifães, nasceu Serafim Vieira Neves da Cruz, filho primogénito de António Vieira Neves da Cruz, natural de Gueifães e de Angelina Moreira da Silva, natural de São Pedro Fins, senhores de uma das maiores casas agrícolas de Gueifães e da Maia e oriundos de famílias tradicionais de lavradores da Maia.

[Figura 1]

Frequentou a Escola Príncipe da Beira, tendo como professora D.^a Maria Ferreira da Cruz, onde completou o exame do 2º grau do ensino primário elementar, não tendo prosseguido estudos posteriores.

Sendo o primogénito de uma família de agricultores proprietários, o mais natural seria que sucedesse, na gestão das propriedades, a seus pais, porém não foi essa a sua opção, pois abdicou desse direito para se dedicar à escrita em prosa e poesia tendo publicado treze obras literárias entre poesia, sátira política, romance e ensaio histórico.

O seu interesse pelas letras teve por certo a influência da sua professora e inspiração nos escritos do seu tio-avô, o Padre João Vieira Neves Castro da Cruz, personalidade que deixou importante contributo em jornais e publicações da época.

Relacionou-se com outros escritores seus contemporâneos, Dr. Abílio Campos Monteiro (seu médico de família), seu filho Heitor Campos Monteiro (autor do Hino do FCP), Aizul (Luzia Ferreira Pinto Cortes Rodrigues), sua conterrânea, Sarah Beirão e Ludovina Frias de Matos.

Deixou-nos um conjunto de treze obras, sendo a primeira publicada em data incerta e a última em 1985. Podemos dizer que teve uma vida longa a escrever, não sendo, contudo, muito reconhecido nos meios literários, pelo facto das edições dos seus livros se destinarem a ofertas pessoais a familiares e amigos.

Lágrimas (Elegia em verso) – a sua primeira obra (anterior a 1919).

Palestras para a aldeia, crítica – Publicação em 1919, Tipografia Económica, Porto.

Bonzos e Canhotos, uma sátira política escrita em 1926, que retrata o ambiente político conturbado dessa época, dedicada ao Dr. Abílio Adriano Campos Monteiro, médico, escritor, jornalista e Administrador do Concelho da Maia. [Figura 2 e 3]

A Maia e a sua mais Pura Amorosa, publicada em 1941 – cena de amor em que o autor narra a história vivida de um Amor Platónico. Sobre este livro dá nota à sua leitora Ana Rosa, de uma carta que recebeu da escritora Sarah Beirão¹, e reproduzida numa carta que lhe enviou em fevereiro de 1942. [Figura 4]

A Sementeira de Bem-Me-Queres é uma colectânea de cartas escritas à sua eterna noiva, D. Maria Amélia Alves dos Santos, que veio a falecer vítima de coma diabético a 4 de fevereiro de 1947. A obra foi publicada postumamente.

A Casa do Arco publicada em 1951 é a biografia da sua família, escrita entre dezembro de 1949 e fevereiro de 1950, cuja memória mais antiga remonta a um emprazamento de 1650 em que o casal António Afonso e Isabel Francisca, foreiros à Baliagem de Leça, foram os primeiros senhores conhecidos da Casa do Arco, e de quem o autor é descendente direto. [Figura 5]

¹ Sarah de Vasconcelos Carvalho Beirão (Tábua, 30 de julho de 1880 — Tábua, 21 de maio de 1974), mais conhecida por Sara Beirão, foi uma escritora, jornalista, publicista, activista dos direitos das mulheres e filantropa, que se distinguiu no panorama cultural e político de Portugal durante as décadas de 1930 e 1940. Produziu uma obra diversificada, onde predomina a ficção destinada ao público infanto-juvenil, com vasta colaboração dispersa por periódicos de Lisboa e Porto.



Figura 1 - Serafim Cruz e os pais

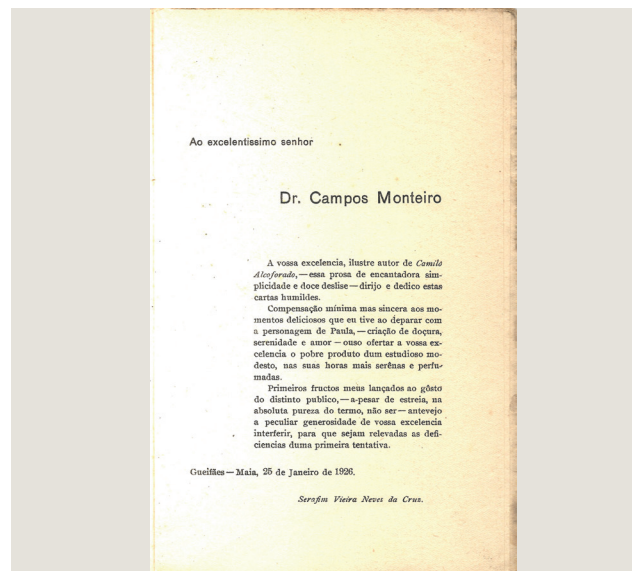


Figura 2 - Bonzos e Canhotos Dedicatória ao Dr. Campos Monteiro

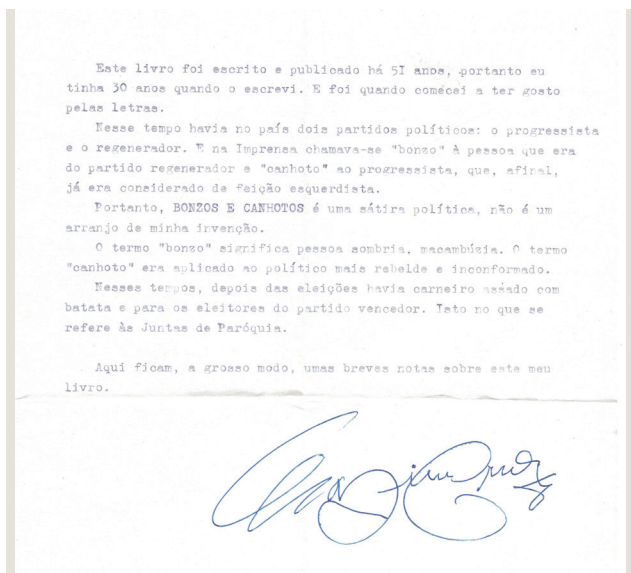


Figura 3 - Nota Explicativa de Bonzos e Canhotos

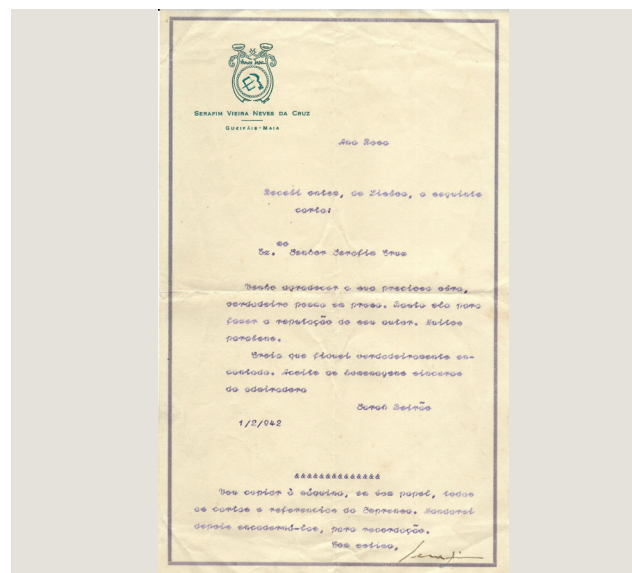


Figura 4 - Carta de Sarah Beirão

Em 1953 publica *Se na Terra houvesse um melhor altar...* é um livro de Sonetos em que a mulher é o tema predominante.

O *Lírio Branco do Meu Jardim* é um romance escrito em 1955 e nas palavras do autor, «*É alicerçado num acto de renúncia que raramente nos é dado ver nos amores de hoje... O amor, nesta obra, perdura para além da vida terrena; e está colocado no ponto que lhe pertence: magnificente como um lírio branco*». [Figura 6 e 7]

Em 1962 edita o livro *Os 125 Anos da Banda de Gueifães Maia*, a que chama breves apontamentos sobre a fundação da Banda de Gueifães e sua história, onde não faltam referências a fundadores, regentes e executantes até essa data.

A *Quinta de São Faustino*, publicada em 1968 dedicada a seu irmão Domingos Vieira Neves da Cruz, “– *pela invulgar afeição à vida do campo; e pelo seu espírito construtivo*” é, nas palavras do autor a história romanceada duma Casa Agrícola do Concelho da Maia. [Figura 8 e 9]

Serafim Cruz foi um apaixonado e dedicado amigo da Banda Marcial de Gueifães da qual foi o sócio nº 11 e, como reconhecimento dessa dedicação, foi homenageado com a atribuição do título de sócio Honorário, a título póstumo, na Assembleia Geral da Banda Marcial de 8 de março de 1997. [Figura 10]

Publica em 1971 o seu livro *Missanga de Noivado*, livro de poesias diversas dedicado a familiares e amigos.

Em 1973 publica *Senhora de Guadalupe Bosquejo Histórico da Ermida de Água Santas* baseado nas suas pesquisas e em escritos do seu Tio-Avô, o Padre João Vieira Neves Castro da Cruz, que durante muitos anos foi Capelão de Guadalupe.

A sua última obra a que chama *Horas Selectas*, é uma compilação de vários assuntos, depoimentos, cartas, reflexões diversas, e, como o próprio refere, dedicada a “Meus Sobrinhos da Casa do Arco”, com muita amizade. A obra tem prefácio de sua sobrinha Maria Arminda, destacando-se o parágrafo «*Se a sua saúde e memória o permitam, incito-o pois a prosseguir; porque toda esta obra literária vai honrar e enriquecer a futura biblioteca das meninas da Casa do Arco*»

Tem para além destas obras editadas, diversos discursos proferidos em reuniões de eventos sociais ou reuniões familiares tais como:

Discurso (Homenagem a uma comungante)

Mensagem (Discurso a uns noivos no seu enlace matrimonial)

A Câmara Municipal da Maia, em reconhecimento da sua obra, atribuiu o seu nome a uma rua da antiga freguesia de Gueifães, localizada na Urbanização da Nortecoope.

Na inúmera correspondência recebida pelo autor, seguem-se algumas apreciações sobre as suas diferentes obras e transcrevem-se alguns excertos:

Dr. António Cândido Cruz Alvura: ...” Não li ainda o livro todo, mas pelo que vi, tomo a ousadia do que atrás disse: - Parabéns sinceros, e que ele não seja a meta, o ‘finis’ da vossa carreira literária, mas uma escala dessa mesma carreira”.

Dr. José Luis Oliva Teles: ...” A Quinta de São Faustino, obra de apresentação sóbria mas altaneira. O seu conteúdo é rico em pormenores que estão muito bem comentados. Felicito o autor de elevado espírito moral, instrutivo e de interessantíssima leitura”.

Dr. Licínio Guimarães: “Nunca diga ser este o último e definitivo livro, pois quem tem tal «veneno» no sangue ... não pode parar”.



Figura 5 - Reunião familiar

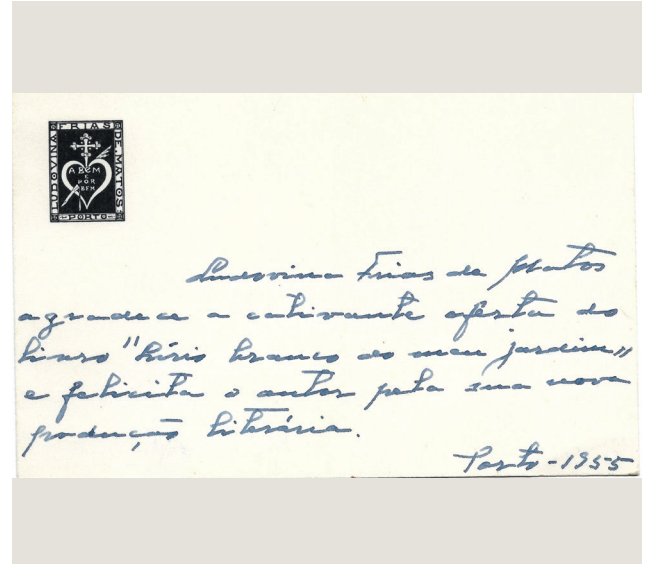


Figura 6 - Cartão de Ludovina Matos



Figura 7 - No Jardim

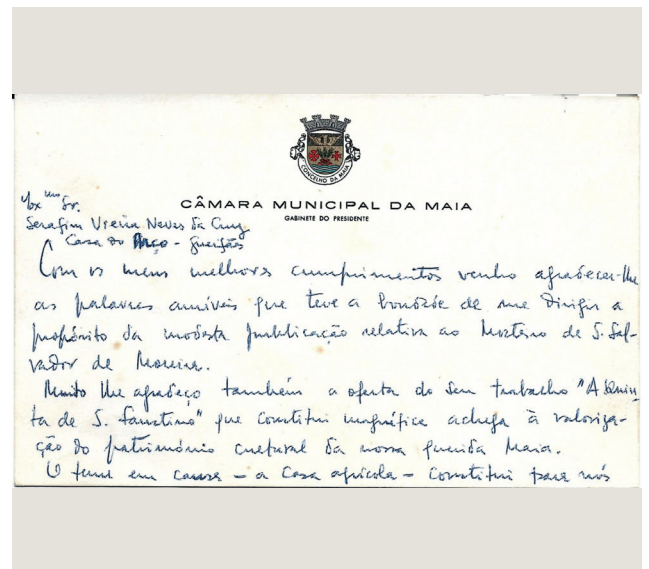


Figura 8 - Cartão Dr. Vieira de Carvalho

Dr. Manuel da Cruz Alvura: “Com atenciosos cumprimentos agradece a amável oferta da “Quinta de São Faustino” e felicita efusivamente o ilustre autor da sua brilhante e criteriosa apreciação da vida da lavoura da encantadora Maia”.

Artur Marques, Jornalista: “... Agradece a gentil oferta da Quinta de São Faustino, o admirador sincero que felicita e incita a novos cometimentos o seu inspirado autor e conterrâneo ilustre”.

Brilhantina Marques, estudante universitária: “...Como lhe havia dito na anterior publicação hoje digo-lhe o mesmo - não pare, continue a escrever pois cada novo livro será ainda melhor”.

Celestino Lagoa, músico da Banda de Gueifães: “Venho apresentar-lhe os meus parabéns pela maneira como desenrola toda a história da Banda, escrita com tanta inteligência e de grande recordação do passado”.

Serafim Sousa Ferreira e Silva, hoje Bispo Emérito de Leiria Fátima: “... recebi cuidadosamente das mãos do meu Pai a ‘Missanga de Noivado’ que logo folhee, li e apreciei. Como se diz na minha Terra da Maia, não deixes para amanhã o que podes fazer hoje, venho pressurosamente agradecer, mesmo sem ter lido todas as poesias, o que farei com calma e devoção”.

Fernando Alves Silva Pinelas: “Não é um simples muito obrigado verbal, que agradece a oferta que tive a honra de receber: oferta por mão própria do livro da sua mui digna autoria, A Quinta de São Faustino”. ... Quero antes agradecer reconhecidamente porque, não só se trata da oferta de um livro, mas sim de um bom livro”. [Figura 11]

Em novembro de 1981, aos 86 anos [Figura 12] concede uma entrevista ao Sr. Fernando Pinelas, correspondente em Gueifães do Jornal da Maia que passo a transcrever:

JM – Senhor Cruz, é filho primogénito desta casa – A CASA DO ARCO- que não é sua mas é onde o senhor ficou, solteiro, sempre aqui viveu e vive rodeado de carinho e encanto! Desculpe esta pergunta: a que deve este tipo de originalidade que o caracteriza?

SVNC – Olhe!... recordo-me de quando era pequeno, meu pai me levar ao médico da casa, o Dr. Campos Monteiro, escritor e, após a consulta, meu Pai perguntou se lhe parecia que eu devesse ir estudar?! Respondeu que não, que eu devia era passear solitário pelo campo!

Talvez por condição própria, tive sempre uma vida muito «caseira». Neste ambiente me criei e por graça de Deus consegui ter a estima de duas ou três dezenas de bons amigos que leram as minhas obras e se manifestam para comigo com palavras demasiadamente generosas.

JM – Sabemos que Serafim Vieira Neves da Cruz, nasceu em dia muito lembrado, dia de Nossa Senhora das Mercês (24 de setembro) em 1895: menino de casa agrícola foi à escola fazer a instrução primária, 4ª classe, após o que ficou ligado à casa agrícola onde nasceu e habita -A CASA DO ARCO- !

Pode dizer-nos como foi que conseguiu harmonizar o gosto pelas duas artes? A arte de arar e a de escrever.

SVNC – Como o senhor disse e muito bem, sempre me senti ligado ao sector agrícola, mas recordo-me que menino da escola gostava muito de gramática: talvez por isso fui dedicando os meus tempos de ócio ao estudo da formação dos elementos constitutivos das palavras, isto é, dediquei-me para satisfação própria ao estudo da gramática.

Assim, vivendo no meio da agricultura e adoptando o gosto pelas letras, creio ter chegado àquilo a que chamou harmonizar as duas artes.

JM – Se nos é permitido pensar que possa dar preferência, digamos um primeiro lugar, a uma das suas Obras, qual seria a escolhida e porquê?

SVNC – Como pode calcular, até pela forma cautelosa como põe a pergunta, pressupõe a resposta de que tenho todas as minhas obras no meu coração com igual direito! Porém não quero que

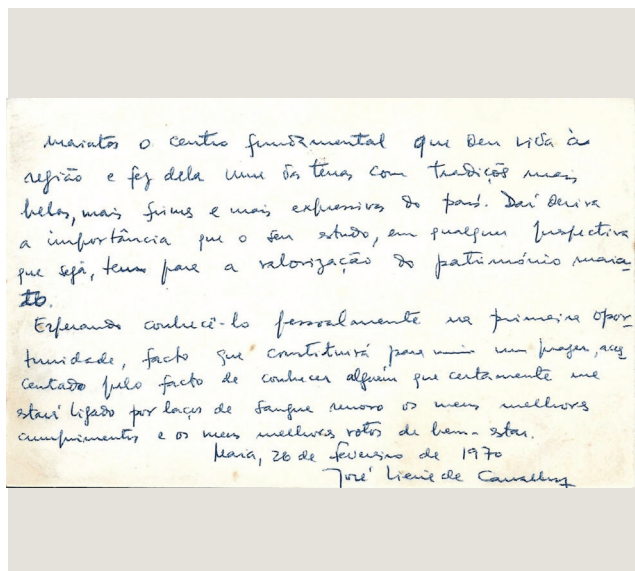


Figura 9 - Cartão Dr Vieira de Carvalho



Figura 10 - Sócio Honorário da Banda Marcial de Gueifães

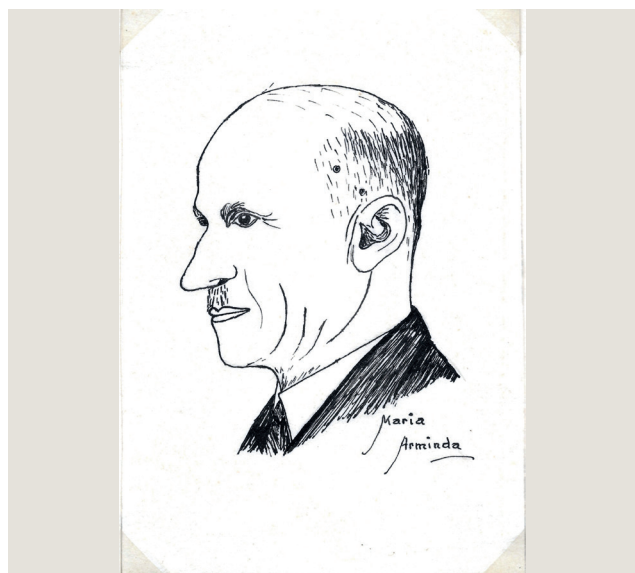


Figura 11 - Caricatura feita pela sobrinha Maria Arminda
para o Livro Quinta de São Faustino

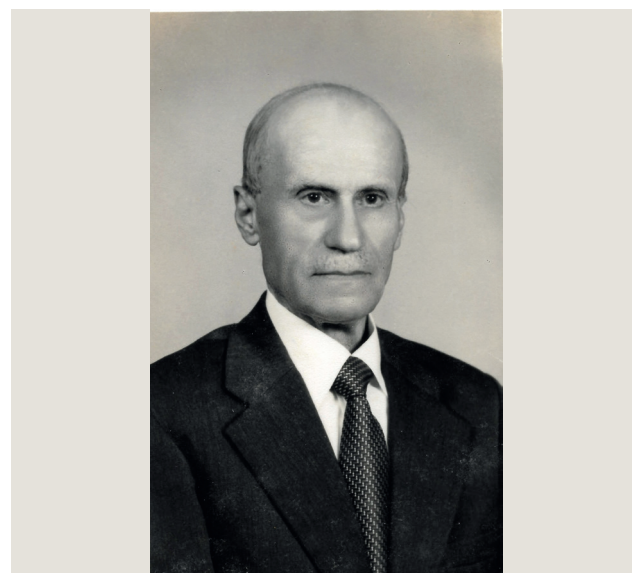


Figura 12 - Com 86 anos

pense que inferiorizo a sua pergunta, pois entendo-a até pertinente: Vou dizer-lhe que tenho dentre os meus livros, «LÍRIO BRANCO DO MEU JARDIM», como minha Obra preferida: Como me pergunta porquê devo dizer-lhe que trata-se de um assunto íntimo, autobiográfico.

JM – Senhor Cruz: nesta passagem do seu 86º aniversário, ocorre-nos como última pergunta o seguinte: Ainda continua a escrever? Tem ainda em vista a publicação daquilo a que poderá chamar a sua última Obra?

SVNC – Continuo a escrever; tenho concluído o original de uma obra à qual dou o título «HORAS SELECTAS», que se Deus me permitir será ainda publicada em vida. Classificaria de triste o meu fim, se não tiver tempo suficiente que me permita publicar esta Obra.

Esta seria a sua última obra publicada em março de 1985, vendo assim concretizado o seu sonho, pois viria a falecer a 4 de fevereiro de 1986.

De tudo o que atrás é referenciado, bem como o que ressalta da entrevista concedida ao Jornal da Maia, podemos concluir que estamos em presença duma personalidade humilde, autodidacta, solitária [Figura 13], desprendida, abdicando, à data, do privilégio da sua posição de primogénito, para se dedicar à escrita, de uma forma intensa e apaixonada.



Figura 13 - Serafim Neves da Cruz, por volta de 1958



Figura 1 - José Teixeira

JOSÉ TEIXEIRA
Um Maiato Singular

José Teixeira [*Figura 1*], natural da freguesia de Caçarilhe, Concelho de Celorico de Basto, onde nasceu a 4 de outubro de 1927, filho de Artur Teixeira e Maria de Carvalho, ambos naturais de Caçarilhe, veio nos finais dos anos 40 do século passado, tal como muitos outros jovens procurar trabalho noutras paragens, devido às dificuldades em consequência da segunda Guerra Mundial.

Nessa sua demanda, foi acolhido pela família Tonel, agricultores de Gueifães, onde prestou serviços até à data de cumprir a sua obrigação militar, regressando, de novo, a 28 de março de 1950, após passagem à disponibilidade.

Aqui regressado, pouco tempo depois emprega-se como operário numa firma industrial que lhe permite obter melhores meios de subsistência para constituir família, vindo a casar com Ana Emília Ferreira Maia, natural de Milheirós a 11 de julho de 1954. Desse casamento nasceram dois filhos, o Armindo e o Albino. O primeiro, com cerca de cinco anos deu uma queda violenta que lhe provocou uma luxação do quadril, com imobilização por meio de gesso e acompanhamento no Hospital de São João e, posteriormente, no Hospital de Matosinhos.

Não estando o tratamento a resultar, teria de ser operado, obrigando a um internamento prolongado, que foi possível, com o aconselhamento do médico da firma onde trabalhava o pai, o Dr. Mena Matos; o internamento aconteceu no hospital mais adequado - o Sanatório Marítimo do Outão, em Setúbal. [*Figura 2*]

Para quem tinha poucas possibilidades económicas, como era o seu caso, tornava-se difícil visitar o filho, viajando da Maia para Outão, autêntica saga nessa época e bastante dispendiosa, e, por isso, apenas se permitia visitá-lo de longe a longe. Mas nunca desistiu deste sacrifício de ter o filho longe de casa em prol da sua cura. Por vezes, aproveitava o transporte recoveiro que partia da firma onde trabalhava para Lisboa, mas, em sua falta, tomava o comboio correio de Campanhã, em terceira classe, à meia-noite, viagem essa mais económica. Desembarcado em Santa Apolónia, apanhava o cacilheiro para Almada e daí seguia de camioneta para Setúbal, onde tomava novo transporte para o Outão.

Realizada a visita, fazia o percurso inverso, Outão, Setúbal, Almada, Santa Apolónia e regressava no comboio da meia-noite, ou seja, vinte e quatro horas após a sua partida do Porto. Nas vezes que fazia este percurso, usualmente chegava a Santa Apolónia e tomava o seu lugar no comboio a aguardar a partida para o Porto. Normalmente acontecia adormecer, devido ao cansaço de muitas horas de viagem e pouco dormir.

Numa das viagens de regresso, já instalado no comboio, e, tendo adormecido, foi acordado por um sujeito que lhe disse: - Amigo, isso é que é dormir...! O sujeito que o acordou e o acompanhante, eram nem mais nem menos que agentes da PIDE, com quem travou conversa durante a viagem, contando-lhes o motivo que o levava a viajar daquela maneira. Quando estavam a chegar a Campanhã, teve coragem de os questionar para onde iam.

Amarante - disseram-lhe eles. Que pena! - respondeu-lhes ele, com ironia. Se soubesse quem era a vítima, quando chegasse a casa telefonava-lhe para se pôr ao fresco...!

No dia 22 de dezembro de 1963, o nosso amigo José regressava de mais uma visita ao filho no Sanatório Marítimo do Outão e, como de costume, adormeceu no banco do comboio. Desta vez, acordou com um sujeito ao seu lado de fato, gravata e sobretudo, que, num tom mais cordato lhe perguntou:

- O senhor deve estar muito cansado para dormir dessa maneira?



Figura 2 - Sanatório Marítimo Outão



Figura 3 - Dr. Neto de Carvalho



Figura 4 - Na procissão Sr.ª da Saúde com estandarte da Conferência Vicentina

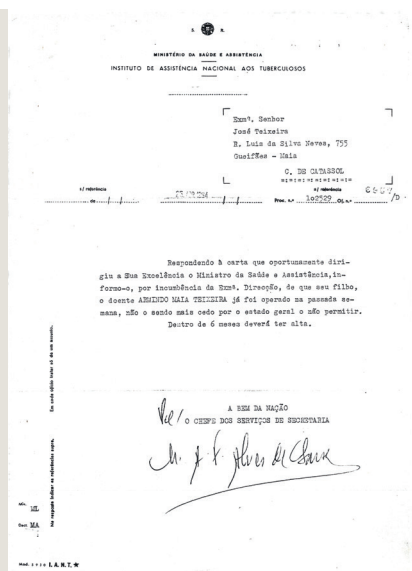


Figura 8 - Resposta do Ministro



Figura 9 - Saída do Sanatório com Mãe e colegas

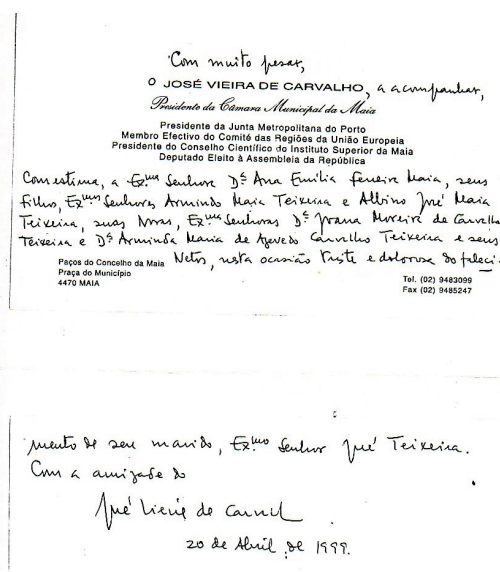


Figura 10 - Cartão Condolências Prof. Vieira de Carvalho

Se no início teve alguma dúvida, com o decorrer da conversa verificou que seria uma pessoa diferente dos outros; ficou, porém, espantado, quando se aproximavam de Coimbra e o dito senhor lhe confidenciou ser o Ministro da Saúde e Assistência e que, se, por qualquer motivo viesse a precisar de alguma ajuda para o filho estaria ao dispor.

Aqui, o José não se conteve e questionou aquele que tinha sido seu companheiro de viagem:

- O Sr. Ministro provavelmente dispõe de carro, motorista, podia viajar em 1ª classe e vai aqui instalado num banco de madeira?

Ao que o Dr. Francisco Pereira Neto de Carvalho respondeu:

- Na minha vida, tenho de decidir coisas muito importantes para a vida das pessoas, mas, para poder decidir em consciência, tenho de conhecer e estar inteirado dos problemas dessas mesmas pessoas. *[Figura 3]*

No dia seguinte, 23 de dezembro, era domingo e o sr. José Teixeira regressava a casa, depois de ter tido mais uma reunião da Conferência Vicentina, da qual foi um membro ativo; costumavam reunir com o Pároco, padre Afonso Silva, após a missa dominical das 7 horas. *[Figura 4]*

Pelo caminho encontrou um grupo de amigos em amena cavaqueira, também eles regressados da Missa, aos quais contou o seu encontro com o Ministro, tendo ficado a dúvida entre alguns se seria mesmo possível, um Ministro viajar num comboio, ainda por cima em 3ª classe!... Passadas umas duas semanas, regressado da reunião da Conferência Vicentina, encontrou o mesmo grupo e um dos participantes questionou-o a confirmar, qual era o Ministro, através de uma foto publicada no JN numa ocasião em que se procedia a uma inauguração, pelo que o confirmou de imediato, sem qualquer dúvida; os que tinham duvidado acabaram por lhe pedir desculpa. *[Figura 5]*

Regularmente ia recebendo notícias através das irmãs do sanatório, que o iam informando do estado do filho, e, como não via grande evolução, resolveu escrever ao Ministro em 25 de fevereiro de 1964, solicitando-lhe a atenção para que antes tinha mostrado disponibilidade, relativamente ao filho. *[Figura 6 e 7]*

A resposta à carta veio a 25 de Abril do mesmo ano, informando-o de que o filho tinha sido operado na semana anterior, não sendo mais cedo porque o estado geral não o permitira e dentro de seis meses teria alta. *[Figura 8]*

Realizada a recuperação, o filho regressou a casa em finais desse ano, depois de ter realizado o ano escolar no hospital. *[Figura 9]*

O José continuou ativamente ligado a atividades paroquiais, Conferência Vicentina, Coro da Banda Marcial de Gueifães, na qual o filho Albino Teixeira foi trompetista e regente durante 16 anos, para além de intensa colaboração na construção da Nova Igreja de Gueifães.

Viria a falecer a 18 de abril de 1999, quando se dirigia para a Missa, em dia de Festa da Senhora da Saúde. *[Figura 10]*

São estas algumas histórias de José Teixeira, figura singular, cuja vida é um testemunho de honestidade e resiliência. Apesar da sua origem humilde e austera, conseguiu ultrapassar todas as barreiras impostas pela condição socioeconómica, lutando incansavelmente para proporcionar uma vida digna à família.

Através de seu exemplo, deixou um legado de princípios e valores que sempre pautaram a sua existência, que ainda hoje são respeitados e seguidos pela sua família, e lembrados pelos amigos e pessoas que com ele conviveram.

*Estórias da Cooperativa
Popular de Moreira
da Maia: arquivo
de família.*

Rafaela Moreira

INTRODUÇÃO

A Cooperativa Popular de Moreira da Maia é um nome que, para muitos, desperta memórias de uma época onde a comunidade se reunia não apenas para comprar bens essenciais, mas também para conviver, partilhar histórias e construir laços sociais. Fundada em 1926, este espaço tornou-se, ao longo das décadas, uma referência local — um ponto de encontro para os moradores da freguesia, um local de trabalho para muitos, e o palco de momentos marcantes da vida de várias famílias. *[Figura 1 e 2]*

No entanto, a história da cooperativa não vive apenas nos registos oficiais ou nos arquivos institucionais. Vive, sobretudo, nas memórias pessoais de quem por lá passou, nos objetos guardados com carinho, nos relatos transmitidos de geração em geração. E foi precisamente por aí que o meu interesse pessoal por este espaço começou.

O meu avô, Fernando Maia, trabalhou e durante muitos anos foi gerente da Cooperativa Popular de Moreira da Maia. Infelizmente, nunca tive a oportunidade de conhecer o interior deste lugar ou ver o seu funcionamento, mas ao longo da minha infância, cresci rodeada por histórias contadas pelos meus avós e por outras pessoas sobre aquele lugar. *[Figura 3]*

Apesar de não ter memórias diretas da minha presença no espaço — pois era ainda bebé quando lá entrei — o nome "cooperativa" era, desde cedo, uma palavra familiar, carregada de significado. Após o falecimento dos meus avós, no processo de luto e de organização das suas coisas, comecei a descobrir um verdadeiro tesouro de memórias. Em caixas, gavetas e álbuns antigos, encontrei documentos, fotografias, objetos de uso diário e vestígios de um tempo passado. Aos poucos, compreendi que aquele acervo representava muito mais do que recordações de família: era o espelho de uma vivência coletiva, um testemunho silencioso de um espaço que marcou a história da Maia. *[Figura 4]*

Foi com base nesse espólio que desenvolvi o meu projeto final de mestrado, que resultou numa exposição artística onde recriei, com recurso a esses materiais, um cenário inspirado na cooperativa. Mas este artigo não tem como objetivo o foco no lado artístico do trabalho. Aqui, proponho um olhar mais descritivo e narrativo, onde partilho algumas das histórias, memórias e curiosidades que fui descobrindo ao longo da investigação. *[Figura 5]*

Mais do que contar a história da fundação da cooperativa — já amplamente documentada em edições anteriores desta revista — procuro destacar as pequenas histórias que habitam nos detalhes: a bengala que foi passando de geração em geração, os objetos publicitários oferecidos por fornecedores, os tecidos e os catálogos guardados durante décadas, os sons de um casamento gravados numa fita, ou as caixas de encomendas reutilizadas para guardar memórias em papel.

Este é um artigo feito de fragmentos. Fragmentos de vida quotidiana, de afetos e de memórias que ajudam a iluminar o que foi — e o que ainda é — a Cooperativa Popular de Moreira da Maia para tantas famílias. Ao partilhá-los aqui, espero contribuir para manter viva a história de um espaço que, embora fisicamente silencioso, continua a falar através das memórias que deixou.

A COOPERATIVA POPULAR DE MOREIRA DA MAIA E A LIGAÇÃO FAMILIAR

Localizada na Rua Dr. Farinhote, em Moreira da Maia, a Cooperativa Popular foi fundada a 1 de maio de 1926, inicialmente como Casa do Povo. Um ano depois, consolidou-se oficialmente como uma cooperativa, desempenhando um papel essencial na vida desta comunidade que era predominantemente agrícola. Em tempos em que o acesso a bens essenciais e serviços era escasso, a cooperativa não era apenas um local de comércio: oferecia também serviços médicos, apoio cultural e social, funcionando como um verdadeiro centro de encontro, solidariedade e desenvolvimento local. *[Figura 6 e 7]*

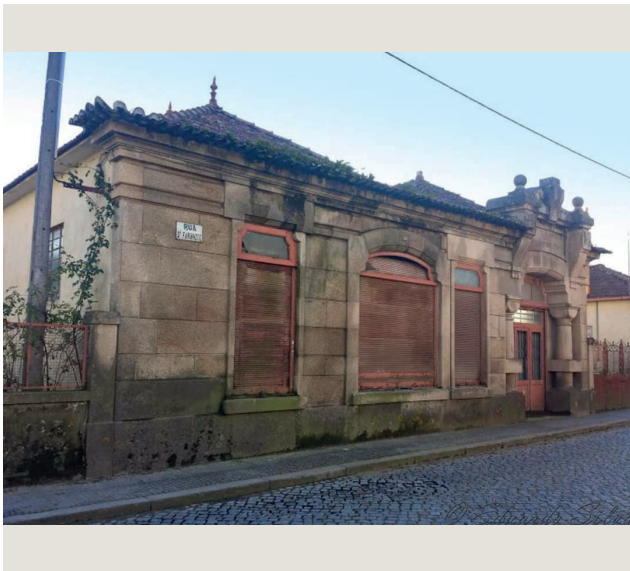


Figura 1 - Fachada da Cooperativa Popular de Moreira da Maia

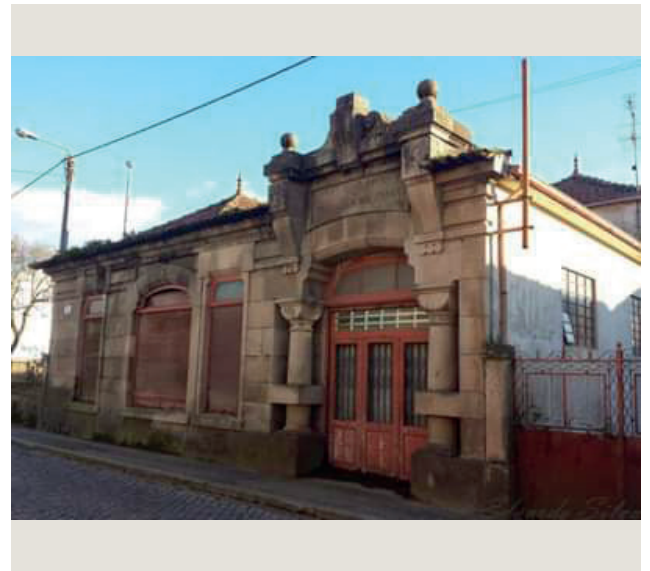


Figura 2 - Pormenor da entrada da Cooperativa



Figura 3 - O meu avô, Fernando à esquerda e o colega António à direita, a trabalharem na cooperativa em 1955



Figura 4 - Eu ainda bebé no colo da irmã do meu avô e atrás a minha avó, em 1999



Figura 5 - Algumas das fotografias que os meus avós guardaram



Figura 6 - Página do jornal Renovação na inauguração da casa do povo em 1926

Hoje, embora o edifício se encontre abandonado, a sua presença continua a ecoar nas memórias de quem por lá passou. A minha família é uma dessas guardiãs de memórias.

O meu avô materno, natural de Canidelo, Vila do Conde, começou a trabalhar na Cooperativa Popular ainda muito jovem. Aos 10 anos, já trabalhava numa loja de cera junto à Torre dos Clérigos, no Porto, vivendo sozinho numa casa na rua Miguel Bombarda. Foi através de um fornecedor que soube da necessidade de um funcionário interno em Moreira da Maia e, aos 12 anos, mudou-se para a cooperativa, onde viveu, trabalhou e cresceu. A cooperativa tornou-se o seu lar — dormia, comia e trabalhava ali, sendo os gerentes e funcionários quase como uma segunda família. *[Figura 8]*

Mais tarde, ao casar com a minha avó, ela também passou a colaborar na cooperativa, inicialmente como empregada de balcão no setor têxtil e também como cozinheira para os casamentos que lá se realizavam. O meu avô tornou-se gerente e, durante décadas, a sua vida fundiu-se com a história daquele espaço. Só após o encerramento da cooperativa é que os meus avós se mudaram definitivamente para a casa de família da minha avó, em Moreira da Maia, trazendo consigo muitos objetos que haviam ficado da atividade da cooperativa: documentos, utensílios de trabalho e até artigos que nunca chegaram a ser vendidos. *[Figura 9]*

Esses objetos, guardados com cuidado ao longo dos anos, tornaram-se verdadeiros testemunhos de uma época em que a cooperativa era o coração da freguesia. Entre eles, encontram-se tecidos ainda com etiquetas de preços, colheres por estrear, cartões de sócio, documentos dos meus avós que os permitiam trabalhar com o público naquela altura e até catálogos comemorativos.

A fundação da Cooperativa insere-se num período de grandes mudanças em Portugal. Em 1926, o país passava por uma transição política conturbada que culminaria no Estado Novo, em 1933. As cooperativas rurais e de consumo surgiram como resposta às dificuldades económicas da época, tentando colmatar as falhas do Estado e do mercado tradicional. No entanto, o regime via com alguma desconfiança a forte presença operária nestas organizações, impondo-lhes um apertado controlo para evitar eventuais focos de resistência. *[Figura 10]*

O projeto arquitetónico da Casa do Povo de Moreira da Maia foi confiado a figuras de grande renome. José Moreira da Silva, fundador da cooperativa e gerente da Cooperativa dos Pedreiros do Porto, aproveitou a sua vasta rede de contactos para garantir a colaboração de António Correia da Silva, arquiteto responsável por obras icónicas como o Mercado do Bolhão, e do escultor Henrique Moreira, conhecido como o "Escultor do Porto". *[Figura 11]*

Foi Henrique Moreira quem esculpiu um busto de Karl Marx que adornava o topo do edifício. O busto, símbolo do espírito cooperativo e de solidariedade entre trabalhadores, foi colocado com orgulho, mas a sua presença viria a tornar-se um risco durante a repressiva ditadura do Estado Novo. Temendo represálias, o busto foi retirado e enterrado discretamente no terreno da cooperativa.

A história do seu ocultamento e posterior descoberta foi-me contada pelo meu avô que sabia da existência desse busto, que já estava enterrado quando foi trabalhar para a cooperativa e também pelo Dr. Armando Tavares, historiador da Câmara Municipal da Maia. Em criança, ele brincava nos terrenos da cooperativa e, num desses dias, tropeçou numa "pedra". Ao investigar melhor, esta revelou-se um rosto. Avisado pelo pai para guardar segredo, só anos mais tarde, já adulto, revelou à Câmara o local onde o busto se encontrava. Graças a essa revelação, a peça foi resgatada e restaurada, mantendo viva a memória da obra de Henrique Moreira e o espírito da Cooperativa. *[Figura 12]*

Atualmente, o edifício permanece silencioso e degradado, mas continua a ser um testemunho poderoso de uma época de solidariedade comunitária, de luta e de sonhos partilhados. Através dos



Figura 7 - Multidão que se juntou na inauguração da Casa do Povo (Jornal Renovação, 1926)



Figura 8 - O meu avô a servir num casamento realizado na Cooperativa



Figura 9 - Casamento dos meus avós em 1961, no Mosteiro de Moreira da Maia



Figura 10 - Inauguração da Casa do Povo, 1926, imagem do jornal República Social



Figura 11 - Ao centro o Coronel Carlos Moreira, à sua direita José Moreira da Silva, o fundador da Cooperativa dos Pedreiros

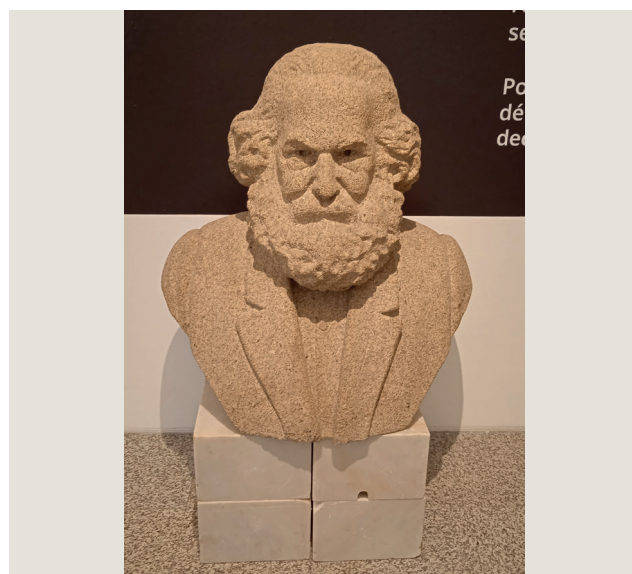


Figura 12 - Busto de Karl Marx que se encontrava no topo do edifício, após o seu restauro

objetos, das histórias e das memórias preservadas, a história da Cooperativa Popular de Moreira da Maia continua viva — e é através desses fragmentos que podemos ainda hoje vislumbrar a importância que teve para a freguesia e para todos aqueles que, como o meu avô, encontraram ali muito mais do que um simples trabalho: encontraram um lar. *[Figura 13 e 14]*

HISTÓRIAS ATRAVÉS DOS OBJETOS

Ao longo dos anos, muitos dos objetos que pertenceram à Cooperativa Popular de Moreira da Maia foram cuidadosamente guardados pela minha família. Cada peça é um testemunho silencioso do quotidiano daquele espaço e das vidas que por lá passaram. Mais do que meros vestígios materiais, estes objetos transportam consigo memórias, gestos e histórias, funcionando como elos vivos com um passado que, embora distante, ainda se mantém presente na nossa identidade coletiva.

Um dos objetos mais simbólicos é uma antiga bengala de madeira trabalhada, que pertenceu a Manuel Vieira Neves, gerente da cooperativa antes do meu avô. Esta bengala, robusta e elegantemente esculpida com a figura de um animal no seu punho, é um exemplo perfeito da ligação entre utilidade e valor simbólico. *[Figura 15]*

Mais do que um simples apoio físico, a bengala representava o estatuto e a responsabilidade de quem a usava. Manuel Vieira Neves, figura respeitada da comunidade, serviu durante muitos anos a cooperativa, e, quando o meu avô assumiu a gerência, a bengala permaneceu como um legado simbólico dessa transição. Posteriormente, já em idade avançada, o meu avô também a utilizou, dando continuidade à história daquele objeto tão carregado de significado. *[Figura 16]*

A madeira envelhecida da bengala, com marcas do tempo e do uso, é um testemunho de décadas de dedicação e trabalho árduo.

Outro dos objetos que permaneceu da Cooperativa Popular de Moreira da Maia é uma balança antiga, hoje adornada pela ferrugem e pelo desgaste dos anos. Fabricada por uma empresa do Porto, localizada na icónica rua de Santa Catarina, esta balança era uma ferramenta indispensável no dia a dia da cooperativa, refletindo o cuidado e o rigor que caracterizavam o comércio local da época. *[Figura 17]*

A sua estrutura robusta e pesada contrasta com a delicadeza das memórias que evoca: era sobre ela que se pesavam cereais, sacos de farinha, produtos vendidos a granel e outros bens essenciais ao sustento das famílias da freguesia. Cada medida, cada pesagem, carregava a responsabilidade de garantir o justo equilíbrio entre fornecedor e cliente, num tempo em que a confiança e a palavra eram tão valiosas quanto os produtos transacionados.

Apesar de hoje se apresentar corroída pelo tempo, com o metal oxidado e as marcas visíveis do uso prolongado, a balança conserva uma imponência sóbria. É um vestígio tangível da movimentação constante daquele espaço, das interações diárias e da importância da cooperativa como pólo económico e social de Moreira da Maia. Assim como a bengala, também esta balança transcende a sua função prática: tornou-se um símbolo da rotina, do trabalho árduo e da dignidade da comunidade que a rodeava.

Entre os objetos preservados pelos meus avós, surgem umas caixas onde vinham os produtos que vendiam na cooperativa, que, mais do que simples embalagens, guardaram, ao longo das décadas, preciosas recordações. *[Figura 18]*

Originalmente destinadas a transportar produtos como meias, malhas e outros bens que a cooperativa comercializava, essas caixas ganharam um novo propósito nas mãos dos meus avós: tornaram-se caixas improvisadas para guardar fotografias, documentos e pequenos fragmentos de vida. *[Figura 19]*



Figura 13 - Terraço que dava acesso ao salão de festas da cooperativa, em 2024



Figura 14 - Mesmo terraço mas em 1990, retirado do vídeo de casamento dos meus pais



Figura 15 - Bengala que passou de geração em geração



Figura 16 - Manuel Vieira Neves e a sua esposa Conceição Silva, gerentes da cooperativa antes do meu avô

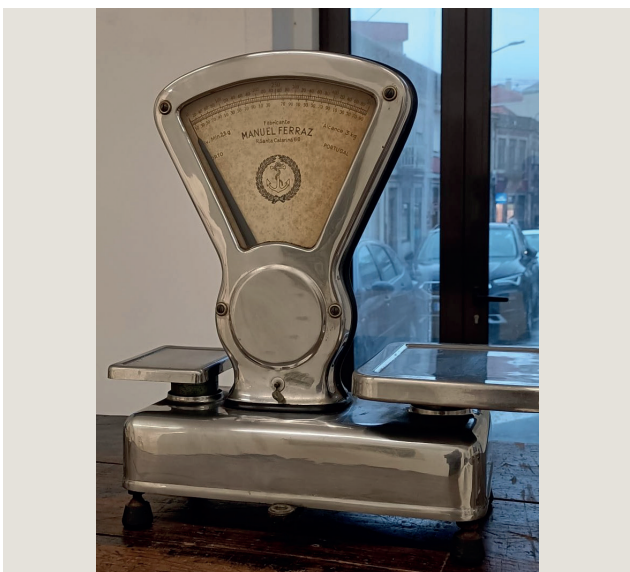


Figura 17 - Balança guardada pelo meu avô que pertenceu à cooperativa



Figura 18 - Caixa de malhas vendido na cooperativa, posteriormente usada para guardar fotografias

É curioso como, através de algo tão aparentemente banal, como uma caixa de cartão, se preservaram instantes, rostos e histórias. Cada caixa, envelhecida pelo tempo, transporta as sombras de tempos passados, protegendo memórias que, de outra forma, poderiam ter-se perdido.

Associado a essas caixas, encontrei também um fio vermelho, daqueles que eram usados para amarrar as encomendas e evitar que se abrissem no transporte. Um pequeno detalhe, mas carregado de significado: um fio, simples e funcional, representa o engenho do cotidiano que caracterizava a rotina da cooperativa. Com o tempo, tornou-se um símbolo afetivo — uma linha tênue, mas resistente, que parece ainda hoje unir o presente a esse passado vivido intensamente.

[Figura 20]

As caixas e os fios vermelhos são, assim, marcas da vida na cooperativa: da organização prática dos bens, do cuidado na entrega dos produtos aos sócios, mas também do carinho com que se preservaram histórias, imagens e legados familiares.

Tenho vários fatos do meu avô, feitos por um alfaiate que se localizava na mesma rua da cooperativa — Joaquim Pinto Vasconcelos. Eram confeccionados na alfaiataria Pinhos, como indica a etiqueta presente em cada peça. Tecidos de qualidade, escolhidos com atenção, e que perduram até hoje, testemunhando um tempo em que a roupa era feita à medida e pensada para durar. Cada costura desses fatos fala de uma elegância prática, de um cuidado com a apresentação, mas também da importância do comércio local e das ligações de confiança entre vizinhos. *[Figura 21]*

Preservados ao longo dos anos com um cuidado quase cerimonial, resistem ainda hoje tecidos que eram vendidos ao metro na cooperativa — de excelente qualidade, mas que nunca chegaram a ser usados. Continuam como novos, com as etiquetas originais, testemunhos de um tempo em que se comprava com ponderação, talvez com planos que o tempo acabou por adiar. *[Figura 22]*

Na mesma lógica de contenção e zelo, sobrevive uma caixa de colheres de café, vendidas à unidade, também elas intactas, com o preço ainda colado na embalagem. São peças que, apesar de não terem feito parte da rotina quotidiana, preservam a sua história — falam da expectativa, do valor dado às pequenas coisas, e da forma como o tempo lhes conferiu outro peso, quase simbólico. *[Figura 23]*

Entre os documentos mais significativos preservados da Cooperativa Popular de Moreira da Maia destaca-se o catálogo comemorativo dos seus 25 anos de atividade.

Mais do que um simples livro, este catálogo é uma verdadeira prova escrita e visual da história da instituição, refletindo o orgulho e o sentido de pertença que a cooperativa gerava na comunidade de Moreira da Maia. *[Figura 24]*

Ao folhear as suas páginas, somos transportados para uma época em que a cooperativa era um dos pilares da vida local. Desde a fundação enquanto "Casa do Povo" até à sua evolução como cooperativa consolidada, o catálogo narra com detalhe a trajetória desta entidade: apresenta os rostos dos fundadores e dirigentes, descreve os serviços disponibilizados — que iam muito além da simples venda de bens de consumo, abrangendo o apoio médico, o incentivo cultural e a assistência social — e exibe imagens que retratam momentos de celebração e quotidianos de trabalho. *[Figura 25 e 26]*

Este livro foi produzido com evidente orgulho e cuidado, e representa a vontade de fixar na memória coletiva a importância da cooperativa para a freguesia.

Cada fotografia, cada nome inscrito nas listas de sócios, cada evento relatado nas suas páginas fala-nos de uma comunidade unida em torno de um projeto comum, baseado na solidariedade, no trabalho e na esperança de um futuro melhor. *[Figura 27 e 28]*



Figura 19 - Caixa de peúgas vendidas na cooperativa



Figura 20 - Fio usado para prender os embrulhos



Figura 21 - Um dos blazers do meu avô feitos pelo alfaiate local.



Figura 22 - Tecidos não vendidos na cooperativa.



Figura 23 - Colheres que se vendiam ainda com o preço colado

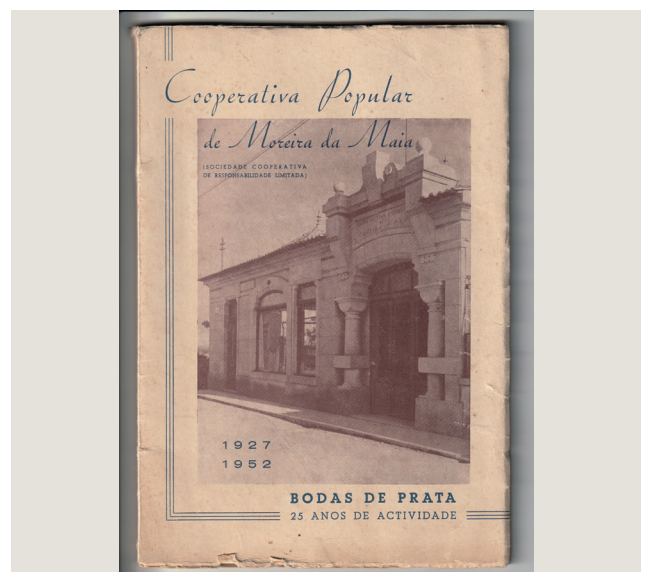


Figura 24 - Catálogo dos 25 anos de atividade da cooperativa, 1952

Hoje, ao manusear este catálogo, é impossível não sentir a emoção que ele carrega: é um relicário de memórias, um documento que eterniza uma parte essencial da identidade local. Num tempo em que a cooperativa está fisicamente abandonada, este livro sobrevive como uma das mais valiosas provas do papel que o espaço desempenhou na vida de tantas pessoas. *[Figura 29]*

As fotografias de casamentos ocupam um lugar especial neste arquivo, como relíquias de momentos de felicidade partilhada. O salão da cooperativa não era apenas um espaço de venda ou de trabalho: era o grande palco das celebrações da comunidade, um lugar onde se marcavam os momentos mais importantes da vida das famílias locais. *[Figura 30 e 31]*

Casamentos, batizados, comunhões e festas populares eram frequentemente realizados naquele amplo salão. Quase toda a gente da freguesia de Moreira da Maia, em determinada altura, teve alguma ligação emocional à cooperativa através de uma celebração que lá ocorreu.

Era o espaço onde se reuniam famílias, onde se brindava à vida e onde se fortaleciam laços comunitários, onde se dançava ao som do acordeão, instrumento que a minha mãe aprendeu a tocar em criança e se dedicava a animar as festas de amigos da família. *[Figura 32 e 33]*

Os meus avós, vivendo tão intimamente ligados à cooperativa, foram guardando ao longo dos anos um vasto conjunto de fotografias que testemunham essas ocasiões.

Noutras imagens, vemos os meus avós ao lado de casais recém-casados, recebendo uma fotografia como forma de agradecimento e lembrança, uma prática comum na época. *[Figura 34]*

Essas fotografias contam-nos histórias de alegria, de encontros, de tradições preservadas. Guardam expressões, gestos e detalhes que nos transportam para uma época onde a vida comunitária tinha outro ritmo, mais próximo e solidário. Hoje, essas imagens são janelas abertas sobre um passado vivo, permitindo-nos compreender melhor o papel central que a cooperativa teve enquanto espaço de celebração, de união e de construção da identidade local. *[Figura 35]*

Entre os arquivos familiares que herdei, encontrei diversos documentos que retratam a vida e o envolvimento da minha família com a freguesia de Moreira da Maia.

Alguns destes papéis, amarelados pelo tempo, são verdadeiras marcas da ligação entre as pessoas, a cooperativa e a comunidade.

Entre eles, destaco passes de comboio datados de 1923 e 1925, pertencentes ao meu trisavô, que se deslocava das estações de Pedras Rubras e Crestins para o Porto, e de também um de 1910 de outro parente meu que ainda não descobri bem o grau de parentesco, numa época em que estas viagens tinham grande importância para o comércio e a vida social local. *[Figura 36, 37 e 38]*

Encontrei também boletins da sanidade mental, documentos exigidos na altura para quem trabalhava com o público, atestando a boa saúde dos meus avós. *[Figura 39 e 40]*

Há ainda o cartão de sócio da Cooperativa Popular de Moreira da Maia do meu pai e cartão do Sindicato dos Caixeiros do Porto, do meu avô. *[Figura 41 e 42]*

Outro achado curioso foi o cartão de livre-trânsito que o meu avô possuía para aceder à quermesse, e um cartão de sócio dos Bombeiros Voluntários de Moreira da Maia do meu pai, que revela o espírito de serviço à comunidade que atravessava gerações na nossa família. *[Figura 43 e 44]*

Cada um destes documentos e fotografias não são apenas um pedaço de papel: é uma memória preservada, um vestígio da história social e económica da freguesia, e um retrato das redes de solidariedade, trabalho e pertença que marcaram profundamente a vida local.



Figura 25 - Fachada do edifício e Posto Médico que se encontra no catálogo de 1952



Figura 26 - Vista do estabelecimento comercial em 1952



Figura 27 - Fotografias do Salão de Festas e assembleias e do consultório Médico

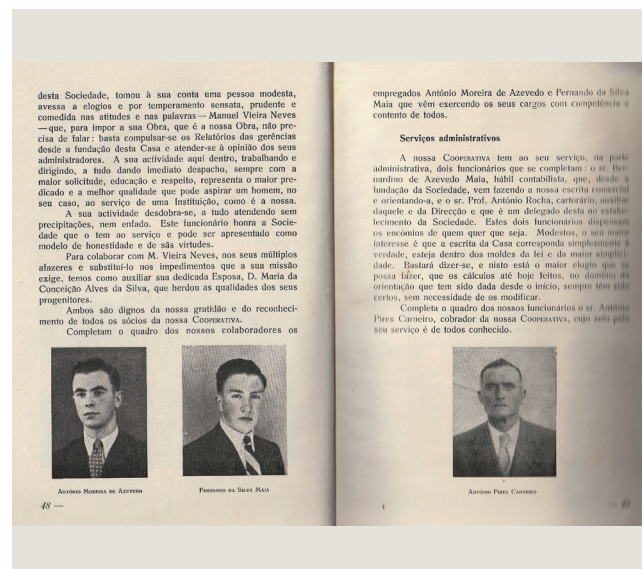


Figura 28 - Páginas onde mostra alguns dos colaboradores, entre eles o meu avô

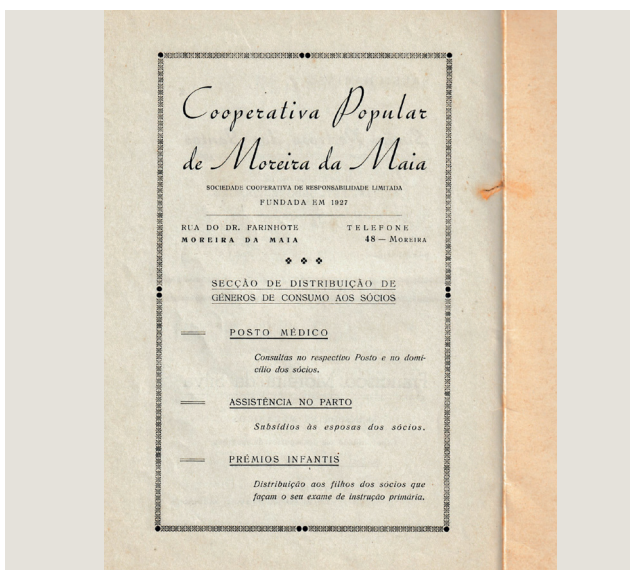


Figura 29 - Página final do catálogo com vários serviços disponibilizados pela Cooperativa



Figura 30 - Como as mesas dos casamentos na Cooperativa eram recheadas de comida



Figura 31 - Uma fotografia mais recente, já a cores das mesas postas para mais uma celebração



Figura 32 - Festa de anos da minha mãe e da minha avó no salão da cooperativa com a família e amigos, 1985



Figura 33 - A minha mãe, com cerca de 12 anos a tocar acordeão num dos casamentos, 1979



Figura 34 - Um dos casamentos realizados na cooperativa, de uma antiga funcionária, chamada Filomena, anos 70



Figura 35 - A minha mãe no dia do seu casamento a ir para o mosteiro de Moreira, 1990



Figura 36 - Passe de comboio anual, de 1923, pertencente ao meu trisavô



Figura 37 - Passe de comboio do meu trisavô de 1925



Figura 38 - Passe dos caminhos de ferro de 1910, pertencente a um familiar



Figura 39 - Boletim de sanidade mental do meu avô, Fernando Maia



Figura 40 - Cartão passado pela Delegação de Saúde



Figura 41 - Cartão de Sócio da Cooperativa pertencente ao meu pai, 1990

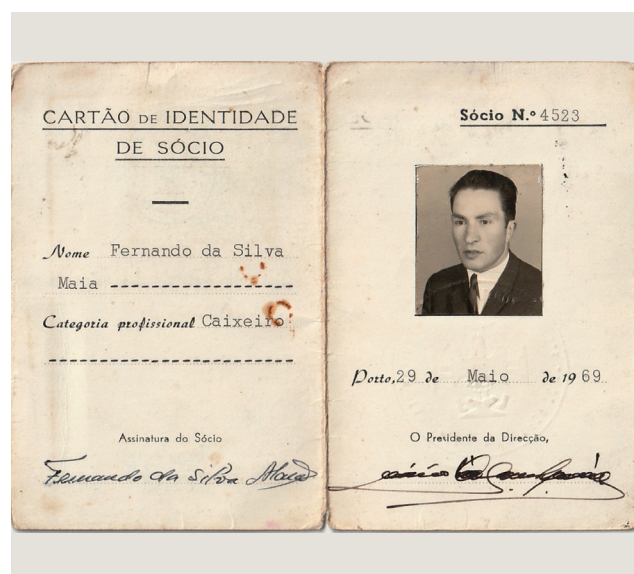


Figura 42 - Cartão do sindicato nacional dos caixeiros do Distrito do Porto, 1969

A COOPERATIVA HOJE: O SILÊNCIO E A MEMÓRIA

Hoje, quem passa pela Rua Dr. Farinhote e olha para o edifício da antiga Cooperativa Popular de Moreira da Maia depara-se com uma estrutura imponente, mas marcada pelo tempo. A fachada continua ali, como uma presença silenciosa, testemunha das muitas vidas que por ali passaram. Mas a ausência de atividade não significa esquecimento. O lugar persiste na memória coletiva da freguesia — nas histórias contadas entre familiares, nas conversas entre vizinhos, nas recordações que os mais velhos passam aos mais novos. Em muitas casas da Maia, a cooperativa continua a ser referida com carinho, respeito e uma certa saudade.

Na minha família, essas memórias vivem com nitidez. A minha mãe lembra-se de, em criança, ajudar o meu avô nos afazeres da cooperativa. Tinha um gosto especial por encher os sacos de açúcar amarelo — e confessa, entre risos, que gostava ainda mais de roubar um pedacinho para si. *[Figura 45]*

Também o meu pai recorda, com humor e ternura, o tempo em que, ainda namorado da minha mãe, a visitava na cooperativa montado na sua motorizada, acompanhado pelos sobrinhos. Nenhum usava capacete, naquela época e, num desses dias, com o portão fechado, foram abordados pela polícia. Em vez de uma multa, receberam apenas uma repreensão. Eram outros tempos, em que os problemas se resolviam com diálogo e em que havia uma proximidade quase familiar entre todos. *[Figura 46]*

Quem viveu nesse período guarda sempre uma história: um casamento celebrado no salão da cooperativa, uma festa de batizado, uma comunhão ou simplesmente a ida às compras. Lembram-se da variedade de produtos, da qualidade reconhecida, do movimento constante, dos cheiros... Relembra também os meus avós, sempre prestáveis, sempre presentes — ao ponto do meu avô ser conhecido por todos como o “Senhor Fernando da cooperativa”. O espírito de solidariedade estendia-se aos hábitos de consumo. Ao atingir um certo valor em compras, os sócios tinham direito a um pequeno bónus. As crianças, ao concluírem a quarta classe, recebiam um valor em dinheiro, celebrando-se a conquista educativa com orgulho. Para muitos que não tinham transporte próprio, havia ainda a possibilidade de receberem as compras em casa: os produtos escolhidos eram colocados num caixote identificado e entregues, mais tarde, pela carrinha da cooperativa. *[Figura 47]*

Em épocas festivas, como o Natal ou a Páscoa, as filas estendiam-se pela rua fora. As pessoas esperavam ansiosamente pela abertura, desejando garantir os doces típicos da quadra, que ali eram vendidos com qualidade e variedade que não existia noutros lugares — afinal, não havia supermercados por perto. Além de tudo isso, a cooperativa tinha ainda um aviário, onde cuidavam das galinhas e preparavam-nas conforme as encomendas. Havia também um terreno de cultivo, usado para consumo próprio. *[Figura 48]*

No interior da cooperativa encontrava-se uma enorme arca, do tamanho de um quarto, destinada a armazenar o bacalhau — produto indispensável na mesa portuguesa — e um talho que servia a freguesia. Os produtos da mercearia eram vendidos a granel, com destaque para o azeite, que em tempos era armazenado em lagares de pedra localizados numa cave. Já nos últimos anos, o azeite era vendido em garrafas. O meu avô recordava que, em jovem, era ele quem provava o azeite antes de ser posto à venda. Fazia-o com um pedaço de pão — e contava, com um sorriso, que o fazia com gosto, porque naquela altura a fome era grande, e aquele momento era também um raro momento de prazer.

Estas memórias são fragmentos de um quotidiano desaparecido, mas que ainda vive, intacto, na lembrança de quem o experienciou. A cooperativa pode hoje estar abandonada fisicamente, mas continua viva — nas histórias que se contam, nos objetos que ficaram, e no coração de uma comunidade que nunca a esqueceu.



Figura 43 - Cartão de livre trânsito à quermesse paroquial de Moreira da Maia

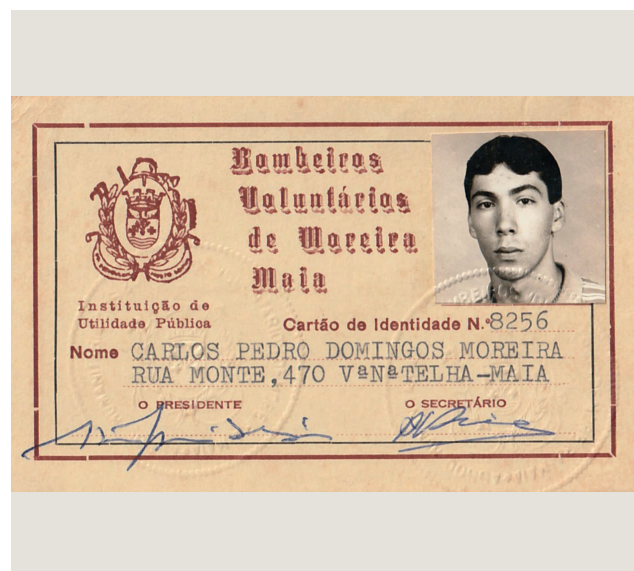


Figura 44 - Cartão de Sócio dos Bombeiros Voluntários de Moreira da Maia, do meu pai



Figura 45 - Os meus avós, a minha mãe e o meu tio, no jardim da cooperativa, anos 70



Figura 46 - O meu pai na cooperativa na sua moto depois de uma visita à minha mãe, 1989



Figura 47 - Uma das carrinhas da cooperativa



Figura 48 - A minha bisavó a cuidar do terreno de cultivo da cooperativa, anos 80

CONCLUSÃO

Ao longo destas páginas, procurei partilhar fragmentos de uma história que me é próxima — não só porque pertence à minha família, mas porque é partilhada por muitas outras pessoas que viveram a Cooperativa Popular de Moreira da Maia. Os objetos, os documentos, as fotografias, e sobretudo as pequenas histórias que atravessaram gerações, ajudam-nos a compreender como este espaço foi muito mais do que um edifício comercial. Foi um lugar onde se vivia e se sonhava, onde se cultivavam relações de confiança, de entreajuda, de pertença e camaradagem.

A memória tem o poder de nos ligar ao que fomos, e de nos orientar no que queremos preservar. É por isso que considero essencial recolher e contar estas pequenas grandes histórias — é nelas que está condensado o quotidiano de uma comunidade, o esforço de quem construiu um espaço com tanto significado, e o espírito de uma época que, embora passada, ainda deixa marcas na identidade coletiva.

Este artigo é, também, uma homenagem àqueles que, como o meu avô e tantos outros, dedicaram uma vida inteira à cooperativa. Aos que compravam ali os bens essenciais, aos que ali celebraram momentos especiais, aos que cresceram com a cooperativa como referência. Preservar esta memória é também garantir que não se apaga o testemunho de uma Maia que viveu com dignidade, solidariedade e humanidade.

Que estas histórias não fiquem guardadas apenas em caixas antigas ou em álbuns esquecidos. Que possam continuar a ser contadas — com orgulho, afeto, sentido de herança — às gerações que virão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Augé, M. (1992). *Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da sobremodernidade*. Letra Livre

Bachelard, G. (1979). *A poética do espaço*. Tradução de António da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: abril Cultura.

Silvano, F. (2022). *Antropologia da Vida Material: Escritos sobre espaços, coisas, pessoas*. Documenta.

Silvano, F. (2010). *Antropologia do Espaço*. Assírio & Alvim.

Tavares, A. (janeiro/junho 2018). *Revista da Maia*. Fundação da Casa do Povo de Moreira da Maia, pp. 59-79

Tavares, A. (julho/dezembro 2018). *Revista da Maia*. Casa do Povo de Moreira da Maia; Edifício Sede- Acesso à Saúde, Moral e Educação, pp. 91-107.

*No 50º aniversário da
ESAS - Histórias, vivências
e experiências, 1989-1995*

Rui Teles de Menezes

Licenciado em História, Técnico Superior de História da Câmara Municipal da Maia

Por altura das comemorações do 50º Aniversário da criação da Escola Secundária de Águas Santas, torna-se imperioso refletir sobre como a ESAS nasceu, o seu desenvolvimento, o papel que desempenhou na comunidade e os homens e mulheres que ajudou a formar ao longo deste meio século.

INTRODUÇÃO

Falar sobre História é, por norma, um prazer. Quando falamos sobre temas que nos tocam fundo no coração, melhor ainda. É o caso da Escola Secundária de Águas Santas, onde passei seis anos, entre 1989-1995, que deixaram grandes marcas, hoje carregadas de saudade! Um período decisivo na minha formação enquanto pessoa, onde aprendi conceitos que influenciaram o que hoje sou, numa fase onde se molda o carácter e se ganham valores que levaremos para a vida - sentido de responsabilidade, de compromisso, lealdade. Já para não falar da questão dos afectos e amores que aí surgem e ganham outra dimensão e importância.

Este artigo surge devido a um convite para dar o meu testemunho sobre os anos em que frequentei a escola, onde pretendi partilhar momentos únicos e experiências pessoais. Mas como muito ficou por dizer, pensei que nestas páginas poderiam ficar registadas algumas das fortes vivências desses anos de ouro da ESAS. O meu propósito será recordar histórias que vivi e as pessoas com que me cruzei. *[Figura 1]*

OS PRIMÓRDIOS DA ESCOLA SECUNDÁRIA DE ÁGUAS SANTAS

Sobre os primeiros anos da Escola ainda existem algumas fontes para a reconstituição da fase inicial, assentes em relatos de quem por lá passou - antigos alunos, professores e funcionários. Inseridos nas comemorações dos 50 anos da ESAS, na rubrica “Conta-me como foi” encontramos preciosos testemunhos de Joaquim Sampaio, Aurora Sereno, José Manuel Cunha, Rui Barreto Costa, Rosa Oliveira, Carla Maciel, Daniel Braga e Mafalda Torres, que nos permitem ter uma ideia mais clara de como a escola surgiu, cresceu e se transformou ao longo deste meio século de existência. Também me socorri de informação da Divisão de Planeamento Territorial da Câmara Municipal da Maia, da Biblioteca Municipal da Maia para aceder ao Jornal da Maia; e ao arquivo do Jornal Despertar/Crescer. *[Figura 2]*

Resumidamente, segundo o arquivo da Rede Escolar, a Escola Secundária de Águas Santas foi fundada em 1973, funcionando nesse primeiro ano numa antiga Escola Primária de Pedrouços, a actual EB1 das Enxurreiras, na Travessa Gonçalo Mendes da Maia. Em termos de dimensões, comportava apenas quatro turmas, duas do curso geral liceal e duas do curso comercial. Uma de raparigas e outra de rapazes, que depois se encontravam todos no recreio. Sob a orientação do professor José Manuel Cunha, um conjunto de sete professores e três funcionários deram início à nossa ESAS.

Pouco tempo depois, passariam para a Escola Preparatória de Pedrouços, em instalações precárias - dois contentores com dez salas de aula. Assim, durante dez anos coexistiram no mesmo ambiente escolar alunos de diferentes idades e até realidades. De um lado o 1º e 2º ano do Círculo Preparatório e do outro, o 7º, 8º e 9º do Unificado. *[Figura 3]*

Só em 1986, a ESAS se emancipará, com nome próprio e estatuto em Diário da República, para a Rua Nova do Corim. Grande parte desta obra foi resultado da profícua acção do Dr. Vieira de Carvalho, Presidente da Câmara Municipal da Maia, que sempre defendeu a necessidade da construção uma escola de raiz, com outra grandeza. O próprio chegou mesmo a afirmar que “foram dificuldades e incomodidades sem conta mas valeu a pena o entusiasmo. Quando vim para a Câmara em 1970 não havia nenhuma Escola Secundária nem Preparatória e, na altura, a Secundária da Maia tinha a construção muito atrasada e, na relação de prioridades havia 36 antes dela em todo o país. Se não fosse a Câmara realizar a sua construção, provavelmente teríamos de



Figura 1 - A ESAS que muitos conhecemos



Figura 2 - Capa do jornal Crescer, 1994



Figura 3 - Uma turma de 8º ano, 84-85



Figura 4 - Jornal da Maia, 13-11-1986



Figura 5 - Jornal da Maia, 20-11-1986

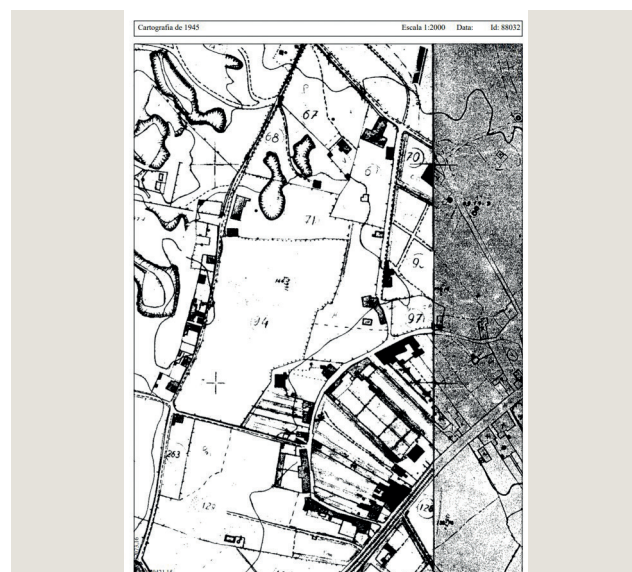


Figura 6 - Cartografia de 1945

esperar vários anos. Foi uma luta constante pois quase todas as escolas nasceram em edifícios impróprios e, se aceitamos tais condições, era como que uma forma de pressão”.

ESCOLA D. PAIO VS. ESAS

A minha relação com a ESAS já começara alguns anos antes do ingresso como aluno, por via familiar. A minha mãe foi colocada como professora de Ciências e Biologia nesta escola no ano lectivo de 1985-86, ainda as instalações se situavam em Pedrouços.

As duas escolas conviviam paredes-meias, separadas por um muro, a que muitos chamavam “muro da vergonha”, bastante idêntico ao “Muro de Berlim”. Ainda bem que essa realidade já lá vai, os muros caíram e a antiga Escola D. Paio modernizou-se, ganhando outra dignidade.

Recordo-me bem da divisão inestética, repleta de rabiscos e tintas coloridas. Quem chegava à entrada da escola, podia contemplar que do lado direito ficava a parte da Secundária (edifícios A e B), do lado esquerdo a zona do Ciclo Preparatório (edifícios C, D, E e um pavilhão para Educação Física).

Era notória a degradação das instalações, sendo o espaço mais apreciado o pavilhão de Educação Física¹, local de aguerridas disputas entre as turmas dos 5º e 6º anos. Na rua Amélia Moutinho Alves, na proximidade da escola, existia numa garagem a loja de gomas da Tituca, local concorrido e muito apreciado pela pequenada.

Voltando à ESAS já em Águas Santas, a escola começou a funcionar no ano lectivo de 86-87 mas a inauguração oficial só ocorre a 8 de novembro de 1986. Nesse sábado de manhã, o Presidente da Câmara acompanhado pelo Ministro da Educação João de Deus Pinheiro, três Secretários de Estado: Arlindo Cunha, Silva Peneda e Alberto Simões, juntamente com grande comitiva, procederam a um conjunto de inaugurações onde se incluiu a nova ESAS. *[Figura 4 e 5]*.

Inicialmente só existia o pavilhão A, o Polivalente e os campos de gravilha e de alcatrão. Mais tarde foi construído o Pavilhão B composto por três pisos, no térreo com salas adaptadas para as disciplinas de Ciências e Físico-Químicas.

A título de curiosidade, atentem ao antes e depois dos terrenos onde se implantou a ESAS, e as construções (ou falta delas) existentes na cartografia dos anos de 1945, 1977 e 1993. *[Figura 6, 7 e 8]*

As primeiras recordações que tenho da escola remontam a idas com a minha mãe ao seu local de trabalho, instalações ainda novas e espaço para correr e brincar. Consigo encontrar memórias de estar no polivalente com carrinhos da Matchbox, por altura das reuniões de notas, onde por vezes também participava. Já vos explico. Como o prof. Queirós Ribeiro de Religião e Moral tinha muitas turmas, as reuniões de avaliação coincidiam. Ele deixava as notas e alguém as ditava. Esse alguém era eu, com a supervisão da Prof. Maria Elisa Lino Ferreira de História, que carinhosamente me tratava por “Meu Segundo Secretário”.

Chegado ao final do meu 6º ano na Preparatória de Pedrouços, que todos denominavam por D. Paio, a minha intenção era continuar por essas bandas até ao 9º ano e só depois ingressar na ESAS, em virtude de não querer ser rotulado de “filho da professora”, com as coisas boas e más que isso trazia. Ao mesmo tempo, não ficava debaixo do olho clínico da progenitora. Só que devido ao excesso de alunos inscritos nesse ano de 89-90, fui automaticamente transferido para a ESAS, gorando-se assim os meus intentos.

¹ O antigo Pavilhão será sempre icónico para mim, pois aí assisti a um momento histórico do Futebol em Portugal. No dia 3 de março de 1989, instalou-se uma televisão e uma verdadeira claque, formada pelos alunos, viu o Portugal-Nigéria, 2-0, disputado em Riade. Pela primeira vez Portugal conquistava o Campeonato do Mundo de sub-21. Que grande festa foi!!



Figura 7 - Cartografia de 1977

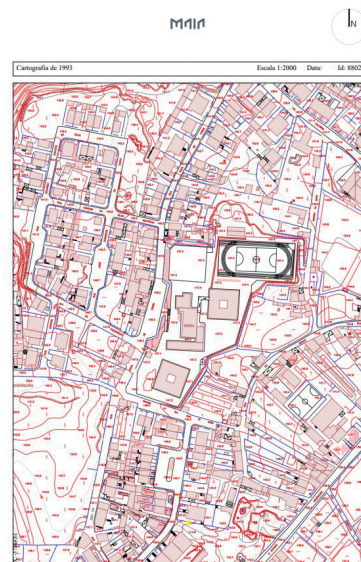


Figura 8 - Cartografia de 1993



Figura 9 - O autor na ESAS, 10ºano, 92-93



Figura 10 - Uma reunião da nossa turma em 2025



Figura 11 - Uma reunião da nossa turma em 2011

O DIA-A-DIA NA ESCOLA

Assim, a minha aventura na ESAS começa em outubro de 1989 no 7º D. Curiosamente, desses dois primeiros anos lectivos não guardo assim tantas recordações. Entre as brincadeiras típicas da idade, a grande maioria do tempo era passada nos campos de gravilha a jogar futebol, enquanto o campo de alcatrão estava “reservado” para os mais velhos. Imaginem as nossas caras quando tocava a campainha, jogávamos mais 5 minutos e íamos a correr esbaforidos para as aulas, todos suados, antes dos professores começarem a fazer a chamada.

Entre os compinchas dos dois primeiros anos, recordo o Nuno “Banana”, amigo de infância e mais tarde, meu padrinho de casamento; o André “Porco”; a Sandra e a Carla “Bijú” da Cooperativa Mãos-à-Obra; o Pedro “Ferreirinha”, primo do André; a Maria João Pinto; a Cristina, “Tininha”, uma paixoneta da altura; a Eugénia Valquíria; a Carla Nogueira “Fifty”, a Susana Costa, o Ricardo “Vidreco” e outras caras que já não associo ao nome. Muitos com alcunha², na maioria dos casos, para arreliar o premiado. Como professores tivemos a prof. Amélia Lopes a Português, a prof. Maria Artur a Francês, a prof. Manuela Barbosa a Inglês, o prof. Queirós Ribeiro a Moral, a prof. Maria José Silva a Matemática, a prof. Fernanda Costa e o prof. Luís Lamas a Ciências, os profs. David Sá e Augusto David a Electrotecnia e Madeiras e a prof. Maria José a Físico-Químicas.

Entrado no 9º ano, a minha turma anterior sofreu grandes alterações pois éramos obrigados a escolher uma área. Ao escolher Economia, acabei por ingressar no 9ºF, uma turma com mais de trinta alunos. Era um grupo marcado por muita irreverência e turbulência, composta por elementos como o “Geniozinho” André Lamas Leite, a Liliana “Cenoura”, a Virgínia, o Artur Sá Pinto, o Hélder Silva “Tripas”, o Marco Cunha, (filho do Prof. Cunha de Educação Física), o Óscar, o Joca da Cooperativa, o Adão e o Manuel “Matreco”, os verdadeiros “gato e rato”, sempre pegados e instigados para tal. Um ano complicado. Para mim, foi verdadeiramente a entrada na chamada idade da parvoíce.

Nesse ano, as nossas professoras foram: Kátia Alves a Português, Conceição Barbosa a Inglês, Alda Ramos a Geografia, Maria Artur a Francês, Isabel Lopes a Matemática, Emília Gouveia a Ed. Visual, Fátima Tavares a Ed. Física e Manuela Ferreira a Moral. Recordo uma célebre aula que tivemos de Religião e Moral no Polivalente, que terminou com uma significativa alteração entre raparigas.

O ingresso no chamado Ensino Complementar, na área de estudos D- Humanísticas, no 10º ano [Figura 9], trouxe grandes alterações na composição da turma. Formou-se uma nova, conhecida pela dos “seminaristas”, pois incluía três elementos que residiam no Seminário da Consolata, na rua D. Maria Faria, casa que acolhia jovens que estudavam para padres. Dos três, o Nelson Baptista e o Jorge Pedrosa continuaram connosco até ao 12º ano. Nenhum deles seguiu a vida religiosa. Entre os componentes da turma, incluíam-se a Alexandra Oliveira, Mónica Fortes, Sandra Rodrigues, Tânia Oliveira, Carla Nogueira, Maria Reis, Isabel Ferreira, Carla Carvalho, Marlene Paiva, Pedro Ferreira, Luís Santos “Slash”, Sérgio Ferreira “Pagode”, Sónia Martins, Aníbal, Ricardo “SD”, Alexandra Figueiredo, Arlete Nicolau, Susana Carvalho, Andreia Carmo, Sílvia Rodrigues, Sandra Mónica.

Entre este grupo de alunos criou-se um espírito de amizade e camaradagem único, de tal forma que ainda hoje passados mais de 30 anos, continuamos a conviver virtualmente via redes sociais e a realizar almoços com regularidade, de forma a apreciarmos o avanço dos cabelos brancos, das proeminentes barrigas nos homens e a beleza “vintage” das componentes femininas. [Figura 10 e 11]

2 A todos os apelidados com alcunhas, peço que não me levem a mal pela referência.



Figura 12 - Viagem a Santiago de Compostela, com as prof. Maria Artur Barros e Amélia Lopes



Figura 13 - Viagem a Santiago de Compostela



Figura 14 - Os profs. Elisabete, Maria Artur, Dinah Ferreira, Rufino, Conimbriga 1994



Figura 15 - A prof. Luzia Lemos numa Festa da Primavera



Figura 16 - O trabalho dos alunos de artes visuais

Desse período, saliento alguns momentos que nos marcaram: a célebre viagem a Santiago de Compostela realizada com mais 2-3 turmas em 1994, com passagem pela casa-museu e monumento a Rosalia de Castro em Padron e visita à Catedral de Compostela. Uma aventura que durou três dias, dormimos nuns contentores utilizados na Expo-92 de Sevilha, depois transportados para perto de Santiago. Aí o sono não esteve presente, tal a nossa excitação pelo convívio (numa camarata de seis ficou quase a turma toda), incluindo idas à discoteca do aldeamento e consumo de algumas bebidas alcoólicas às escondidas. Tudo isto perante os esforços infrutíferos de manutenção da ordem e paciência monumental das professoras que nos acompanhavam, as Prof. Maria Artur Barros, Amélia Lopes e Manuela Ferreira. Não me sai da memória a Prof. Maria Artur às três da manhã a tentar controlar o constante fluxo amoroso entre os quartos, de cobertor pelas costas, qual guarda noturno. *[Figura 12 e 13]*

Outro evento de relevo foram as comemorações do 25 de Abril, algures entre 1993-94, onde realizamos trabalhos relativos à efeméride para exposição na Biblioteca. Uma das iniciativas em que fomos desafiados consistia em nos vestirmos a rigor. Como tal, assaltamos o baú de casa e raptamos roupas antigas dos nossos pais. No meu caso, consegui vestir o fato de casamento do meu pai e assim fui, a recriar a indumentária dos anos 70. A minha cara-metade levava um vestido curto verde, muito característico da época.

Desse período aproveito para recordar os “bravos” Magísteres que nos aturaram e moldaram muito daquilo que somos hoje *[Figura 14]*: a Português, Maria Artur Barros; num dos “cadeirões” Latim, Dinah Ferreira³; a História, Elisabete Almeida; a Inglês, Luzia Lemos *[Figura 15]*; a Jornalismo, Abílio da Fonseca; a Filosofia, César Rocha; a Antropologia Cultural, Maria Augusta; perdendo-se nas brumas da memória os profs. de Francês, de TTF -Técnicas de Tradução de Francês e de Relações Públicas.

Quem não podia deixar de mencionar foi uma célebre professora que não conseguia ter mão nos alunos. Quando “tentava” dar alguma aula, estava a confusão instalada, tal o ruído produzido em contexto de aula. Grande parte da culpa era nossa, alunos, pois devíamos ser mais responsáveis, mas esse panorama era transversal a todas as turmas. A “festa” durou um ano lectivo. Curiosamente, passados mais de 15 anos, estava num bar da Foz e de repente, quem é que eu reconheço à minha frente: essa inconfundível professora. Ainda trocamos algumas palavras, recordava-se da passagem pela ESAS (e nós também...), fiquei a saber que depois passou por várias escolas e até já tinha voltado ao concelho: na Escola Secundária do Castelo da Maia.

No último ano, o 12^a, foi diferente dos anteriores, até porque o tempo passado na escola decresceu, em virtude de só termos três disciplinas: História, Geografia e Filosofia. Essa diminuta carga horária semanal traduzia-se num dia livre, onde as aulas começavam às 15:30-16:30 e terminavam às 18:30/19:30. A nossa atenção já estava mais virada para os exames de final de ano, determinantes para as notas de ingresso no Ensino Superior.

Nesse ano também é finalizado o projecto orientado pela prof. Emília Gouveia de pintura de espaços exteriores, o “Vácuo Iminente”, baseado no simbolismo de Miró, mais visível na frontaria do Polivalente, junto aos bancos agora ocupados pelos mais velhos nos intervalos. *[Figura 16]*

MOMENTOS ÚNICOS

Entre os vários fragmentos que ficam na memória, destaco alguns dos quais identifico com nitidez assinalável: quando apresentei a Festa de Final de Ano⁴ juntamente com a sempre bonita

³ Depois de sair da escola, nunca mais me cruzei com a prof. Dinah. Mas lembro-me muitas vezes dela, do seu porte e sorriso e das célebres declinações de Latim

⁴ Como foi bom rever esse momento num excerto colocado online pelo Agrupamento: facebook.com/aescas/videos/288401958496930



Figura 17 - A Festa da Primavera

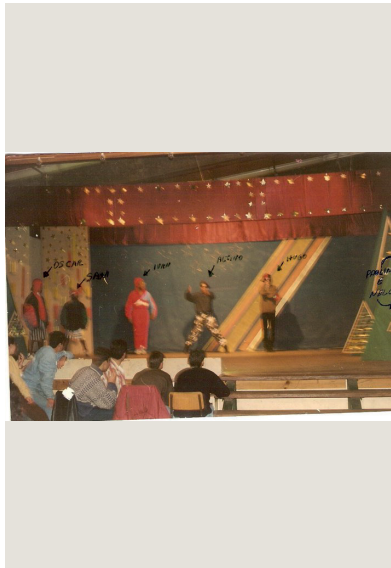


Figura 18 - Festa de Natal na Escola Secundária de Águas Santas ano 94



Figura 19 - Gala dos Finalistas, 1991



Figura 20 - Com a Prof. Mariana



Figura 21 - Uma actuação do Grupo de Expressão Corporal



Figura 22 - Clube de fotografia com a Prof. Conceição Barbosa, 1989



Figura 23 - O filme Grease, com a Prof. Maria Elisa Lino

Ana Marques; a minha participação na actuação do Grupo de Dança Contemporânea das “Quatro estações de Vivaldi”; a alegria e entusiasmo vividos nas semanas da Primavera do início dos anos 90 – repletos de actividades dinamizadas pelos clubes que existiam. Montavam-se barraquinhas entre o Polivalente e o pavilhão A e até se chegou a colocar uma barraca da Associação de Estudantes, nas imediações do circuito de manutenção, junto aos balneários. *[Figura 17 e 18]*

No que diz respeito a Festas, essas não faltavam. Aconteciam sempre no Natal e no final do ano lectivo. Ocasionalmente, na Primavera e no Carnaval. Outro momento solene para os mais velhos era o Baile de Finalistas.

Acontecia à noite e normalmente terminava abruptamente devido ao ruído da música e movimento na rua, o que motivava queixas dos vizinhos. Também elementos externos à Escola se infiltravam nas festividades e, ocasionalmente, terminavam em confusão. *[Figura 19]*

Entre os vários números protagonizados por alunos e professores nas Festas, destaco uma interpretação muito fiel de Freddie Mercury por um professor, a actuação dos profs. Priscila Matos e Carlos Cardoso num dueto onde cantaram “We’ ve Got Tonight”, o aparecimento do rap pelo Nelson Lumbongo e a Anabela “Jackson”, alunos que passaram pelo Lar Evangélico, a música “Time of my life” do filme “Dirty Dancing” e as “potentes” actuações de grupos de bandas de punk e metal.

Nas festas eram protagonizados vários números por alunos quer seja individualmente, como em conjunto, no âmbito dos diferentes clubes. Entre os existentes, organizados sobre a égide da chamada Área Escola, enumero aqui alguns: Dança Contemporânea, Expressão Corporal, Europeu, Cultura Inglesa, Cultura Francesa, Informática, Teatro, Civismo, Leitura, Artes, Serigrafia, Tapeçaria, Jogos Florais, Jornalismo, Jardinagem, Fotografia, Etnografia, Vídeo, Comunicação. *[Figura 20, 21, 22 e 23]*

Também nos finais dos períodos aconteciam festas fora da escola à tarde, promovidas pela Associação de Estudantes no Ars Nova, na estrada para a Santa Rita. Cada dia era dedicado a uma escola das redondezas: ESAS, Ermesinde, Areosa. O problema é quando se juntavam escolas e aí era confusão garantida, formavam-se claques e por vezes, o despique passava a ser físico.

A HISTÓRIA NESSES ANOS

Entre os factos históricos que pude viver nesse período, destaco alguns, até pela força das imagens coloridas que nos chegavam em directo pelas televisões. Acontecimentos esses que também se repercutiram em actividades realizadas na escola - festas, nos clubes escolares e até em vigílias.

No final da década assistimos à queda do muro de Berlim que dividia a Alemanha em República Federal - RFA e a República Democrática -RDA. Assim, a 9 de novembro de 1989, pudemos ver o fim da Cortina de Ferro e o início da queda do comunismo na Europa Oriental e Central.

Este processo de desagregação do Bloco de Leste tinha sido iniciado já antes, em 1986, por Mikhail Gorbachev, ao adoptar a Perestroika (reconstrução ou reestruturação), em conjunto com a Glasnost, uma das políticas introduzidas na União Soviética.

Pouco tempo depois acontece a invasão do Kuwait pelas forças do Iraque lideradas por Saddam Hussein. Esse acto motivou elevados protestos internacionais, formando-se uma coligação liderada pelos Estados Unidos que em menos de dois meses termina com a ocupação. Por isso, ainda hoje me é familiar termos como mísseis Scud e Patriot, operação Tempestade no Deserto, ou cidades como Bassorá, Mossul, Kirkuk.

Outro acontecimento marcante foi o massacre de Santa Cruz⁵, em Díli, Timor-Leste, registado em vídeo. Consistiu num tiroteio sobre manifestantes pró-independência no cemitério local, a 12 de novembro de 1991, causando mais de 271 mortos e 278 feridos, perpetrado pelas forças ocupantes da Indonésia.

Ao entrar em 1992 inicia-se um movimento estudantil levado a cabo pelos estudantes contra a Prova Geral de Acesso- PGA, exame que permitia o ingresso no Ensino Superior. Consistia numa prova de português e cultura geral. Os protestos acentuaram-se, pois esta continha conteúdos não trabalhados em aula, até que o governo finalmente a substituiu por provas específicas das disciplinas do 12º Ano. Uma das razões da quebra de popularidade de Cavaco Silva na juventude passou por aqui.

Também relembro as primeiras campanhas contra a SIDA. Fruto da idade e dos contactos de risco, os jovens precisavam de ser alertados e tomar medidas para evitar a propagação da doença. Foi o começo da Abraço, instituição ainda a dar os primeiros passos no combate à “epidemia do século”, que apostou na distribuição de preservativos e folhetos em contexto escolar, seguindo os exemplos de anteriores campanhas de sensibilização e prevenção do alcoolismo e tabagismo.

A PRESENÇA DE FAMOSOS

No âmbito de uma festa “ESAS e Zás” a 12 de maio de 1989, estive presente na escola o conhecido actor brasileiro, Ary Fontoura, o “Prefeito Florindo Abelha” em Roque Santeiro, talvez a novela mais marcante dos anos 80 em Portugal, juntamente com a nadadora do FCP, Teresa Figueiras. Nesta actividade promovida pelo Clube de Comunicação, o aluno Francisco César Silva ofereceu a sua faixa de campeão nacional em juniores à ESAS, conquistada com as cores do FCP.

A 7 de dezembro de 1989 deu-se a vinda da campeã olímpica Rosa Mota para inaugurar o circuito que ficava nas traseiras dos balneários, aproveitando uma zona de bouça dentro do perímetro da escola. No exterior dos balneários constava uma placa comemorativa da sua vinda, com a inscrição “Pista de Cross Rosa Mota Campeã Olímpica de Seul – 88 Exemplo de Mulher, Desportista e Portuguesa Dez-89”. Num dia muito chuvoso e ventoso, ao evento compareceram diversas entidades, que depois seguiram para um almoço de confraternização, sendo possível constatar a simplicidade e simpatia da Campeã Olímpica da Maratona de 1988, a primeira mulher portuguesa a alcançar o ouro nos Jogos Olímpicos. Também foi notícia a presença do Presidente da Câmara Municipal da Maia, Dr. Vieira de Carvalho, numa palestra sobre a história e grandeza da Maia perante uma plateia de 90 alunos. De realçar que este encontro mereceu destaque na informação de muitos órgãos de comunicação social: JN, Comércio do Porto, Jornal da Maia e as rádios Sete FM, Lidador, Comercial, Renascença e Antena1.

A 17 de abril de 1993, a ESAS recebeu novamente a visita do Dr. Vieira de Carvalho, desta vez acompanhado pelo ministro da Educação, Eng. Couto dos Santos, onde o tema de conversa foi o tão desejado pavilhão desportivo, já prometido há mais de cinco anos, a construir nos espaços ocupados pelos três campos de futebol, balneários e circuito de manutenção. Sem conseguir precisar nomes, tenho ideia de alguns jogadores do Futebol Clube do Porto comparecem em eventos relacionados com Desporto, até pela influência do prof. António Cunha, na época treinador dos seniores de Andebol do FCP. Durante os anos 1989-1995 na ESAS, tivemos entre os alunos, alguns atletas que envergaram as cores do FCP: no Hóquei em Patins, o

5 A força das imagens foi tal, que desencadeou um movimento sem precedentes na opinião pública nacional e internacional. No ano seguinte, em março, dá-se o evento do barco Lusitânia Expresso, que partiu de Portugal com o objectivo de colocar uma coroa de flores no local do massacre, e, assim atrair a atenção dos media sobre a temática da opressão do povo de Timor-Leste. Mesmo impossibilitado de alcançar pelas forças indonésias, a viagem do Lusitânia Expresso serviu como alerta para a questão do povo de Timor, contribuindo de certa forma para a retirada da Indonésia e a independência da última colónia portuguesa em 1999.

guarda-redes Gustavo Dias e eu próprio no hóquei em patins e no andebol, os irmãos Pedro e Marco Cunha, Francisco César Silva e o meu vizinho Manuel Arezes.

DESPORTO E MOVIMENTO

Uma das práticas mais usadas em período de férias ou ao fim de semana era saltar o portão ou o muro da escola. Como ainda não existia pavilhão, os campos ao ar livre eram palco de manhãs e tardes repletas de jogos entre a miudagem. Por vezes, com autorização de algum funcionário, outras à socapa, avançando sem estragar nada⁶.

Já mais controladas pelo olhar atento dos professores de Educação Física, a disciplina mais apreciada por grande maioria dos alunos, aconteciam aguerridos torneios inter-turmas de futebol ou basquetebol, maioritariamente dominados por turmas compostas por repetentes e alunos do Lar Evangélico, detentores de uma destreza física sem igual. Às vezes, a Escola parava à volta dos campos (gravilha e alcatrão), com rapazes e raparigas a circundar os “heróis” que se digladiavam como se não houvesse amanhã. Ocasionalmente, também aconteciam jogos de futebol alunos contra professores, onde pontificavam Jorge Ferreira, Queirós Ribeiro e outros docentes de Ed. Física. [Figura 24]

Um dos grandes problemas nas aulas de Educação Física era a falta do banho depois do exercício. Várias razões para a ausência de “banhoca”: água fria, roubos nos balneários, falta de roupa para trocar e mesmo falta de limpeza dos próprios alunos. Alguns professores facilitavam, quem não perdoava era o Prof. Cunha, que quando os alunos se esticavam, chegava mesmo a aplicar umas “carícias” ao contemplado. Quando chovia à hora das aulas de Educação Física cumpria-se o horário em sala de aula, ou seja, uma valente seca para os apaixonados pelo desporto.

CURIOSIDADES E ESPECIFICIDADES DA ESAS

Chegada a altura das eleições para a Associação de Estudantes, era garantida muita animação e confusão. Se nos primeiros dois anos não prestava muita atenção a essa questão, a partir do 9º ano, a A.E já era vista de outra forma. Não tanto pelo que fazia, porque não me recordo de alguma grande conquista pelos alunos, a instalação de cacifos era a eterna promessa eleitoral que se veio a concretizar mas só muitos anos mais tarde [Figura 25]. Um dos que poderá falar sobre esse período é o Nuno Oliveira, conhecido também por “Caracol”, pois foi Presidente da A.E nessa altura. Julgo que a instalação de duas mesas de ping-pong no Polivalente terão ocorrido no seu mandato. Entre 93 e 96 não existiu A.E.

Ser da A.E também era sinónimo de estatuto pois tornava-se “conhecido” na escola. Começava-se a parar pelo anexo onde funcionava o projecto da Rádio-Escola, no palco do polivalente, sendo o acesso feito por uma escada móvel. Hoje, tal seria impensável. Certo é que a campanha eleitoral, nos dois dias que antecediam as votações eram sinónimo de muito barulho dentro do polivalente, música, cânticos, reбуçados, autocolantes e, não podiam faltar também, alguns arrufos. Por exemplo, em 1987 existiram 4 listas concorrentes enquanto em 1992 existiram 6 listas.

Outra aventura que não podia deixar de referir era a “corrida mais louca do mundo” para a fila da cantina. Para quem só tinha uma hora para almoçar, era importante dar da perna para ser dos primeiros na fila, senão não conseguia chegar ao almejado prato.

Sobre as brincadeiras, mais em voga entre o 7º e 8º ano, pontificavam “o carrega”, praticado na viagem casa-escola, (cada um escolhia um número de matrícula de carros, se esse aparecesse, o pobre coitado tinha de levar todas as mochilas do grupo, o que muitas vezes motivava cenas

⁶ Infelizmente também se saltava o muro ou rebentavam portões, mas para assaltar a Escola. Como o que aconteceu no final de novembro de 1989, onde “visitaram” a Secretaria, o Conselho Directivo e o Bufete, originando prejuízos de centenas de contos.



*Figura 24 - Num dos campos,
com os Prof. Carlos Cardoso e Queirós de Moral*



Figura 25 - Eleições Lista S



Figura 26 - Último dia de aulas e banho



Figura 27 - O Café Alaúde

hilariantes); a compra de “peidinhos” engarrafados e lançamento dos mesmos dentro das salas de aula ou nos apinhados autocarros 9, 29 e 59 que passavam na rua D. Afonso Henriques. O recreio dentro da escola, quando não era passado uns atrás dos outros às caçadinhas, jogava-se “ao mata”; “à cabeçadinha”, debaixo dos cobertos de fibrocimento; ao “elástico”; ao “vai lenha”, sem excluir algumas idas ao “poste” (parvoíce de rapazes que muitas vezes acabava em choro do pobre coitado), Já as trocas de cromos de futebol começavam a cair em desuso, embora eu próprio continuasse a fazer coleções. Comprar cromos da Panini para o Mundial 90 e 94 na Papelaria Lê Connosco, na tabacaria do pai da Fátima Leal e do Zé Banana ou na Papelaria Pio era obrigatório.

Outro aspecto curioso relacionava-se com a grande rivalidade existente entre a ESAS e a Escola de Ermesinde, por vezes éramos visitados por elementos das Saibreiras e estava o caldo entornado...

Mais uma especificidade da ESAS: a sala A17 tinha uns estiradores, mesas de madeira grandes, ideais para deixarmos para a posteridade mensagens e pensamentos, em forma de rabiscos. Assim se comunicava entre as tribos da escola, sem telemóveis nem internet...

Outras tradições, no mínimo curiosas e algo parvas, consistiam no último dia de aulas ir-se ao banho, nos bebedouros exteriores, onde os pobres infelizes eram carregados em ombros e colocados na pia de forma a ficarem encharcados [Figura 26]; outros preferiam destruir os cadernos diários e espalhá-los pelo recreio. Por fim, no dia de aniversário de alguns alunos, estes eram presenteados com farinha e mistelas preparadas em casa, qual cocktail molotov radioactivo, que dava outro “colorido” ao cabelo e roupa do pobre aniversariante.

AS DIFERENTES TRIBOS

Se a Escola era um cosmos da juventude da época, os espaços dividiam-se entre as diferentes tribos que existiam. Os grupos formados eram facilmente identificáveis pelos penteados, indumentária e hábitos. E ainda existia uma larga franja de estudantes que não se enquadrava em nenhum conjunto, passando despercebidos entre a fauna estudantil.

Assim, existiam os chamados Metaleiros: assentavam arraiais entre as traseiras e lateral do pavilhão A e o polivalente, calças de ganga justas e deslavadas, t-shirts pretas com os símbolos dos Metallica, Megadeth e Sepultura; os Góticos: com as suas cristas, pulseiras de metal, roupas negras e casacos compridos de cabedal ou napa, algures na frente do polivalente e a entrada da escola; os Betos: normalmente nas escadas do palco do polivalente, com roupa de marca, sapatos de vela e gel no cabelo; os Putos (7º e 8º ano): nos campos de grvilha a correrem como loucos, com fatos de treino de cores berrantes e às vezes de sapatos; os casais de Namorados: aninhados atrás do pavilhão A e B (por vezes em cenas mais quentes); os Motards: junto às suas máquinas de duas rodas estacionadas nas traseiras da cantina (as motas eram DT, Piaggio, Casal Boss, e as scooters que eram apelidadas de secadores); os Desportivos: sempre junto ao campo de alcatrão de bolas nas mãos, com sapatilhas Reebok Pump e roupa Nike; os Noctívagos: mais vocacionados para a Dance Music que começava a surgir nas discotecas Swing, Cais 447 e Rock’s, identificavam-se por roupa justa, com riscas nos braços, comprada em lojas como a Maniak ou 55 no Porto, t-shirts UMM – Underground Music Movement e sapatilhas Adidas Gazelle.

Fora da Escola, os estabelecimentos comerciais frequentados pelos alunos eram basicamente os cafés Alaúde⁷ [Figura 27] do icónico Bino, local de convívio dos alunos mais velhos e professores; o Show, mais direccionado para a malta da pesada e o Bilharista Maior, na rua D. Afonso Henriques, génese do extinto e CAC – Clube Amigos do Corim. Na mesma rua ficava a Confeitaria Branca, local onde parava também um outro grupo de jovens, onde pontificava o Bigas, Trombeta, Henry, Banana, Kaiosa, Fisgas e Joe.

⁷ Tornou-se café algures entre 87-88 e o primeiro funcionário foi o Adriano Freire. Antes fora um talho.

A MÚSICA E O VESTUÁRIO COMO ELEMENTO DIFERENCIADOR

Face à inexistência de Internet, Youtube e ou Spotify, quando queríamos ouvir os nossos ídolos musicais, comprávamos discos em vinil (maxis ou LP) e K7 originais. Podíamos recorrer à rádio para fazer gravações e ficávamos a rezar que não falassem durante a música, de forma a podermos fazer magia entre as teclas do REC, PLAY, STOP e PAUSE. Quando queríamos adicionar imagem, recorriamos ao VHS, principalmente quando davam videoclipes na televisão. Houve uma altura em que devido à existência de um retransmissor na zona do Marquês, conseguimos ter acesso a canais como a MTV, VIVA, RTL⁸ que muitas vezes passavam os últimos hits europeus. Outro meio de nos mantermos informados passava pelas revistas Bravo⁹, Popcorn ou pelo jornal Blitz. Essa paixão pela música traduzia-se na forma de vestir, adoptando penteados, pinturas faciais, rasgões na roupa, chapéus ou uso de determinados acessórios e marcas. Por isso, usar botas Doc Martens, Panama Jack, Sendra¹⁰ ou sapatilhas All Star era sinónimo de determinado grupo. Entre as marcas de roupa, principalmente calças de ganga, dominavam marcas como a Uniform, Soviet, C17, Chevignon, Replay, Mustang, Cheyenne, Energy, El Charro, Donovan, Diesel, Levi's, Guess, Versace, Pepe Jeans, Lee, Lois, C111, Carrera, Chippie e Heavy. Já entre os casacos de ganga eram quase universais, assim como as camisas aos quadrados e os fatos de treino coloridos. *[Figura 28]*

Quanto à música propriamente dita, no segmento português, destacavam-se os Resistência, Delfins, GNR, Xutos e Pontapés, Peste e Sida, MataRatos¹¹. Já a nível internacional, foi o período dos Queen, até pela morte de Freddie Mercury em 1991, Guns N'Roses, Sisters of Mercy, Depeche Mode, Joy Division, The Doors, The Cure, Nirvana, Pearl Jam e Metallica. Para uma vertente mais Pop, os Bros, New Kids on the Block, Madonna, Michael Jackson, Brian Adams, Whitney Houston, Roxette e muitos outros. Na música de dança era o tempo dos Snap, Technotronic, 2Unlimited, Enigma, Right Said Fred, Toni di Bart, Black Box e Ace of Base. *[Figura 29]*

SÉRIES E FILMES

A introdução de mais dois canais veio alterar a forma como percecionávamos o mundo. Em outubro de 1992, arrancam as emissões da SIC e em fevereiro do ano seguinte surgia a 4, actual TVI. A televisão ganhou outra vida através de novos programas e séries que acompanharam o nosso crescimento. Ainda hoje lembramo-nos de programas como a Noite da Má Língua, All you need is love, do Perdoa-me, do Juiz decide ou Na cama com... Sem esquecer os primitivos A amiga Olga, o Doutores e Engenheiros ou o Herman José na Roda da Sorte a terminar o programa a destruir a montra de prémios a tiros de caçadeira! É nesse período que surgiram as séries Os Simpsons, as Tartarugas Ninja, Seinfeld, Twin Peaks, Ficheiros Secretos. Entre os filmes, recordo o Clube dos Poetas Mortos¹², Nascido a 4 de Julho, The Doors O mito de uma geração, Silêncio dos Inocentes, A lista de Schindler, Pulp Fiction e Forrest Gump. Motivo de grande falatório na escola, foi a polémica exibição do Império dos Sentidos, na RTP2¹³, pois alguns viram o filme às escondidas e rapidamente se tornou alvo de animadas conversas e brincadeira entre nós.

8 Não era só música que passava neste canal, muitos ainda se devem recordar de programa Colpo Grosso, juntamente com as Ragazze Cin Cin. Tornou-se um programa de culto para os jovens da altura.

9 A Revista Bravo era alemã o que dificultava, e muito, a sua leitura. Em contrapartida, tínhamos acesso aos tops europeus e aos reconhecidos autocolantes que saíam amiúde e serviam de decoração aos cadernos e capas escolares.

10 Quem tivesse disponibilidade financeira para adquirir umas Sendra tinha de desembolsar 30 contos, equivalente a 150 euros, 75% de um salário mínimo. Na altura estas eram vendidas exclusivamente na Agostini das Antas ou Foz e existiam três modelos: bicudas, redondas e quadradas.

11 Os Mata-Ratos são uma banda portuguesa de punk rock formada no início dos anos 80 e autores de uma música deveras original: "A minha sogra é um boi". É considerada uma banda mítica no cenário do punk rock português.

12 Em quase todas as salas de aula foi recriada a famosa cena da subida às carteiras e a expressão Carpe Diem passou a ser muito utilizada.

13 Filme de Nagisa Oshima, lançado em 1976 e exibido em sinal aberto a 19 de fevereiro de 1991. O alvoroço foi tal que motivou um inquérito pela Alta Autoridade para a Comunicação Social.

O QUE NOS ACOMPANHAVA

Alguns objectos tornaram-se icónicos desse período. As chicletes Gorila, companhia em muitas aulas, fortemente combatidas pelos professores e depois de mascadas, coladas debaixo das mesas; as correntes e pulseiras de picos; as t-shirts de surf da Gotcha, Lightning Bolt, Quicksilver, Rip Curl, O'Neil, Redley, Hang Loose; punhos para jogar basquetebol; os smiles que colocávamos na roupa e nos bonés; o obrigatório Walkmann; o autocolante Penelope nas traseiras dos carros; canetas de feltro Molin para as aulas de desenho; os autocolantes Tou que saíam nos Bollicaos ou os fantasmas que brilhavam no escuro das batatas fritas Matutano. *[Figura 30]*

DENTRO DA SALA DE AULA

Como era uma sala de aula dos anos 90? Em grande plano, o quadro negro em lousa, giz, apagador. Ao lado, em cima da mesa um retroprojector. Para ocasiões especiais, um projector de slides. Não podiam faltar as folhas e canetas de acetato, cadernos Ambar ou Firmo, borrachas verdes Pelikan, lápis Viarco, lápis de cor Caran d'ache, os estojos coloridos cheios de material inútil, folhas de papel cavalinho, os estores de pauzinhos de madeira que enrolavam e se estragavam facilmente, as canetas BIC sem a carga para guerras de papel mastigado, o livro de ponto para colocação do sumário e faltas dos alunos (misteriosamente, por vezes, ganhava sumiço), as diskettes, primeiro suporte de armazenamento de informação digital e até um esqueleto na sala de ciências, teimosamente vestido com a nossa roupa para não se constipar.

DOÇURAS E TRAVESSURAS

Entre as lojas de gomas, a dois passos da escola recordo a Dona Goretti que existiu até meados dos anos 90. Mas a referência e uma das verdadeiras instituições da ESAS era a loja da Dona Esmeralda¹⁴. Quantas vezes repetimos: “Vais à Esmera?” *[Figura 31]*

Ao longo de mais de 25 anos, foi o local privilegiado para doces e salgados e afins: bollicaos a 60\$00, batatas fritas com sabores, almofadas, broas de mel, gomas, chiclas, fotocópias e cigarros avulso¹⁵. A Esmeralda – foi mais do que uma mãe para muitos de nós, incluindo até os mais problemáticos, que aí encontravam um porto seguro. Naquele espaço fizeram-se muitas confissões de adolescente, a Dona Esmeralda foi a nossa psicóloga e conselheira nos anos 90.

A IDADE DA INOCÊNCIA

Ao ingressar na escola com 12 anitos, aquilo que mais valorizava era a brincadeira- jogar à bola nos intervalos e furos enquanto as insípidas relações amorosas, uns beijitos, ficavam para segundo plano. A entrada para o 9º ano significou uma alteração nesse paradigma, começando por um maior cuidado com a imagem, a questão das marcas e estilos. Se houve uma altura que gostava de andar de preto a ouvir incessantemente “The Doors”, rapidamente entre o 11º e 12º ano já estava mais enquadrado nos Betos. Os namoros surgiram no 9º ano, e ganharam outra estabilidade no 11º ano, pois encontrei uma cara-metade na turma que seguiu comigo até à faculdade.

Face à ainda inexistência de telemóveis, as aproximações eram feitas através de bilhetinhos na sala de aula e em caso de correspondência, depois faziam-se passeios pela escola para os atingidos pelo cupido se conhecerem melhor. Também existia a figura da “vela”, um terceiro elemento que ajudava o casal a fazer “match”.

14 A Dona Esmeralda, mãe do Adriano Freire, trabalhou largos anos numa fábrica de confeções na Formiga, a Santos & Lima. Quando viu que a mesma estaria em dificuldades, decidiu arriscar e estabelecer-se por sua conta e risco numa lojinha nas imediações da escola, um pouco à imagem das muitas que existiam na época, como a Tituca em Pedrouços. Assim, entre o final de 1988 e 2022, ir à Esmeralda era obrigatório.

15 Entre 89 e 95, o preço dos cigarros avulso oscilou entre os 10 a 20 escudos.

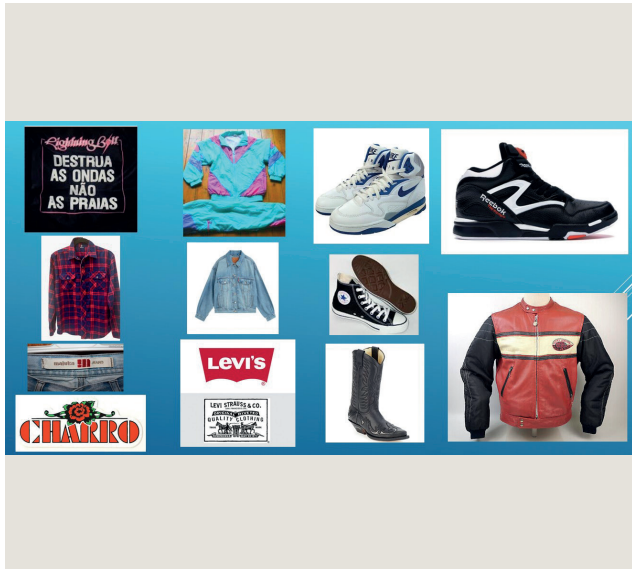


Figura 28 - Algumas peças desse tempo

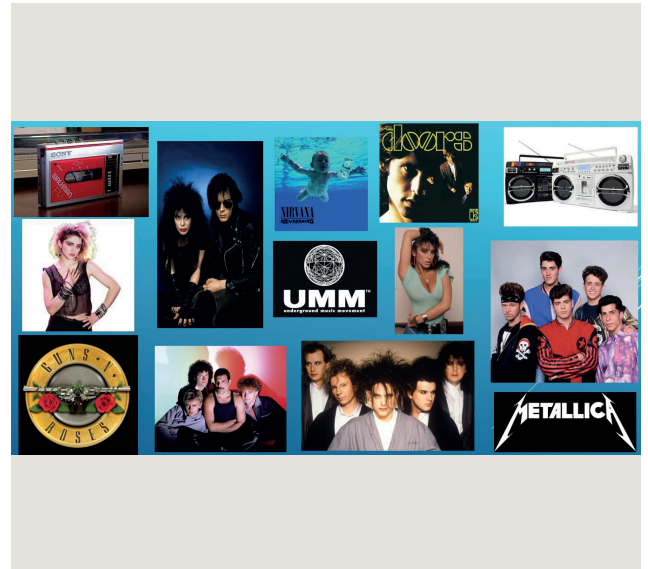


Figura 29 - A música que ouvíamos

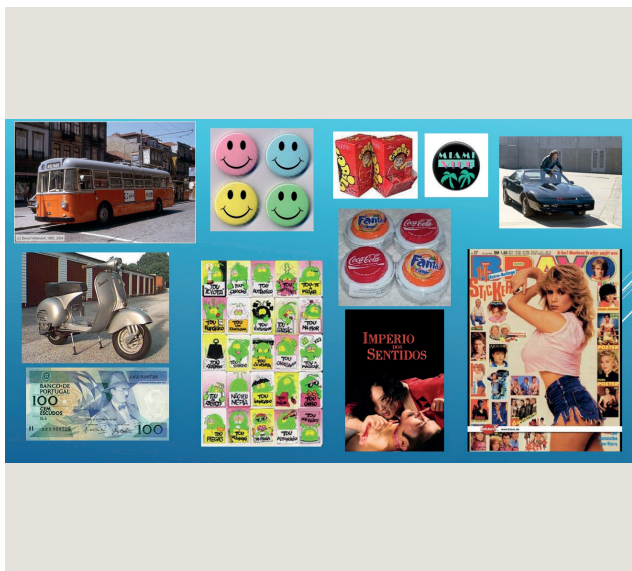


Figura 30 - Imagens e objectos de uma época

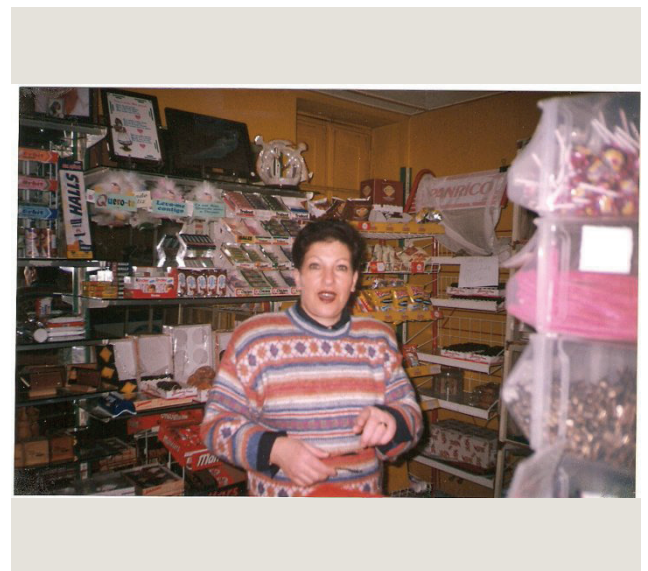


Figura 31 - A D. Esmeralda

Escusado será referir a presença constante de casalinhos nas traseiras dos pavilhões A, B e nas traseiras dos balneários, locais mais resguardos e propícios a significativas demonstrações de carinho. Às vezes, quando as mesmas aconteciam no Polivalente e nos corredores e passavam dos limites eram merecedoras de censura e reparos de funcionários e professores. Rapidamente, a normalidade era restabelecida, sem grandes problemas para os infractores. Quando as festas aconteciam ao final da tarde ou à noite, a escuridão também proporcionava ambientes mais fogosos à volta da escola...

IDAS AO CONSELHO DIRECTIVO

Felizmente, não fui cliente. Como tal, não tenho grandes histórias para contar. Já outros, eram “useiros e vezeiros”, sendo clientes assíduos do espaço. Aí entrava em acção a figura do Prof. Manuel Ferreira, ou de quem o estivesse a substituir, personagens de perfil mais austero, sem grandes sorrisos, de forma a impor o respeito necessário que por vezes era desafiado pela irreverência e alguma má educação. A visita do Prof. Ferreira à turma acontecia quando alguém era identificado por alguma asneira ou quando a turma teria feito qualquer tropelia ou ruído em contexto de aula.

MEIOS DE TRANSPORTE

Os mais afortunados iam de carro levados por pais ou avós, o que originava muitas vezes grande confusão à porta da escola, normalmente, à saída, pelas 13:15 e às 18:30. Os que moravam mais afastados tinham de recorrer aos autocarros, principalmente os oriundos de Ermesinde ou Areosa. A zona da escola era servida pelas linhas 9, 29, 59 e 95, compostas por tróleys, lagartas e ainda a versão de dois pisos, tão propícios a brincadeiras na parte superior. Mas a grande maioria das viagens era feita “a penantes” ou “a butes”, às vezes em grupo, o que ajudava a criar um espírito de cumplicidade e amizade. Lá se tocava a uma campainha e desatava tudo a correr rua fora... Essas “excursões” ao exterior da escola também aconteciam nos furos de uma ou duas horas, motivando grande regozijo entre “a ganapada”, ocasionando visitas às bouças das redondezas - da Caverneira ou nas traseiras do Alaúde.

ALGUMAS PERSONAGENS DA ESCOLA

Como em todas as escolas, numa vasta comunidade escolar, existiam aqueles que se destacavam. Seja pela forma de vestir ou por tiques, trejeitos, expressões, características físicas ou até ideais. Na ESAS, não faltavam personagens singulares entre os demais, dos quais recordo hoje com carinho: o Adão e o Paulo Matreco, o Puto Louco, o Paulo Trinta Florim – Gadino, o Jorge “Jim Morrison”, o Paulo Camisas, os dançarinos Nélson e a Anabela Jackson; o Adriano Freire¹⁶, grande portista e filho da D. Esmeralda e a Carla Maciel, que já se destacava pelas artes teatrais. Outra visita regular era o Jorge “Lisboa”, aficionado azul e branco da cabeça aos pés, que às vezes aparecia para jogar à bola ou trocar uns cromos com os mais pequenotes, ou o sem-abrigo, o “Viagens”, que vagueava entre Águas Santas e Pedrouços e não raras vezes, nos concedia a sua visita.

OS JORNAIS DA ESCOLA – O SOL, DESPERTAR E O CRESCER

Se na actualidade vivemos o primado do digital, onde a informação flui a uma velocidade vertiginosa, quando surgiu o primeiro jornal da ESAS, o mundo avançava a um ritmo bem mais lento. Na altura, um jornal escolar assumia um papel importante na formação de jovens e cidadãos, pois era um espaço de debate, um repositório de memórias e um reflexo da vida na comunidade escolar.

¹⁶ O Adriano, filho da D. Esmeralda, meu colega na equipa da Cultura da CMM, figura incontornável na Quinta da Caverneira, tornou-se amigo ainda nos tempos em que foi aluno da minha mãe. Recordo-me bem da amizade que se criou devido a um amor comum: o FCP.



Figura 32 - Capa do jornal Crescer, 1984



Figura 33 - Um passeio dos professores da ESAS da "Velha Guarda" - final dos anos 80

Assim, no ano lectivo de 1978-79 surgiu o Sol, coordenado pela professora de Inglês Aurora Mourão. Composto por artigos de professores e alunos, ainda era preparado em stencil, sem computadores e fotocopiadoras. Pouco depois, da pena do Professor Queirós Ribeiro, de Religião e Moral, (reconhecido pela sua farta barba e popularidade entre os alunos), encontramos uma publicação já mais cuidada, sem deixar de abordar temas importantes. E assim disparou no texto inicial: “...É urgente lançar pedras para o charco e dar e tentar dar ao regato o seu livre curso. (...) O Despertar já se iniciou e agora é a vida, o trabalho, o vencer alegre das dificuldades, a participação e acção criadoras. Trabalhando, colaborando, convivendo, nós estamos a aprender a vida, vivendo-a”.

Dos números que se conhecem, os primeiros três saíram em 1979 com a designação de Despertar e no ano seguinte saiu apenas um número de nome H2O, com o custo de 10\$00. Entretanto, o jornal acabou por hibernar e regressou em 1984 [Figura 32], tendo como Director o prof. Abílio da Fonseca¹⁷, outra figura marcante e inconfundível, dada a sua dimensão como Homem e Magister.

Agora o jornal apresentava um grafismo mais cuidado e apelativo, fruto do desenvolvimento tecnológico e qualidade de impressão. Na altura, participar no jornal escolar era uma experiência educativa enriquecedora, desenvolviam-se competências como a escrita, a comunicação, o trabalho em equipa e o pensamento crítico. Os alunos sentiam-se reconhecidos e envolvidos num objectivo comum: o engrandecimento da ESAS.

Hoje, o Crescer mantém a sua versão online, o papel já é uma recordação. Mas mesmo assim, sem a excitação da saída para as “rotativas” e venda do produto final, nem por isso deixou de ser um pilar da comunidade escolar e de manter as características do passado. Longa vida ao Crescer! Para história ficam os nomes dos professores que o dirigiram: Abílio da Fonseca, Cândido Pereira, Lucinda Queirós, Filomena Paupério, Kátia Alves, Eduarda Ferreira, Manuela Couto e na actualidade, Constância Silva e Maria João Albuquerque.

PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS QUE FICAM PARA SEMPRE

Os Funcionários também ficaram na memória. Entre os muitos que trabalharam na ESAS relembro a jovem Ritinha da Biblioteca; o Sr. Agostinho, sempre a fumar; a Rosinha Oliveira do Bar; a D. Ilda para as senhas da cantina; a Conceição no PBX, a Fernandinha nos Laboratórios; o Sr. Lívio e a Rosa Manuela nas fotocópias; a jovem Susana Dantas Lemos; a D. Augusta na Secretaria; o Prof. Paulo, da secretaria, muito magro com o seu peculiar jeito a fumar; e por fim, os homens do portão principal: o Hernâni e o Emílio.

Já para a classe docente [Figura 33], entre os muitos dos quais não fui aluno, enumero alguns do meu tempo- a Ciências: Selda Alves, Cândido Pereira, Carmen Madureira; Economia: Luísa Costa; Português: Gabriel Dias, José Augusto Vieira, Filomena Paupério, Manuela Couto, Carlos Rufino; Físico-químicas: Maria Helena Ferraz; Inglês: Delfina Fernandes, Maria José Costa, Silvina Ventura; História: Rui Costa, Maria do Céu Tostão, Isabel Garção; Geografia: Isabel Ferreira Agrelos; Francês: Judite Cardoso; Ed. Visual: Teresa Sanches, Priscila Matos, Cristina Neves; Ed. Física: António Cunha, Isolina Costa, Humberto, Serafim, José Maria; Matemática: Isabel Pena; Trabalhos Manuais e Eletrotécnica: Jorge Ferreira, carinhosamente apelidado de “retalhado”. Dos professores que passaram pelo Conselho Directivo: Manuel Ferreira (presidente desde 87-88 até 2025), Maria Isabel Azevedo, Maria Ana Pacheco e Carlos Cardoso.

¹⁷ Abílio da Fonseca nasceu em Braga, em 1931. Licenciado pela ESBAL e diplomado em Ciências Pedagógicas pela Universidade de Coimbra, foi Mestre em Educação/Administração Escolar pela Universidade do Minho, passou pelo ensino técnico-profissional, preparatório, liceal e secundário e do magistério infantil, bem como foi Reitor dos Liceus de Viana do Castelo e no António Nobre. Além de livros publicados, foi docente e coordenador do Curso Superior de Relações Públicas do ISMAI. Com tão vasto currículo, importa salientar que foi durante largos anos professor na ESAS das disciplinas de Jornalismo e Relações-Públicas. Faleceu em 2023.



Figura 34 - O 11ºH em 93-94



Figura 35 - O pormenor do canteiro em forma de ESAS



Figura 36 - Na entrada da escola



Figura 37 - Uma das salas de aula no antigo pavilhão B

Correndo o risco de muitas omissões, terei sempre de destacar alguns professores que “nos bateram forte cá dentro”. Aqueles que podem longos períodos sem nos vermos ou falarmos, mas o sentimento inviolável dos laços mantém-se. Por isso recordo com muito carinho e especial saudade por já não encontrarem entre nós, a prof. Dinah Ferreira e o prof. Abílio da Fonseca.

E porque esses laços ainda se mantêm com algumas das nossas professoras, atrevi-me a pedir um testemunho às marcantes Luzia Lemos e Maria Artur Barros, que tenho a certeza, fecharão a chave de ouro esta recordação da minha passagem pela ESAS. Uma escola repleta de experiências únicas, momentos cúmplices, aventuras amorosas, um sem número de emoções que ficam para sempre bem guardados no coração.

ENVOLVIDAS EM LAÇOS, FICAM, PARA DURAR, AS NOSSAS BOAS MEMÓRIAS.

Recolhidas e acumuladas durante alguns anos, sossegam, pousadas em sorrisos e cores.

Os "meus alunos" é uma designação comumente ouvida da boca de professores.

E não o é por acaso- é que aprendemos a conhecê-los, primeiramente o seu nome, depois vamos juntando a fisionomia, o tom de voz, os hábitos, os comportamentos, a simpatia ou indiferença que nos manifestam...

Quando "os meus alunos" trazem consigo a carga de se irem tornando "meus amigos", porque nos habituam aos seus comportamentos de adolescentes inquietos, de rebeldia saudável, de sorrisos intencionais e estrategicamente exibidos nos momentos divertidos que também preenchem o tempo lectivo e não lectivo, aí a cumplicidade nasce. E passamos a um mútuo conhecimento.

Foi assim a minha passagem pelas muitas turmas de alunos com as quais convivi num percurso, ainda assim longo, pela Escola Secundária de Águas Santas.

Inicialmente, apenas um pavilhão de salas de aula, bem perto da saída de um pavilhão polivalente e da Secretaria e Gabinete do Conselho Directivo.

Viamo- nos com facilidade até mesmo às turmas que corriam no espaço exterior, em improvisadas aulas de Educação Física, quando as condições atmosféricas o permitiam.

A minha idade também ajudava a que me envolvesse em atividades extracurriculares que nos enriqueceram a todos quantos participaram, bem como a outros que se foram rendendo ao que foi possível realizar.

E tivemos a Escola Cultural e os Grupos que a integravam. Do muito interessante Grupo de Animação Cultural ao Grupo de Jardinagem, lá metemos mãos à obra.

O meu grupo e eu metemos mesmo as mãos na terra -foi assim que nasceu o canteiro à entrada que começou por ser a "menina dos nossos olhos ".

E assim apareceu a emblemática palmeira [Figura 34 e 35]. Vimo-la crescer e desenvolver ao ritmo do enleio dos pares de namorados ou, tão só, amigos que gostavam de se encontrar por lá, num banco de cimento.

E pintaram as paredes do polivalente. O Grupo de Artes encarregou-se de o fazer e bem feito.

E veio a Festa da Primavera.

Atrevo-me a julgar esses 2 dias como dos mais intensos e interessantes, das festas que, com regularidade antecederam as férias de Natal e de final de ano lectivo.

E foi crescendo a ESAS. Pavilhão B. Pavilhão Gimnodesportivo. E os alunos sempre muito cuidadores da Nossa Escola. Em determinada altura do meu percurso, foi-me atribuída no horário uma turma do Curso de Humanidades/ Jornalismo. Todos os alunos eram caras novas para mim. Mas ser Diretora de Turma implica um acréscimo de empatia.

E foi tão fácil!

Turma numerosa, alguns alunos provenientes de outros estabelecimentos de ensino, vindos até de outras cidades. A integração entre eles foi muito rápida- acolheram-se uns aos outros e deixaram-me integrar o grupo.

A disciplina de Inglês cumpriu os objectivos, ajudada por letras de canções de grupos anglo-saxónicos e norte americanos, que faziam a "tendência " musical à época.

Tal como com as turmas que os antecederam e outras que lhes seguiram, cumprimos a missão do ensino e da amizade. [Figura 36]

Hoje, anos passados, conheço os filhos de alguns e revejo-os no semblante desses meninos. É um privilégio. Continuamos a trocar conversas e a rir das graças uns dos outros.

Nunca nada nos afastou além do evoluir do seu percurso académico.

Admito que me tenham em estima tal como a que nutro por eles.

Uniu-nos a ESAS, o canteiro, o jardim...

Hoje, a sala de aulas onde habitualmente se realizavam as nossas aulas [Figura 37], alargou-se ao mundo profissional em que estão integrados e no qual os sigo.

Tal como dito no início, as memórias descansam envoltas em laços. Surgem a espaços.

Junto-me a eles e recordo-os pelo nome, pelo semblante, pelos sorrisos com os quais se alegra a Vida.

Que sejam sempre muito felizes.

Luzia Lemos

UMA ESCOLA DIFERENTE

A Escola Secundária de Águas Santas não foi o meu local de trabalho ao longo de 16 anos. Quando um concurso de professores nos juntou em 1984, estava longe de imaginar que aquele espaço precário - que funcionava na altura num anexo da Escola de Pedrouços - alojava a instituição que se transformaria para mim não tanto num lugar para o exercício da minha profissão mas antes num ambiente de crescimento, aprendizagem, amadurecimento pessoal e profissional, criação de amizades e de oportunidades de abertura cultural. Muitas foram as experiências vividas, muitos os desafios que me fizeram superar limitações e consolidar a minha caminhada na tentativa de me tornar realmente professora, objetivo que defini ao longo de 44 anos de vida profissional.

As limitações dos espaços – sobretudo nos anos de funcionamento nos pré-fabricados em Pedrouços – nunca impediram um ambiente pedagógico de qualidade e um verdadeiro trabalho de equipa entre professores. Desse tempo guardo amizades que se mantêm, algumas recentemente reavivadas graças às redes sociais, e tenho o privilégio de constatar que os adolescentes de então são hoje pessoas realizadas, competentes e felizes. Depois, já no Corim – embora apenas com o Pavilhão A e aguardando ansiosamente o Pavilhão B – esse trabalho e essa interação continuaram e consolidaram-se. Quando foi construído o Pavilhão B, perdemos o espaço bucólico onde por vezes (com autorização do Conselho Executivo) decorriam algumas aulas de Português, mas a ESAS ganhou dimensão, conforto e eficiência. Ao longo de 16 anos, vivi algumas situações difíceis – sempre superadas em clima de coesão e solidariedade, com o apoio da equipa de gestão – mas ficaram sobretudo as memórias gratas e a alegria de poder contribuir para a construção de um projeto que teve sempre as pessoas como núcleo e cujos resultados mensuráveis decorriam dessa prática humanista.

Num ambiente “fora da caixa”, a proximidade entre alunos, professores e outros funcionários nunca subverteu o papel desempenhado por cada um destes grupos, contribuindo antes para potenciar e mobilizar competências e capacidades de todos na construção de uma escola que era também “scholé” (lugar de lazer). A prova-lo, muitas foram as visitas de antigos alunos que se comoviam ao rever os espaços de vivência felizes. De facto, algumas situações vividas na ESAS – ou fora dela, por exemplo em visitas de estudo – e que foram tão importantes para o crescimento dos alunos seriam hoje impossíveis por não se enquadrarem nos cânones educativos entretanto definidos.

Entre tantas situações de muito grata memória, recordo a de uma turma do 10.º ano de Humanidades (nos anos 90) especialmente irrequieta, que motivou uma ação coordenada de definição de uma disposição pouco usual da sala de aula: contra algumas expectativas, a colocação das mesas em quadrilátero revelou-se fundamental para que os alunos se focassem nas aprendizagens e abandonassem progressivamente os fatores de distração. Nessas circunstâncias pudemos pôr em prática experiências pedagógicas verdadeiramente inovadoras e eficazes, que permitiram revelar que o contributo de cada aluno – mesmo dos que pareciam mais alheados – era fundamental para que o grupo pudesse consolidar experiências e aprendizagens. Como tínhamos 5 horas semanais de Português por se tratar do curso de Humanidades, lembro-me de propor a esses alunos – já no 11.º ano – a possibilidade de, por vezes, nos concentrarmos com especial afinco nos conteúdos da disciplina ao longo da semana para que a aula de sexta-feira fosse dedicada à leitura e comentário de obras literárias extra-programa. Esta experiência implicou obviamente uma preparação da minha parte para que a leitura em voz alta fosse clara e audível, mas permitiu fantásticas sessões de reflexão sobre os textos e a situação inusitada de ver alunos aborrecidos porque a aula tinha terminado! Muitas foram aliás as situações “diferentes” vividas com esta turma – o “meu” 11.º H, que por vezes reencontro em simpáticos almoços de confraternização – assim como com outras cuja recordação guardo com muito afeto.

As circunstâncias pessoais e profissionais levaram-me para outros rumos também muito enriquecedores e desafiantes, mas penso ainda na ESAS como “a minha escola”. Apesar do crescimento da escola nos anos mais recentes e de todos os constrangimentos motivados pela adaptação a novas orientações educativas, espero que a ESAS continue o seu percurso sempre com o foco na formação de pessoas competentes, solidárias e felizes.

Maria Artur Barros

*Caminho de Santiago,
por uma maiata
de alma e coração*

Marta Esteves

Desde pequena, a habitar em plena Rua D. Afonso Henriques, em Pedrouços/Águas Santas, via os símbolos do Caminho e perguntava à minha avó, a Fininha (bastante conhecida na zona):

– O que é aquilo?

Ela respondia num tom misterioso (ela, uma peregrina de Fátima...):

– São sinais para quem caminha lá p’ra Santiago, na Galiza. Parecem mendigos errantes. (Estávamos apenas em 1981 e seguintes...)

Mal sabia eu que um dia me tornaria uma dessas "mendigas errantes" e que, além de caminhar, faria disso um espetáculo com direito a bolhas, fé, cervejas (e alguns palavrões) e reflexões peregrinas que vou largando atrevidamente nas minhas redes sociais.

O CAMINHO DE SANTIAGO: BOLHAS, FÉ E COENTROS

OITO VEZES

Oito vezes. Já percorri os Caminhos de Santiago oito vezes (ainda nenhum que começasse ou passasse pela minha terra, a Maia; é certo que saio sempre de mochila às costas da minha porta, mas ...), e mesmo assim continuo a cair na armadilha da promessa: "Este é o último!". Mas quem já caminhou sabe que há algo de hipnótico neste percurso. É um vício estranho, um chamamento que mistura dor, superação, fé e... um certo gosto pelo sofrimento. *[Figura 4, 5 e 6]*

Caminhei sozinha, acompanhada por amigos, pelo meu marido e até pelos meus filhos de 8 e 10 anos (o que me deu um certificado vitalício de paciência).

Fiz o Caminho Português, da Costa, o Inglês e até parte do Francês. No braço, carregos tatuados os símbolos desta jornada – como quem precisa de um lembrete permanente de que há loucuras que valem a pena. *[Figura 1]*

E entre cada Caminho, cada etapa, cada momento de pura felicidade ou de completo desespero, vou deixando as minhas contagens de bolhas, dores e cervejas colecionadas pelo caminho, como quem documenta uma epopeia heroica... ou uma comédia trágica. *[Figura 2]*

No último, mais recente (fevereiro de 2025), não caminhei, mas propus o caminho a uns valentes 12 jovens, entre os 14 e os 22 anos, e acompanhei-os na logística. E foi incrível. Foi tão bom quanto caminhar fisicamente, e não será isto peregrinar na mesma?

Fui cozinheira, enfermeira, mãe, psicóloga, dei abraços, curei bolhas e feridas do coração. A cada etapa ou vinha a descrição da aventura de uma vida ou um choro completo, entre o “eu não vou aguentar” ou “esta é a experiência mais incrível de sempre”. Sinto-me alegre em acompanhar estes jovens, uma atividade que faço há anos na Maia, Porto (Diocese) e mais recentemente na Família Salesiana e que bom é vê-los crescer em “sabedoria, estatura e graça”, sabendo que também o peregrinar é algo que contribui para o crescimento, que os desinstala de tantas certezas impostas socialmente, de tanto que possuem de material, de tanto que anseiam, sem saber o que é ou não correto... No fundo acho que me identifico permanentemente com um jovem que procura qualquer coisa, que vive espantado com a novidade, com a aventura, com uma eterna, mas saudável, insatisfação...

CAMINHAR: ENTRE A PENITÊNCIA E A LIBERDADE

Há quem faça o Caminho por desporto, por turismo, por tradição ou até para fugir de casa (não julgo, cada um com as suas razões). Eu caminho porque me liberta. Caminhar dissolve os medos, esmaga os preconceitos e apura a fé.



Figura 1 - Tatuagem no braço direito

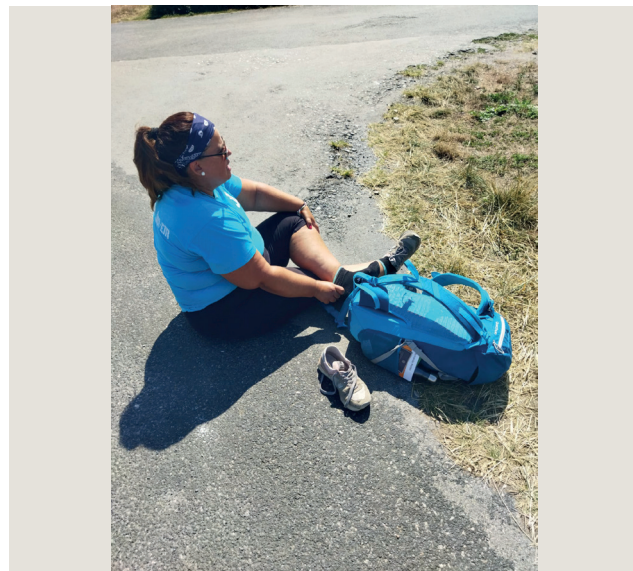


Figura 2 - Caminho Francês - Portmarin

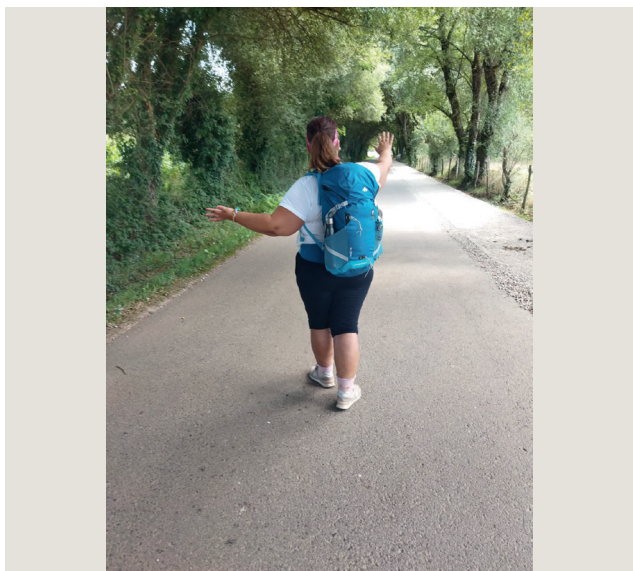


Figura 3 - Caminho Francês - entre Portmarin e Palas de Rei



Figura 4 - Caminho Inglês - saída de Ferrol, da esquerda para a direita os companheiros Marco, André e Miguel

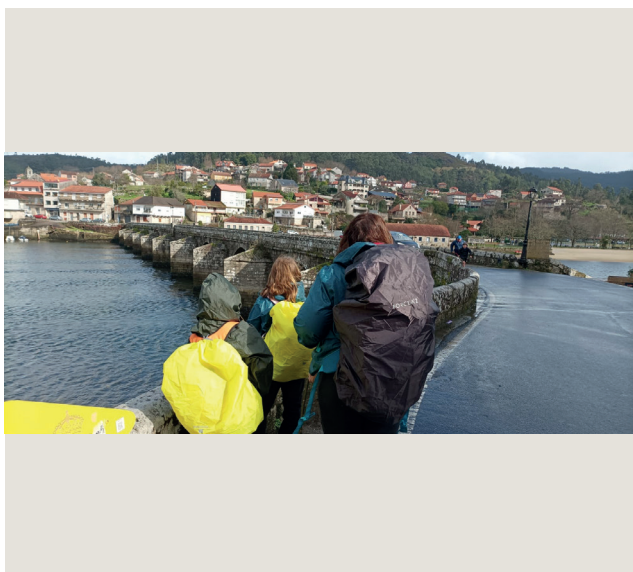


Figura 5 - Caminho Português - Ponte de Sampaio com os filhos, Benedita e Francisco



Figura 6 - Caminho Francês - Portmarin, com uma amiga Isa

No início, pensava que o meu peso seria um entrave – afinal, sou gordinha, e muita gente acha que só corpos esguios conseguem chegar a Santiago. Mas, passo a passo (muito vagarosos, quem já comigo caminhou sabe que os meus passos são certos, mas lentos... muito lentos, é mesmo lento!), percebi que o Caminho não tem estereótipos. O Caminho é para quem se atreve. *[Figura 3]*

E que forma melhor de testar essa coragem do que enfrentar o alcatrão a ferver? O Caminho Inglês, por exemplo, ofereceu-me a experiência gastronómica de pés cozidos ao vapor. Mas nada que um toque de coentros não resolvesse. A peregrinação tem dessas coisas: a dor e o humor andam de mãos dadas.

E já que falamos de sofrimento, convém mencionar os meus fiéis companheiros de Caminho: os joelhos. Ah, os meus joelhos! Ou, como carinhosamente os trato, as minhas bolas de Berlim.

– Marta, não desces!

– Subo? – respondo-lhes.

– Não, também não. Senta-te e chama o INEM. – Dizem eles esgotados. *[Figura 13 e 14]*

MINIMALISMO E MISÉRIA DIGNA

Quem já me conhece sabe que tenho orgulho no estado lamentável em que fico. Entre o cabelo desgrenhado, a roupa destruída e um cheiro que começa a atrair moscas, alcanço o pico daquilo a que chamo “miséria digna”.

É um teste de desaparego material e social. No Caminho, não há maquilhagem nem filtros. Há bolhas. Muitas bolhas. Algumas tão atrevidas que até nascem ao lado dos pensos de uma marca sobejamente conhecida (que, por razões óbvias, estou proibida de referir, mas toda a gente conhece), já colocados, numa tentativa descarada de desafiar a ciência médica.

E há um ritual inevitável: uma peça de roupa que se despede para sempre. Cuecas, t-shirts, meias... tudo para a pubela (lixo, em linguagem de um amigo que, com muita paciência e carinho, me tem acompanhado em algumas destas vidas). O Caminho ensina-nos a largar pesos desnecessários – e, às vezes, isso inclui as calças.

Eu faço esse exercício: durante o ano vou guardando aquelas cuecas rotas, uma leggings mais coçadas, uma t-shirt com um furinho, uma camisola de cotovelos gastos... e na mochila vai esse precioso material que se vai lavando e/ou deitando ao lixo. E vai bem pequeninha e ainda vem menorzinha...

Quer dizer, no último caminho creio que exagerei. Foi tal a miséria que pensei que chegaria a casa literalmente em cueca. (Desculpem o desabafo!)

Atenção: as meias têm de ser obrigatoriamente de boa qualidade.

A ALMA DO CAMINHO

Mas, para além das dores, há algo maior que me faz regressar sempre. O Caminho é um convite à descoberta. Da fé, das histórias de Santiago e dos Apóstolos, das lendas que se escondem em cada vila galega.

É um percurso de oração, de silêncio e de gratidão. O meu descanso anual não é deitada numa espreguiçadeira, mas sim a atravessar trilhos que já foram percorridos por séculos de peregrinos. Em casa quando digo, “Estou cansada!”, a seguir vem a pergunta “Ok, quantos kms agora vais fazer?”

Proponho o Caminho a amigos que estão deprimidos, que querem divorciar-se, perderam o emprego, aos miúdos que acabam o secundário ou querem trocar do curso ou que simplesmente precisam de se perder para se reencontrar. O caminho é uma espécie de receita mágica que prescrevo... do alto da minha ignorância bem-humorada, mas com grande convicção. Santiago, nem o Santo nem o Caminho, não resolve problemas (zero!) – mas ajuda-nos a vê-los com outra perspetiva.

Como dizia Etty Hillesum (inspirada):

"O viver e o morrer, o sofrimento e a alegria, as bolhas nos pés e o jasmim atrás do quintal... tudo em mim é como se fosse uma forte unidade, e eu aceito tudo como uma unidade."

E no fim? No fim, juro que não volto.

Mas todos sabemos que é mentira.

O CAMINHO COMO METÁFORA DA VIDA

Há dias em que, entre subidas desumanas e descidas que fazem as “bolas de Berlim” reconsiderar a vida, percebo que Deus nos baralha as certezas como um jogador experiente de cartas. Ele embaralha tudo e desafia-nos a jogar com o que temos. Às vezes, caem-nos trunfos. As pernas respondem, o sol não queima tanto, o albergue tem lugar e a comida sabe a milagre (bem boa). Outras vezes, o baralho é ingrato: chove sem parar, os pés gritam de dor e cada quilómetro parece impossível de vencer.

Nesses momentos, aprendemos que o Caminho, tal como a vida, não se controla – aceita-se e, acima de tudo, vive-se. E, nos momentos mais duros, principalmente, ouço uma frase que me dizem tantas vezes antes de partir:

"Nos teus Caminhos, reza por mim." Como se caminhar me fizesse estar mais perto do céu, mais perto de Deus, mais perto de uma certa pureza de coração, avaliada entre mim e O que me guia. E eu, ainda que longe dessa “Santidade idealizada” rezo. Por quem me pede, por quem nem sabe que precisa, e por mim. E há sempre um momento em que, entre uma subida e um gole de cerveja, me apetece cantar alto, desafinada e feliz.

E, se me perguntam porquê, eu respondo com a minha prece de sempre:

*Meu Pai, ouve esta prece
De quem tem bom coração
De rezar ninguém se esquece
Nos momentos de maior aflição... [Figura 9]*

E aflição nos caminhos e na vida às vezes é muita. Porque, no fim, a verdadeira peregrinação acontece dentro de nós. É o desapego do que nos pesa, a gratidão pelo que nos é dado, a certeza de que, passo a passo, nos aproximamos não só de Santiago, mas de algo maior. E, mesmo quando o corpo diz para parar, há sempre uma força invisível que nos empurra para frente. Talvez seja Deus. Talvez seja a fé. Ou talvez seja apenas a necessidade de chegar a um sítio onde possamos finalmente tirar as sapatilhas e dizer, com um sorriso cansado: "Valeu a pena."

Vale porque me deixei sair de casa, daquele albergue onde me apeteceu desistir, porque me deixei sair de mim. Porque levantei e dei o primeiro passo. Porque espero, não de braços cruzados de quem espera e desespera, mas de esperar, sempre pronta a avançar. Porque aquele primeiro gole de cerveja fresca no final de cada etapa me refresca o corpo e alma. Porque me deixo deslumbrar pelas paisagens estonteantes do caminho, porque me arde o coração quando Ele fala, num peregrino que, em qualquer língua estrangeira, me conta a vida, o cancro ou morte que superou e prometemos um ao outro orações (com mais ou menos fé em Deus ou só na vida).

A ARTE DE CAMINHAR

O Caminho ensina-nos muitas coisas.

Ensina-nos que a felicidade está na simplicidade: um par de sapatilhas, um pedaço de pão, um albergue que não esteja lotado. E uma cervejinha bem fresca. (Desculpem, mas tinha de dizer.) Ensina-nos que as bolhas são como a fé: invisíveis no início, dolorosas quando crescem, mas parte essencial da jornada.

Ensina-nos que o conceito de tempo é muito relativo – um quilómetro no Google Maps nunca é um quilómetro no Caminho. Mas importante é seguir as setas amarelas ou a vieiras, estrategicamente colocadas pelo caminho. E ainda assim (por duas vezes) consegui perder-me, e uma delas deu-me bem trabalho voltar ao caminho e uns bons 6 ou 7 km a mais....

Aprendemos que não precisamos de tanto. Na mochila e na vida. Que Deus tem sentido de humor, especialmente quando coloca uma subida inesperada depois de uma descida infernal. Que o corpo tem limites... mas a teimosia é uma força divina.

E, quando finalmente chegamos a Santiago, depois de prometer a cada quilómetro que “nunca mais”, olhamos para trás e percebemos que o Caminho nos trocou as voltas. Depois de prometer a cada quilómetro que “nunca mais”, chega o momento de atirar a mochila ao ar. [Figura 8]

O peso físico, o peso emocional, tudo entregue. E salto. Porque sou livre. Porque caminhei até aqui. Como diz Erling Kagge em *A Arte de Caminhar*: “*Caminhar é abrir-se ao desconhecido, tanto dentro como fora de nós.*” É por isso que, inevitavelmente, voltamos. Porque peregrinar não é só chegar. É partir outra vez.

AS DESGRAÇAS DO CAMINHO

Chamem-me tradicionalista, ou talvez apenas rabugenta com bolhas, mas tenho de o dizer: o Caminho está a ficar um bocadinho... estranho. Ultimamente cruzei-me com verdadeiros atletas do conforto. Gente que troca a boa comida galega – aquele polvo a ferver de amor e alho ou um belo de um caldo com um copo de tinto – por batidos energéticos com sabor a baunilha sintética e barras que sabem a cartão reciclado. Têm mochilas ultraleves, bastões ergonómicos com amortecedores e sapatos que devem ter mais tecnologia que a NASA.

Se repararem, atualmente, conhecidas marcas de roupa e acessórios desportivos fazem campanhas específicas para “Os caminhos de Santiago”... sinto que um dia isto descamba e vão colocar passadeiras rolantes, só para não ser tão cansativo.

E depois há os penteados. Não sei como fazem, mas nunca suam. Nunca se descompõem. Caminham como se fossem sair numa passeadeira vermelha. Quando chove, não há capas de peregrino, há guarda-chuvas de golfista. E as mochilas? Ah, as mochilas... vão de táxi. Vão de carro. Vão até de drone, se calhar.

E eles, leves como plumas e frescos como alfaces, chegam aos albergues antes dos verdadeiros caminheiros – que, com bolhas nos pés e a alma em papas, dão de caras com um letreiro a dizer “Completo”.

É aqui que deixo um apelo às autoridades que gerem o Caminho – como a Xunta de Galicia, as associações de amigos do Caminho de Santiago e demais entidades locais: o Caminho precisa de regras claras, de justiça para quem o percorre como peregrino. O turismo é bom, sim, mas o Caminho não pode perder a sua alma. Porque nem tudo o que anda com mochila é peregrino. E, ainda que cada um faça o seu caminho, há quem faça... batota.



Figura 7 - Um tipo de marco com marcação de Km, comum encontrar no Caminho

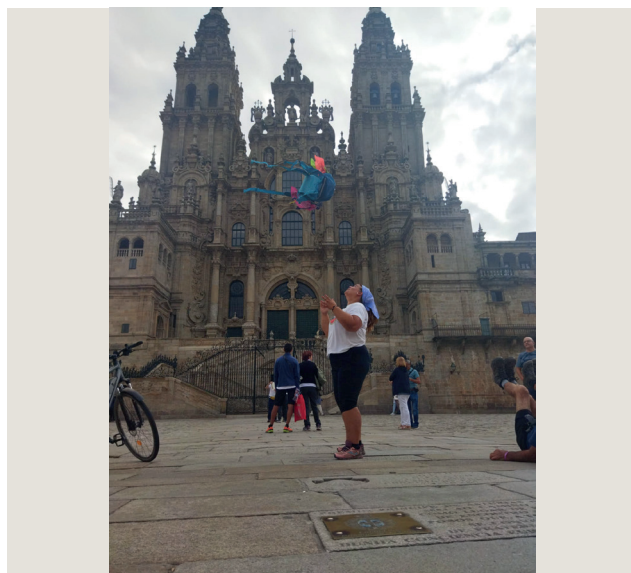


Figura 8 - Uma das chegadas, no fim do caminho Francês, o "atirar a mochila, quase vazia, ao ar!"

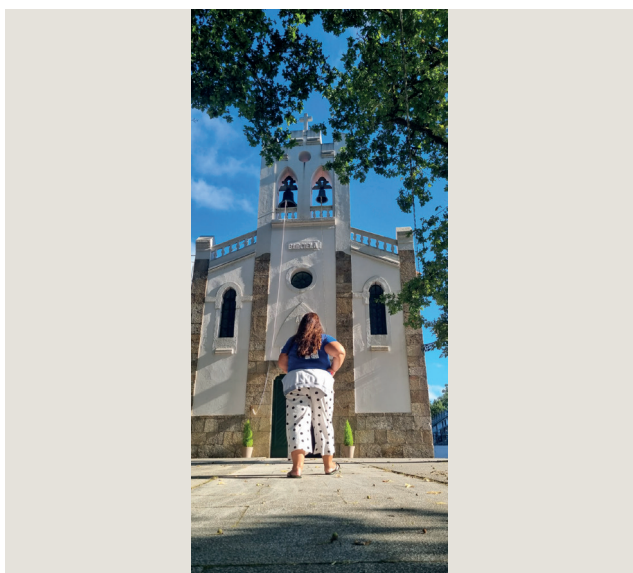


Figura 9 - Caminho Inglês, Sigüeiro, a chegar para a Eucaristia. Prática que mantenho, todos os dias, nas localidades onde chego para descansar

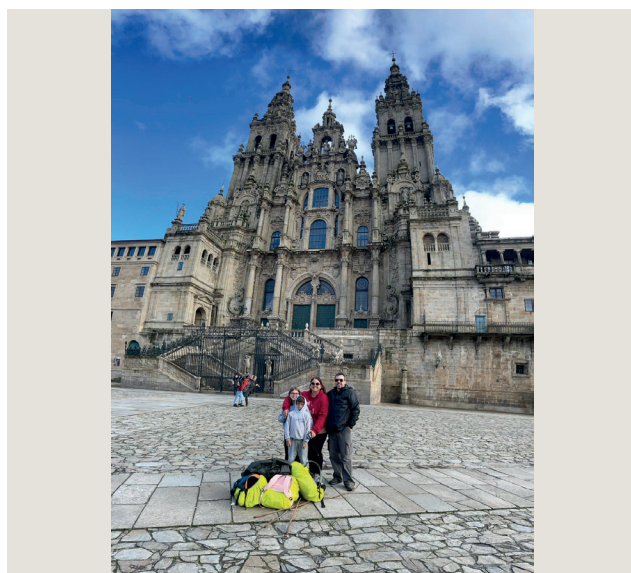


Figura 10 - Uma chegada muito especial. Com a família: Paulo, Benedita e Francisco. Fim do caminho Português



Figura 11 - Uma das chegadas, no fim do caminho Inglês



Figura 12 - Uma das chegadas, no fim do caminho Inglês, a praça do Obradoiro carregada de almas mais leves

SANTIAGO, EXPERIÊNCIA DE FÉ ÚNICA

AS SETAS, AS VIEIRAS E AS PEGADAS DA FÉ

O Caminho tem linguagem própria. Uma língua feita de setas amarelas pintadas em muros, postes e pedras – discretas, mas firmes, como a voz de Deus nos dias em que não sabemos que direção tomar. As vieiras, com os seus sulcos a apontar para Santiago, unem os caminhos do mundo inteiro num só ponto de fé. São bússolas do coração, que nos lembram que não caminhamos sozinhos.

Há as tradições que se repetem de geração em geração: escrever o nome de alguém numa pedra e deixá-la junto a uma cruz, como quem deposita um fardo, uma dor ou uma promessa. A bênção de um simples “Buen Camino”, oferecida até pelo senhor da taberna. E aquele momento quase litúrgico em que todos paramos, mesmo sem combinar, diante de uma paisagem que corta a respiração. O Caminho é feito dessas coisas. *[Figura 17 e 18]*

Não está nos manuais – está nos gestos, no pó das pequenas ruelas a atravessar campos e videiras, na água partilhada por qualquer desconhecido, na música animada de um qualquer grupo de jovens que corajosamente levam a guitarra e as músicas pagãs se misturam com a oração do terço, e nas histórias partilhadas à beira da estrada ou deitados no albergue.

CONSELHOS PARA QUEM VAI..., MAS VAI MESMO!

Se vais fazer o Caminho, leva o essencial — e por essencial entende-se menos roupa e mais coração. Não caias na tentação de encher a mochila com “e se’s”: e se chover, e se fizer frio, e se eu decidir mudar de vida e abrir um tasco galego ou me der como voluntário para gerir, abrir, fechar e limpar um albergue? (por momentos cometi a inconfidência de contar os sonhos). Leva antes a fé, a leveza, e dois pares de meias boas (um seco e um que vai secar). E não, não há milagre que salve os teus pés se as sapatilhas não forem boas. Forra-os com amor... ou com pensos higiénicos (não gozem, funcionam mesmo *eu devia ser patrocinada por três marcas: uma de cerveja que começa por “e” e termina em “a”, uma de tratamento de bolhas que começa em “c” e termina em “d” e pensos higiénico começa em “e” e termina em “x” *), e não te esqueças da bênção libertadora dos pensos da marca que-não-podemos-nomear-mas-que-rima-com speed, e até tem lógica! São caros como tudo, mas também, no Caminho, a liberdade vem muitas vezes em forma de um desses bem colado. Reza antes de os arrancar, que dói muito, por isso não arranques nem que andes três meses (já depois do caminho terminado) com isso colado.

E não te esqueças: os melhores GPS são as setas amarelas e o Espírito Santo (é por Este que eu chamo quando tudo já está um caos) – ambos costumam indicar o rumo certo, especialmente quando a bateria do telemóvel morre (e vai morrer). O Caminho é duro, mas generoso. Respeita-o, escuta os teus joelhos, agradece as sombras, não bebas a cerveja toda ao pequeno-almoço (para os maiores de 18, senão pede chocolate quente dizem que é bom! Eu não sei, já sou maior de idade) e lembra-te sempre: o que pesa na mochila pesa mais na alma. Vai leve. Vai com fé (se a tiveres, se não tiveres arranja ou vai com fezada). E, por favor, deixa lugar no albergue para quem vem a pé e não de ... outra forma qualquer. *[Figura 7]*

CHEGAR A SANTIAGO DE COMPOSTELA

Chegar é mais do que alcançar um destino no mapa. É o culminar de uma peregrinação que atravessa séculos, lendas e fé, onde cada passo é uma oração e cada peregrino carrega uma história. *[Figura 12]*

Entrar na Praça do Obradoiro, ver a imponente Catedral que se ergue à nossa frente e sentir o peso de tantos séculos de devoção é um momento indescritível. Parece que o próprio apóstolo nos

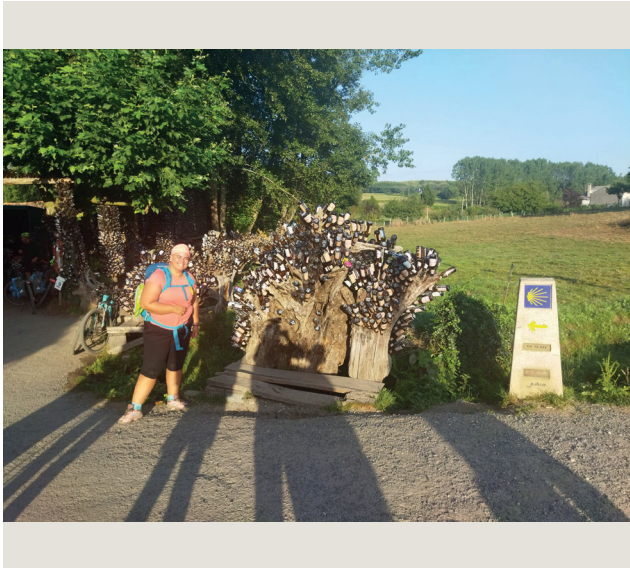


Figura 13 - Algures no caminho Francês. Um muro construído com garrafas de cerveja



Figura 14 - Algures no caminho Francês

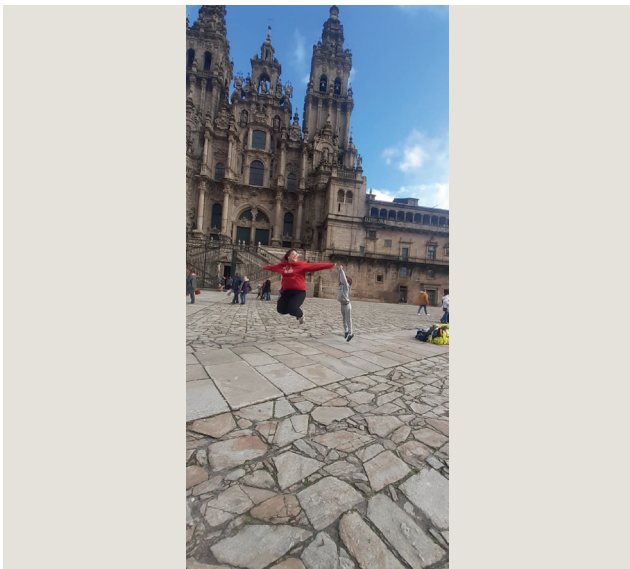


Figura 15 - Uma chegada muito especial. Com o Francisco (filho) e ainda com força para o salto que costumo fazer sempre que chego.

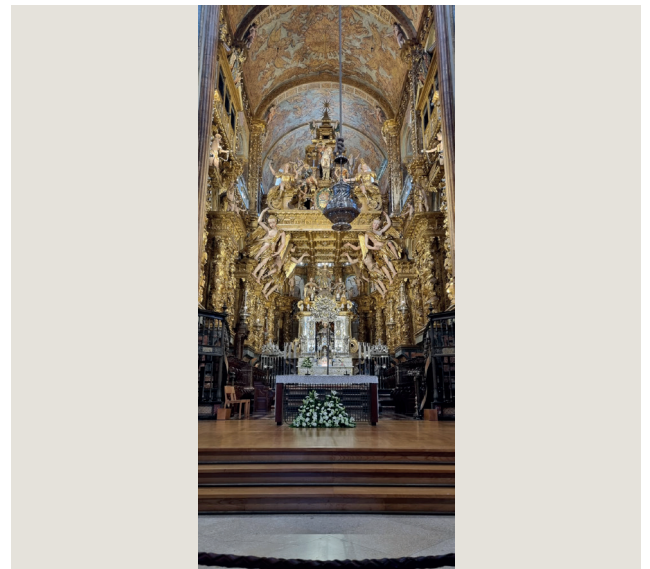


Figura 16 - Dentro da Catedral, o majestoso bota-fumeiro

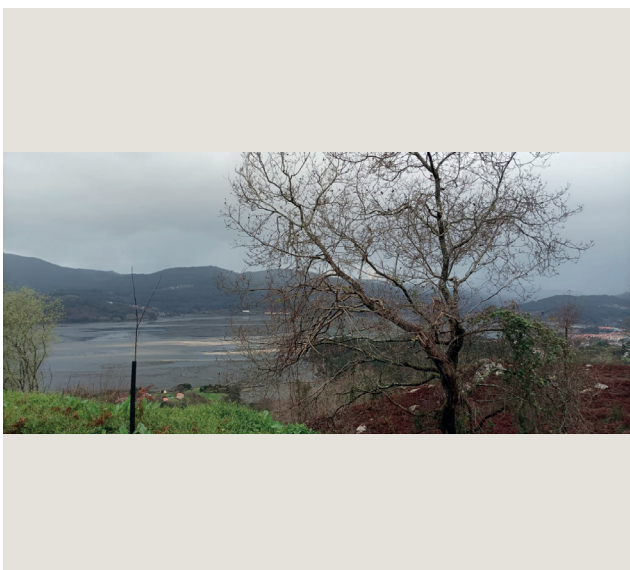


Figura 17 - Uma das paisagens que é possível ver no Caminho Português

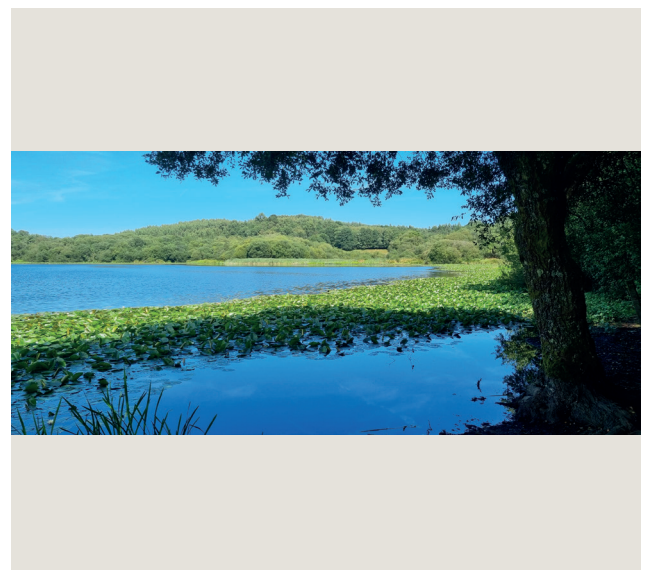


Figura 18 - Uma das paisagens que é possível ver no Caminho do Norte. (eu não fiz mas está nos planos e visitei este local no fim do Caminho Inglês, de carro a caminho de Portugal)

recebe e abraça. Os dois grandes braços da Catedral são como os braços do Apóstolo. É ali que o corpo cansado se rende, onde os olhos se enchem de lágrimas e onde o coração entende que a verdadeira chegada não é apenas física, mas espiritual.

Em agosto de 2024, ao chegar, uma menina estava a ser pedida em casamento, os dois tinham feito o caminho juntos e ao chegar ele pediu-a em casamento, imaginem o êxtase deste rapaz... também não seria para tanto!

Participar na Eucaristia do Peregrino na Catedral de Santiago é uma experiência de fé única. É um encontro sagrado onde o suor do caminho se mistura com a mística de um lugar onde milhões de peregrinos, ao longo dos séculos, encontraram consolo, redenção e um novo começo, é que aqui que me identifico muito. Sempre um novo começo. No silêncio das pedras gastas pelo tempo, escutam-se as preces de tantas nacionalidades, de tantas línguas e de tantos corações que ali chegam carregados de intenções, promessas e agradecimentos. E, então, acontece o momento mais aguardado: o balançar majestoso do Bota-fumeiro. *[Figura 16]*

Este imenso turíbulo de incenso, que voa pelos ares da catedral preso por cordas e puxado por homens que parecem saídos da época medieval, é mais do que um espetáculo. É um símbolo. Com cada oscilação, o incenso sobe ao céu, carregando consigo os pedidos, as dores e as graças dos que caminharam até ali. É o perfume da fé, que embriaga e envolve os peregrinos num abraço invisível, como se Deus quisesse, naquele instante, devolver-lhes as dores que deixaram pelo Caminho, transformadas em alegrias vindas do céu.

Santiago é isto: um ponto de chegada que se torna, inevitavelmente, um novo ponto de partida. Porque quem ali chega nunca mais será o mesmo. *[Figura 10, 11 e 15]*

Quando vamos?



Notas de Leitura

Continuamos a nossa missão de divulgação em relação ao que se escreve sobre o nosso concelho. Entre os assuntos abordados, tentamos fazer mais do que simples resumos, destacamos as ideias centrais, na perspectiva de uma fácil compreensão para o leitor. Estas notas tornam-se, assim, ferramentas valiosas para visitar conceitos, preparar trabalhos e alimentar discussões enriquecedoras.

Também a participação em conferências abre uma janela para uma constante aquisição de conhecimento em movimento. Além da apresentação formal de trabalhos, estes eventos proporcionam um espaço único para o contacto direto com investigadores e profissionais de diversas áreas. As conversas informais nos corredores, as questões levantadas durante as sessões e a troca de ideias em workshops geram novas perspetivas, abrem caminhos para futuras investigações e aumentam a nossa rede de contactos. A presença nesses fóruns contribui para o nosso crescimento intelectual e profissional, mantendo-nos a par das últimas tendências e debates.

Já as comunicações em congressos são um bom exemplo da disseminação do nosso trabalho. Ao apresentarmos as nossas descobertas e ideias a uma audiência especializada e interessada, abrimos espaço para a opinião, o que permite refinar a nossa investigação e apontar a novos caminhos.

Celebrando 30 Anos: A Biblioteca Municipal da Maia, um Farol da Cultura e do Conhecimento



Em 2024, a Biblioteca Municipal da Maia Doutor Vieira de Carvalho celebrou três décadas de existência, um marco que merece ser assinalado com grande entusiasmo. Inaugurada a 13 de dezembro de 1994, por Pedro Santana Lopes, na época Secretário de Estado da Cultura. O próprio voltou à Maia, volvidas três décadas, para assinalar a efeméride.

Este equipamento desempenha um papel fundamental na vida cultural e intelectual da comunidade maiata, posicionando-se como um espaço de referência para todos aqueles que buscam conhecimento, informação e inspiração.

Um espaço para todos

Ao longo destes 30 anos, a Biblioteca Municipal da Maia tem sido mais do que um simples depósito de livros. Transformou-se num verdadeiro centro cultural, acolhendo uma vasta gama de atividades que vão desde a promoção da leitura e da escrita até à organização de workshops, palestras, exposições e eventos culturais.

A biblioteca apresenta-se como um espaço de eleição para os jovens, especialmente durante a época de exames, oferecendo um ambiente tranquilo e propício ao estudo. As suas instalações modernas e bem equipadas, com acesso à internet e a uma vasta coleção de recursos bibliográficos, garantem que os estudantes dispõem de todas as ferramentas necessárias para o sucesso académico.

Um motor de investigação

Para além de ser um espaço de estudo e lazer, a Biblioteca Municipal da Maia é também um motor de investigação. Investigadores, estudantes universitários e outros profissionais encontram na biblioteca um vasto acervo de documentos, periódicos, bases de dados e outras fontes de informação que lhes permitem aprofundar os seus conhecimentos e desenvolver projetos de investigação.

Um futuro promissor

Os próximos anos prometem ser ainda mais desafiantes e excitantes para a Biblioteca Municipal da Maia. A instituição está constantemente a adaptar-se às novas tecnologias e às necessidades da comunidade, rumo à digitalização do seu acervo e na criação de novos serviços online.

Por tudo isto, a Biblioteca Municipal da Maia é, sem dúvida, um dos maiores tesouros dos maiatos. A sua importância para a comunidade é inegável e, como tal, este espaço continuará a ser acarinhado por todos.

Parabéns, Biblioteca!!!



*Celebrando 30 Anos:
A Biblioteca Municipal da Maia,
um Farol da Cultura e do Conhecimento*



Factos e Falas

Biblioteca Pública Municipal da Maia

Pelo Dr. AURELIANO FERREIRA

Por mais de uma vez visitámos a Biblioteca Pública Municipal da Maia, quando ocupados na pesquisa de elementos para tarefa ocasional de pouca monta.

Quer isto também dizer que, na realidade, nunca utilizámos aquela biblioteca pública como leitor sereno de uma qualquer das obras que possui, e, isso, porque não decorrem habitualmente na Maia, as horas do nosso lazer que à leitura ainda vamos dedicando.

Denunciando isto, estamos involuntariamente a referir, afinal, os dois serviços que as bibliotecas mais frequentemente prestam ao cidadão: o de local de pesquisa bibliográfica e o de local de recreação espiritual e deleite intelectual.

No caso das bibliotecas públicas, outros aspectos se salientam ainda, naturalmente, no primeiro impulso da nossa reflexão. Assim,

Se determinada biblioteca é pública, é porque alguém se afirmou convicto da necessidade de pôr à disposição do cidadão comum os serviços de uma biblioteca. Mais ainda, se esse alguém a criou efectivamente e a condicionou para a prestação gratuita de seus serviços ao público, é porque esse alguém se fez assumir do dever funcional de assim prodigalizar, ou porque, diferentemente, se fez mobilizar por um sentimento de dívida e de serviço à comunidade para que atentamente olhou, ou à comunidade de que sinceramente se enamorou.

— Ah! E, então, na Maia, que circunstância se verificou?

— Não foi a primeira delas — afirmamo-lo —, porque não foi o Governo que a criou. A Biblioteca Pública Municipal da Maia foi instalada pelo esforço dum comissão de maiatos e sob patrocínio da Câmara Municipal.

Quisemos saber alguma coisa sobre ela, e, para isso, ocorreu-nos contactar, em conversa amena, o Senhor Professor Faria, actual encarregado da Biblioteca, que, amavelmente, nos fez um carinhoso relato sobre a sua criação e evolução, do qual seguidamente oferecemos a público mera notícia.

Segundo nos foi dito então, a Biblioteca Pública Municipal da Maia foi fundada em Julho de 1954 por uma Comissão de maiatos de que faziam parte, entre outros, o Dr. Carlos Pires Felgueiras, então presidente da Câmara Municipal, o Eng.º José Afonso Moreira de Figueiredo, actual Director dos Serviços de Fomento da Câmara Municipal, e o padre José Pinheiro Duarte.

Na segunda segunda-feira do mês de Julho de 1954 — dia feriado municipal e dia principal das festas concelhias em louvor de Nossa Senhora do Bom Despacho — entrou a biblioteca em funcionamento numa sala do rés-do-chão do anterior edifício da Câmara Municipal que, por esta, fora cedida para o efeito. O mobiliário foi também

oferecido pela Câmara e, os livros, ofertados pelos elementos da comissão e por muitos maiatos de boa vontade, sendo de realçar o volume da oferta feita pelo maiato Sr. Rodrigo Gonçalves Lage.

Foi encarregado do seu funcionamento, no início, o professor primário Sr. José Soares de Almeida Rosas, que, pouco depois, era substituído pelo actual encarregado, o professor Normando Barbosa de Sá Faria.

Porque a Câmara Municipal, nesse tempo, não dispunha de verbas para aquisição, em quantidade bastante, de novos livros, a biblioteca não crescia quanto necessário, tendo, por isso, diminuído o número dos leitores.

Em face de tal situação, o presidente da Câmara, ao tempo, Senhor Coronel Carlos Moreira, decidiu contactar a Fundação Calouste Gulbenkian, entidade a quem solicitou o alimento desejado para os leitores da Biblioteca Pública Municipal da Maia.

Do contacto resultou a anuência daquela entidade, mas, sob a condição de, pela Câmara, serem oferecidas melhores e mais amplas instalações.

A Câmara aceitou o repto, e, em 1965, a Biblioteca Pública Municipal da Maia, albergando, agora, a Biblioteca Fixa n.º 109 da Gulbenkian, foi então condignamente instalada no n.º 143, R.C, da Praça do Município, Maia. O número e a frequência dos leitores aumentou, logo, de imediato.

Mais tarde, por imperativo do arranjo urbanístico da Praça do Município, a que a Câmara recentemente meteu ombros para dar lugar à construção do actual edifício dos Paços do Concelho, foi o Presidente da Câmara forçado a transferir, provisoriamente, aquela biblioteca pública para a cave do Bloco n.º 117 da Rua Dr. Augusto Martins, lugar onde se encontra ao serviço do público maiato desde 24 de Agosto de 1981, e onde terá de funcionar até à conclusão das obras da Casa da Cultura da Maia, que é um importante complexo de três edifícios prepositadamente concebidos para fins culturais, sendo um deles destinado exclusivamente à Biblioteca Pública Municipal da Maia que terá, então, condições para albergar duzentos mil volumes.

A esta notícia sobre o conteúdo do relato que nos fez o nosso interlocutor, acrescentamos nós que o carácter de transitoriedade desta última transferência da biblioteca, determinada pela Câmara em 1981, e, bem assim, o tipo e grandeza dos bons cuidados daquela Edilidade com a Biblioteca Pública Municipal da Maia, são, todos, iniludivelmente confirmados pelos seguintes factos: o da existência, por iniciativa daquela Câmara e a mandato do seu presidente, de um projecto grandioso da Casa da Cultura da Maia, com um dos seus três edifícios inteiramente reservado à Biblioteca Pública Municipal, a

seus arquivos e demais serviços auxiliares, e, a circunstância de a mesma Edilidade ter dado já por concluída, toda a primeira fase da grande obra, trabalho esse que é bem visível a todos e se encontra patente nos terrenos situados por detrás do edifício dos Paços do Concelho.

Ora, acontece que as obras da Casa da Cultura da Maia pararam..., melhor dizendo, foram mandadas parar, há meses, pela actual Edilidade. A obra mergulha agora, e por isso, na amargura da incerteza, aguentando a agressão das ervas daninhas que a cavalgam e a acção persistentemente demolidora, e infecta, das águas estagnadas que a sufocam.

Estes são os factos.

Das falas... diremos que a nova Edilidade teria votado a suspensão das obras sob alegação — segundo parece — de que o projecto da Casa da Cultura era grandioso demais para a Maia, precisando, por isso, de ser revisto...

Das falas, diremos ainda que, segundo outros, o atraso nas obras provoca grave repercussão sobre os custos, tendo em conta a subida, em flecha, dos preços da construção.

Enfim... Falas, ditos, comentários! Quanto a nós, diremos que são, muitas vezes, estas falas que dão acesso às realizações camarárias de grande vulto. E este é bem o caso — assim o julgamos.

Na realidade, que oposição poderá contrapor-se, a curto e médio prazo, ao efeito gerador de uma dinâmica urbanista semelhante aquela que se verifica na Maia? Projectar conscientemente para o futuro, deverá ser a resposta hábil e inteligente do maiato. E é neste entendimento que deverá julgar-se a validade deste projecto da Casa da Cultura da Maia.

Mas será que esta obra, tal como foi concebida, pode corresponder à necessidade próxima futura da população do Concelho?

Pensamos que sim. Mas, como chega ao comentário provável do leitor, julgamos de fazer realçar que, actualmente, o Concelho da Maia caminha para os cem mil habitantes, e que, neste momento, existem já dentro dele mais de 70 associações culturais, recreativas e desportivas, o que denota uma evidente tendência da população maiata para o associativismo recreativo e cultural.

Que propôr então? Edificar uma casa da cultura, suficientemente apetrechada, em cada uma das suas dezasseis freguesias? Promover tal edificação e o suficiente apetrechamento, sob a forma de subsídios sem fim, às associações já constituídas e a contribuir? Ou, projectar, no mais alto nível, e no centro cívico da sede do Concelho, uma casa da cultura ricamente apetrechada, que a todos possa servir e a todos projectar, dentro e fora de portas?

Quantas daquelas associações não se

vêm, agora, constringidas a enfiar suas peças e as danças e cantares de seus ranchos folclóricos em pequenas garagens ou em carunchosos barracos, sem um mínimo de condições, valendo-se, apenas, da sua multa de vontade e do grande desejo individual de fazer cultura?

E, nestas condições, que qualidade poderemos exigir aos actores, parcos e ensaiadores, se não têm possibilidade de mostrarem quanto aprenderem, por falta do contacto e de uma série de cursos de aperfeiçoamento que só a Câmara pode lançar em sua Casa da Cultura, se esta puder responder, pelo apetrechamento e pelas boas condições das instalações, às exigências pedagógicas daqueles qualificadas, nacionais, e, até, estrangeiros, que devam poder oferecer seus ensinamentos e seu dedicado afã?

Afadigam-se, de resto — qual frenética adulação! — no trato multifacetado da Cultura lusitana, todos os partidos políticos da nossa praça, de A a Z. Se assim é efectivamente, qual a razão real porque pararam as obras da Casa da Cultura da Maia?

Problemas novos de carência ao redor da justa avaliação do merecimento da gente maiata? Ambiguidades de gestão política? Falta de verbas?

Embora condicionados à forma do respectivo sapato, todos os partidos políticos, de A a Z, se denunciam, ao seu jeito profético, como gostosamente empenhados nas coisas culturais. Dai, a nossa convicção pessoal de que ninguém fará contra-cultura, nem ridicula ou malévolamente oposição caprichosa à obra grandiosa da Casa da Cultura, que o Presidente do Município, Doutor José Vieira de Carvalho, e a Câmara cessante, projectaram e lançaram para honra e benefício da Maia e dos maiatos.

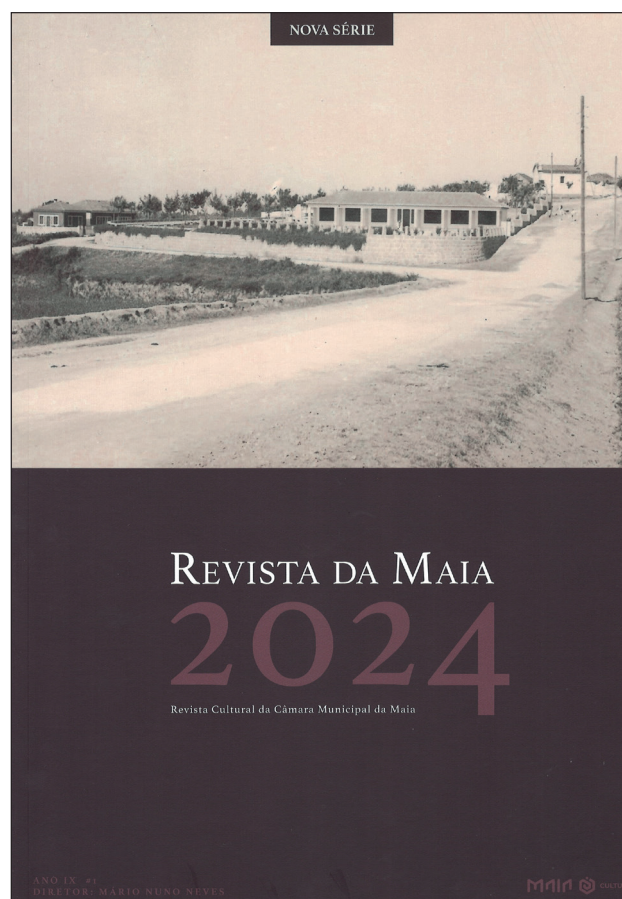
... E bem convirá que tal obra seja, senão majestosa, pelo menos de mui grande dignidade, por isso merecerem, não só a Cultura que ali se evocará, como a gente maiata que a vive e a representa. Além do mais, assim convirá, também, que aos herdeiros longínquos possa deixar-se matéria bastante para que em suas pesquisas arqueológicas venham eles a poder reconhecer, sobre os escombros da Casa da Cultura da Maia, o interesse, a valia e a prevalência que os maiatos de hoje sabem conceder às coisas da Cultura.

Dado que a Casa da Cultura incorporará, num dos seus três edifícios, a Biblioteca Pública Municipal da Maia, certo que muitas virão a ser as ofertas de novas obras literárias, quando os ofertantes souberem da boa qualidade e da amplitude das novas instalações, o que será bem diferente do que tem acontecido até agora, pois com dificuldade se manuseiam, lá, os cerca de nove mil volumes que a Biblioteca Pública põe ao dispor dos seus leitores.

Notícia do Jornal da Maia sobre a primeira Biblioteca oficial, criada em 1954.

Quarenta anos depois é inaugurado o actual edifício, parte integrante do Polo Cultural onde se insere o Fórum da Maia e o Centr'Arte.

“Revista da Maia 2024”



No seguimento dos números anteriores, a Câmara Municipal da Maia, através do seu Pelouro da Cultura, apresentou mais uma Revista da Maia. Aproveitando as comemorações do 30º aniversário da Biblioteca Municipal da Maia, no dia 14 de dezembro de 2024 teve lugar o lançamento da *Revista da Maia 2024*, a qual resulta de um conjunto de várias colaborações.

Perante uma audiência interessada, a apresentação ficou a cargo dos historiadores José Augusto Maia Marques e Rui Teles de Menezes, na Praça Fernando Campos da Biblioteca Municipal.

Assumindo-se como um dos mais relevantes projetos editoriais do concelho, que marca anualmente o panorama cultural e histórico da região, a publicação continua o seu propósito: a produção de conhecimento, numa celebração da memória e da identidade maiata.

Revista da Maia
– Nova Série Ano IX, 2024
Câmara Municipal da Maia, 2024
ISBN 2183-8437

Durante a sessão, os intervenientes destacaram o papel da revista como instrumento de preservação da memória coletiva, sublinhando o esforço editorial da Câmara Municipal da Maia em manter viva esta publicação, que já conta com um percurso consolidado.

Nesta edição são abordadas as mais diversas temáticas: o Culto à Santa Cruz de Moreira, o papel de Samuel Gramaxo nas Festas do Bom Despacho, os primeiros automóveis da Maia, a centenária gráfica - Empreza do Bolhão, a figura de Carlos Ferreira da Silva e ainda permitiu-se recordar duas pessoas muito queridas pelos maiatos – Manuel Correia e a Ti Carolina.

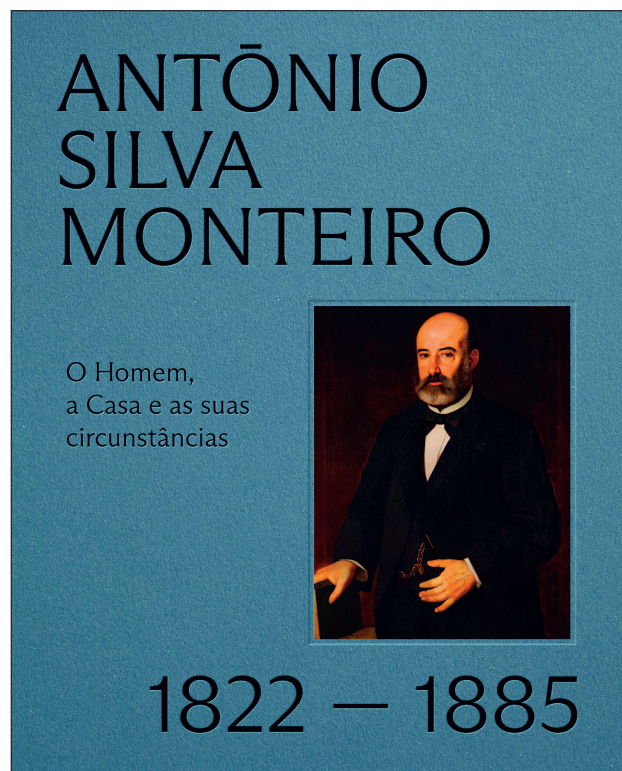
Foi, também, realçado, o local escolhido para a apresentação – a nobre casa dos livros, a nossa Biblioteca Municipal, cuja história começou muito antes, em 1954, no antigo edifício da Câmara Municipal.

Rui Teles de Menezes



**“António Silva Monteiro 1822-1885
- O Homem, a Casa
e as suas circunstâncias”**

Gonçalo Nuno Maia Marques e
José Augusto Maia Marques



Em dezembro de 2024 foi lançado o livro *"António Silva Monteiro: o Homem, a Casa e as suas Circunstâncias"*, da autoria dos historiadores Gonçalo Nuno Maia Marques e José Augusto Maia Marques, com a colaboração das arquitetas paisagistas Teresa Andresen e Teresa Portela Marques.

A obra, prefaciada por Rui Moreira e Dora Simões, retrata a vida do ilustre portuense António Silva Monteiro (1822-1885) e o seu palacete na Rua da Restauração, no Porto, atualmente sede da Casa dos Vinhos Verdes. O livro explora a história deste notável "torna-viagem" e as suas ligações ao mundo, oferecendo um vislumbre do Porto de outros tempos.

Nestas páginas são dadas a conhecer as ligações a instituições de referência como a Associação Comercial do Porto, a Câmara Municipal ou o Palácio de Cristal, para além das viagens ultramarinas e da dinâmica comercial entre Portugal e o Brasil.

António Silva Monteiro 1822-1885
José Maia Marques, Gonçalo Maia Marques
Edição: Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes
ISBN:978-972-97940-9-4

Foi o número 318 da Rua da Restauração, no Porto, o espaço escolhido para a apresentação do livro, o mesmo local onde António Silva Monteiro construiu o seu palacete. A antiga sala de jantar, hoje conhecida como Salão Nobre, divide-se em quatro partes: a figura, um novo Porto, o Palacete e, por fim, o seu jardim.

Além da elaboração da sua biografia, revela as origens, a jornada para o Brasil, a ascensão como comerciante e capitalista, e o regresso ao Porto. Sobre a Casa, considerada em tempos como a "mais luxuosa" da cidade, a obra explora a história, a arquitetura e o legado cultural deste imóvel. É também analisado o impacto de António Silva Monteiro no contexto da cidade do Porto e do país na segunda metade do século XIX. Ele foi uma figura com grande impacto comercial, cívico e filantrópico, refletindo as múltiplas interações entre Portugal e Brasil na época, bem como a efervescência económica e social da cidade invicta.

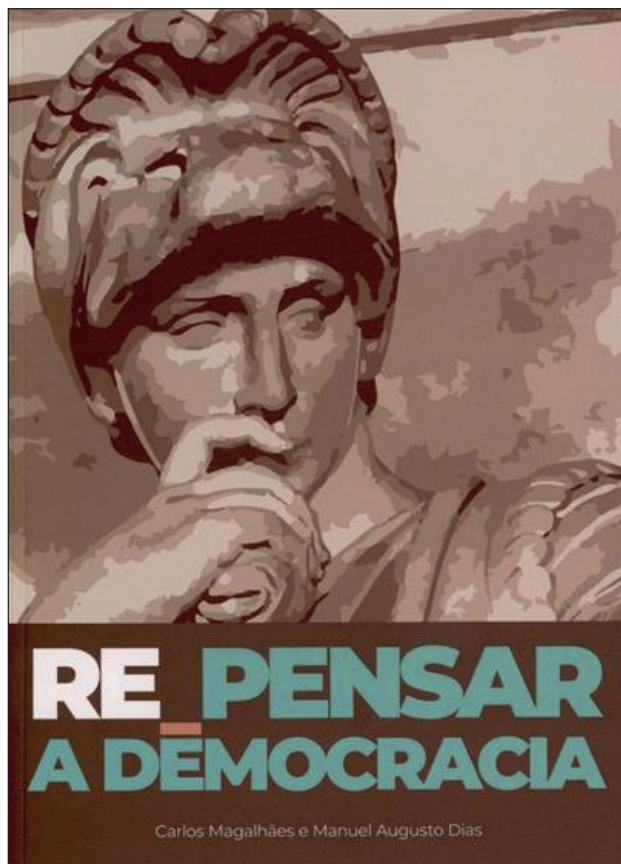
Além da evocação do Homem, da obra e do legado, sublinhou-se o contributo para a preservação da memória da cidade do Porto e de uma figura proeminente da sua história.

Rui Teles de Menezes



“Re_Pensar a Democracia”

**Carlos Magalhães e
Manuel Augusto Dias**



Depois de já ter sido apresentado em Ansião e em Valongo, desta vez coube à Maia receber um evento que pretendeu fomentar a discussão sobre os conceitos associados ao termo “democracia” e a sua aplicabilidade no mundo contemporâneo e no que há de vir.

Assim, o tema surge pelo lançamento do livro *“Re_Pensar a Democracia”* da autoria de Carlos Magalhães e Manuel Augusto Dias. O evento decorreu no Café Concerto do Fórum da Maia no dia 11 de janeiro, pelas 16:00, tendo a apresentação da obra ficado a cargo de Mário Duarte.

Perante uma plateia interessada, os autores explicaram o contexto da obra, onde consideram que “a democracia é um ideal a perseguir”, sobretudo nas sociedades modernas.

Re_Pensar a Democracia
Carlos Magalhães e Manuel Augusto Dias
Edição: Câmara Municipal de Valongo
ISBN:978-989-35263-3-0

Com esta obra, os autores pretendem «Para além das referências bibliográficas sobre a evolução da democracia desde a época clássica até aos dias de hoje, incorpora-se neste livro o pensamento de algumas personalidades que, no nosso país e no estrangeiro, têm travado autênticos libelos na defesa intransigente do “regime” democrático e na prossecução da sua melhoria» lê-se na contracapa do livro.

Entre os cambiantes do exercício democrático nas sociedades modernas contam-se três “modelos” fundamentais: a democracia representativa, a democracia participativa e a democracia deliberativa, a que acrescem os da democracia direta e da democracia pós-representativa que os complementam.

Rui Teles de Menezes



A Maia em Sonetos



O Zé Faria é um pintor de arte que com extrema sensibilidade nos pinta poemas. O Zé Faria é um fotógrafo que com enorme criatividade fotografa momentos, coisas, pessoas, factos, pensamentos, transformando-os, neste caso, em sonetos. O Zé Faria é um cineasta que com extraordinária habilidade filma pedaços de vida, a preto e branco e a cores.

Por isso este livro é uma verdadeira dádiva, de si para os outros. Aqui está a gratidão e o amor do filho da Terra, a revolta de quem ama a natureza, a inquietação de quem observa o mundo que o rodeia.

A Maia, a sua Terra, está presente ao longo de toda a obra: *“É a Maia a minha terra, / Foi aqui que vim nascer;”*

E o seu protetor, o Lidador, também: *“Guardião da terra e do seu povo, / O Lidador no centro da cidade, / Representa lutas sem igual;”* ou, noutro soneto mais adiante: *“Nos maiatos simboliza a linhagem, / De bom povo que luta e que trabalha, / Ainda a Maia lhe presta vassalagem.*

E a Senhora do Bom Despacho, e o que ela representa para as gentes da Maia, também tem o seu lugar: *“À Senhora, o povo, leva a oração, / Pela paz e progresso, pela criação,”*.

A sua freguesia Natal, Pedrouços, tem lugar de destaque: *“Pedrouços é o lugar / Onde nasci e me criei,”*

E Augusto Simões, aquela figura simbólica de lavrador da Maia, bem como o seu legado, são também lembrados: *“Deu ao povo o que era seu, / Terrenos e habitações, / À Maia, por serventia; / Onde nasceu e morreu, / A casa de Augusto Simões / É a junta de freguesia.”*

E a propósito de Pedrouços e da Casa do Alto, não se esquece a referência ao Prof. Vieira de Carvalho: *“É joia de Pedrouços no presente, / Quis o lidador moderno oferecer, / Estadista da Maia, grande obreiro”*.

Também o Rio Leça, do seu (des)contentamento: *“Rio Leça cresce e anda, / Contento e cheio de vida;”* ou, noutro soneto: *“O verão traz a magreza, / Ao rio da minha infância;*

Enfim, muito há para descobrir neste novo livro do Zé Faria. E o meu desafio é que o leiam. Leiam-no como se visitassem uma exposição de pintura. Leiam-no como se folheassem um álbum de fotografias. Leiam-no como se lessem um livro de memórias. Este livro é tudo isso e mais.

José Augusto Maia Marques

50º Aniversário da Escola Secundária de Águas Santas



No âmbito da comemoração dos 50 anos de existência da Escola de Águas Santas, no dia 28 de fevereiro decorreu a tertúlia "Pulsações de corredores e arritmias de amores", um evento marcado pelas histórias e memórias partilhadas por antigos alunos, professores e outros protagonistas da vida escolar.

Neste dia, várias gerações se cruzaram, imbuídas num sentimento de partilha e carinho à Escola onde cresceram, aprenderam e trabalharam. Entre os vários convidados, destaque para a participação de ex-alunos como os gémeos Pedro e Jorge Sobrado, Ricardo Luís Gomes, Rui Teles de Menezes, Bino do "Alaúde" e Rui Barreto Costa, ex-director e prof. da ESAS.

O sentimento dominante é que a ESAS era uma escola diferente, quase "uma grande família" onde todos se conheciam, unidos por um forte vínculo à mesma. Um espaço repleto de afectos, às vezes exacerbados, próprios da irreverência da juventude. Relembrou-se locais, excursões, "tribos", festas, personagens, um sem fim de boas recordações. Podemos dizer que foi uma verdadeira viagem nos últimos 50 anos, onde se cruzaram olhares, emoções e memórias, reforçando os laços que unem esta comunidade escolar.

Para abrilhantar o momento, teve lugar um momento musical protagonizado pelo professor Jorge Ferreira, acompanhado pelo ex-aluno e presidente da Junta de Freguesia de Águas Santas, Miguel dos Santos e pelo por Daniel Gonçalves que com as suas guitarras nos brindaram com uma emotiva versão de "Wish You Were Here", dos Pink Floyd.

E por que o teatro e dança não podiam faltar numa escola como a ESAS, o grupo QCena relatou histórias e sentimentos de tantos anos de ESAS enquanto no final, o Jacounce Academy apresentou uma performance repleta de cor e movimento.

Esta foi mais uma iniciativa integrada nas celebrações do meio século de existência da Escola Secundária de Águas Santas, entre muitas outras realizadas com o intuito de celebrar uma Escola muito especial.

Rui Teles de Menezes



O vinho como agregador social

- Valor militar do vinho



Localizado na Quinta da Boa Vista, bem no centro da Maia, este espaço conserva o passado rural, mantendo várias das construções originais. O amplo Parque da propriedade é passível de visita e carrega a memória dos antigos campos de cultivo agrícola.

Assim, no dia 28 de março teve lugar na Fundação Gramaxo, a 4ª Conferência: "O vinho como agregador social - Valor militar do vinho", como o próprio nome revela, dedicada ao papel do "néctar dos deuses" no contexto dos soldados na Guerra dos Dois Irmãos e o que se ia passando pela Terra da Maia, quando era vasta para todos os pontos cardeais e antes de ser retalhada em 1836/1837.

Partindo do testemunho do militar fardado a rigor Alexandre Veludo, personagem ficcionada pelo historiador e professor Sérgio Veludo e alicerçada em factos históricos, partiu-se para uma viagem onde foi possível constatar o papel do vinho como marcador social e civilizacional, como era ritualmente consumido e até proibido.

Em sentido contrário, alguns exércitos chegavam a promovê-lo, sendo elevado a “bebida nacional”. É neste contexto, e num âmbito cronológico e geográfico que diz muito ao Porto e ao Norte, que o militar Veludo revelou a sua relação com o vinho, fazendo a confidência que “uma das alturas em que preferiam beber água era quando disparavam as armas, tal era a pólvora libertada. Aí, vinho era impossível de ser consumido”.

Na imagem ficcionada em baixo, um quadro perdido de A.E. Hoffman, famoso pelo seu quadro a óleo representando a Batalha de Ponte Ferreira, 23 de Julho de 1832. Esta pintura retrata o Coronel Velludo, do Batalhão do Trem do Ouro, parte do Exército Libertador, quando passou na Quinta da Boa Vista, na Terra da Maia, em Março de 1834.

Rui Teles de Menezes



“A Terra da Maia, plasmada nas sete publicações do Clube Unesco da Maia”



Decorreu no passado mês de abril um conjunto de actividades de promoção do Livro e da Leitura, da responsabilidade da Biblioteca Municipal da Maia. Aproveitando a celebração do Dia Internacional do Livro Infantil (2 de abril) e o Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor (23 de abril), foi organizado um vasto programa, nomeadamente: encontros com escritores, oficinas, óscares da leitura, horas do conto, sugestões de leitura, entre outras.

Nesse âmbito, o Clube UNESCO da Maia (C.U.M.A) protagonizou uma conferência denominada “A Terra da Maia, plasmada nas sete publicações do Clube”, onde se abordaram os sete livros já publicados sobre a Maia, considerando muitos aspetos históricos da região. As temáticas desenvolvidas por associados do Clube UNESCO foram as seguintes: Os Moinhos da Maia/Rio Leça, os escritos do Padre Joaquim Antunes de Azevedo e as profissões da Maia – pinheireiras, lavadeiras, leiteiras. As comunicações revelaram dados importantes sobre a Maia, numa visão rica e abrangente sobre a identidade e o património local.

O Clube Unesco da Maia vem desenvolvendo uma importante actividade no âmbito da recolha e tratamento de diversas realidades do nosso património histórico-cultural, destacando-se ao longo dos anos, conferências como “Notáveis da Maia”, “Quando a Maia chegava ao Mar, e deu passagem à liberdade”, “A evolução da configuração geoadministrativa da terra e concelho da Maia”, “A Mulher da Maia - Elites no feminino”, “As pedras de lavar, lavadouros e lavadeiras – o caso da Maia”, bem como a produção de livros como “Moinhos do Leça”, “Moinhos da Maia”, “Memórias de Tempos Idos Vol. I, II e III” ou “A Mulher da Maia - da periferia à urbe portuense (final do século XIX - início do século XX).

Rui Teles de Menezes



“As Conquistas de Abril”



No dia 26 de abril, a Junta de Freguesia de Moreira abriu as suas portas para uma conferência dedicada ao tema “As Conquistas de Abril”, inserida no programa das comemorações dos 51 anos do 25 de Abril.

O evento contou com a participação dos historiadores José Maia Marques e Rui Teles de Menezes, e teve como convidada a Associação José Afonso, o que permitiu enriquecer a discussão com a sua perspetiva cultural e histórica. Representada por Fernando Lacerda, a Associação José Afonso afirma-se como defensora dos valores da Revolução de Abril.

A sessão iniciou-se com as palavras de congratulação pelo acontecimento, sendo imperioso recordar e refletir sobre o legado da Revolução dos Cravos. Destacaram-se os ideais de liberdade, democracia e justiça social, pilares daquele momento histórico, que continuam a moldar a sociedade portuguesa e a inspirar as novas gerações.

Através do relato de quem vivenciou os acontecimentos, exaltou-se o papel crucial da música de intervenção, nomeadamente a de José Afonso, como voz de resistência e catalisador das aspirações populares que culminaram na queda da ditadura.

Fez-se a retrospectiva da vida no anterior regime, a questão da censura, a Guerra no Ultramar, as questões sociais e económicas e do processo que desencadeou a revolta dos capitães.

Foi também abordada como a Revolução se fez sentir na Maia, as suas implicações e mudanças a nível camarário, a vinda dos retornados e instalação provisória na Feira da Maia e no Parque do Bom Despacho, a remoção da estátua do General Carmona e as alterações na toponímia maiata.

A conferência proporcionou um espaço de diálogo enriquecedor, onde os participantes puderam partilhar as suas próprias memórias e reflexões sobre o 25 de Abril.

O dia terminou com um concerto - "Cantar Abril", por José Luís Guimarães.

Rui Teles de Menezes



A produção gráfica da Empresa do Bolhão para o sector vinícola



Inseridos nas Oficinas de Investigação do CITCEM 24/25, sob a temática dos «Vinhos "Made in Portugal". Marcas e Publicidade», Pedro Leitão e Rui Menezes apresentaram um paper sobre “A produção gráfica da Empresa do Bolhão para o sector vinícola”, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Sucessora da agência de publicidade fundada por Raul de Caldevilla, a Empresa do Bolhão, criada em 1923, tornou-se numa das mais importantes produtoras de material gráfico do país na primeira metade do século XX.

Com oficinas na cidade do Porto, no antigo Palácio do Conde do Bolhão, sito na rua Formosa, teve por clientes algumas das maiores empresas que se dedicavam ao comércio de vinhos. Especializada nos grandes formatos publicitários, como cartazes e placards, mas também em trabalhos de rotulagem, de grande importância para a venda de bens alimentares, a colecção da Empresa do Bolhão reúne um singular conjunto de materiais gráficos produzidos para fins comerciais. Nesta comunicação, centrou-se a atenção no setor vinícola, um dos mais importantes para os negócios da empresa.

O evento que decorreu sob a moderação e comentários de Carlos Melo Brito e Maria Cristina Moreira (Professor Associado da Faculdade de Economia da Universidade do Porto, Professor Convidado da Porto Business School e Professora Auxiliar da Universidade do Minho) ainda incluiu outras apresentações: O projecto «Vinhos "Made in Portugal"»: objectivos e metodologia, por Carla Sequeira; A construção da identidade visual do Vinho do Porto Ramos Pinto, por Inês Dinis Craveiro; e Empresas vinícolas no arquivo Foto-Comercial Teófilo Rego - linhas de investigação, por Inês Azevedo e Joana Mateus.

Rui Teles de Menezes





Ficha Técnica

REVISTA DA MAIA – NOVA SÉRIE
ANO X 2024
#1

EDIÇÃO
Câmara Municipal da Maia
Pelouro da Cultura

DIRETOR
Mário Nuno Neves

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Sofia Barreiros

EDITORES
José Maia Marques
Rui Teles de Menezes

DESIGN
João Roque Pinto

PROPRIEDADE
Câmara Municipal da Maia
©Todos os direitos reservados
ISSN: 2183-8437

DEPÓSITO LEGAL
509488/22

CONTACTOS
infocultura@cm-maia.pt
cm-maia.pt

*Legenda foto capa: Família Sousa Dias e empregados na Quinta de Quires, anos 20.
Ao centro de pé, Manuel Sousa Dias; sentado de camisa branca, Manuel Sousa Dias Júnior;
atrás da criança, em pé, Félix Farinhote.*

